

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS – CAHL PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS CULTURA, DESIGUALDADE E
DESENVOLVIMENTO**

**O RAP NA CIDADE DE CACHOEIRA-BA: SIGNIFICADOS,
IDENTIDADE E PROTAGONISMO DA JUVENTUDE NEGRA NO
RECÔNCAVO**

Chrislane Souza Mascarenhas

Cachoeira – BA
2024

CHRISLANE SOUZA MASCARENHAS

**O RAP NA CIDADE DE CACHOEIRA-BA: SIGNIFICADOS,
IDENTIDADE E PROTAGONISMO DA JUVENTUDE NEGRA NO
RECÔNCAVO.**

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais cultura, desigualdade e desenvolvimento na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Mariana Balen Fernandes

Cachoeira – BA

2024

M395r Mascarenhas, Chrislane Souza.

O rap na cidade de Cachoeira: significados, identidade e protagonismo da juventude negra do recôncavo. / Chrislane Souza Mascarenhas. Cachoeira, BA, 2024. 122f.:il.: color.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Balen Fernandes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento, 2024.

1. Rap (Música). 2. Jovens negros. 3. Recôncavo (BA). I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 781.649

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB

Responsável pela Elaboração – Liliam Góes Lima (Bibliotecária – CRB-5/ 1905)

(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

CHRISLANE SOUZA MASCARENHAS

**“O RAP NA CIDADE DE CACHOEIRA-BA: SIGNIFICADOS, IDENTIDADE E
PROTAGONISMO DA JUVENTUDE NEGRA NO RECÔNCAVO”**

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau
de Mestre(a) em Ciências Sociais do Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal
do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira - BA, 26/12/2024.

BANCA EXAMINADORA :



Profa. Dra. Mariana Balen Fernandes
(UFRB – Orientadora)



Prof. Dr. Wilson Rogério Pentead Junior
(UFRB – Examinador Interno)



Profa. Dra. Silvana Carvalho da Fonseca
(UFRB – Examinadora Externa)

Agradecimentos

O meu agradecimento primeiramente vai para Aquele que em todo o tempo esteve comigo, me dando forças, sabedoria e por não ter permitido que eu desistisse: DEUS.

Agradeço a minha família, minha mãe em especial por todo sacrifício durante esse processo, em meio a tanta dificuldade sempre esteve comigo e nunca soltou minha mão, mas conseguimos vencer mais uma etapa importante na minha vida. Um sonho que não é só meu, é dela também, sempre sonhou junto comigo, então realizaremos juntas.

Agradeço muito também aos meus amigos e colegas que direta ou indiretamente me ajudou e me incentivou. Se não fosse por eles, acredito que não estaria vivendo esse momento único na minha vida. Me inspiraram e me incentivaram através de gestos e palavras que me fortaleceram muito. No início foi bastante difícil continuar por diversas questões, e eles nunca me deixaram desistir. Meu muito obrigada a todos os envolvidos. Não citarei nomes para que não fuja nenhum e eu seja injusta.

Meu agradecimento a minha orientadora Mariana Balen por todo apoio e confiança, desde o início com palavras de incentivo e dizendo que daria certo. “Tô de plantão, Chris, pode mandar mensagens qualquer hora, fia”. Gratidão por ter se disponibilizado e confiou em mim e na minha pesquisa. Não chegaria no final desse processo se não fosse por ti também.

Gratidão ao PPGCS, a coordenação, os docentes e a minha turma 2022.1. Aprendi com todos, a cada encontro, a cada conversa, nas trocas entre pesquisas, nas aulas... vocês foram muito importantes nesse processo.

RESUMO

A presente pesquisa tem como escopo analisar quais os sentidos atribuídos ao rap pelos jovens negros em Cachoeira. Busca analisar como a arte reflete cultural, social e politicamente nas trajetórias e vivências desses jovens negros e o quais impactos o rap produz. Intenta compreender a relação entre o gênero musical e os conflitos vivenciados pelos artistas negros quanto da sua inserção no rap no contexto cultural da musicalidade em Cachoeira. Considerando o contexto cultural diverso oriundo da histórica cidade de Cachoeira, envolvendo manifestações culturais ligadas ao patrimônio imaterial, identidades sociais, além das inúmeras produções relativas ao processo de ressignificação das relações étnico-raciais envolvendo grupos afro-brasileiros do recôncavo, indaga-se sobre quais os principais sentidos atribuídos ao rap pelos jovens negros e negras enquanto resistência e símbolo de identidade. Como o rap possibilita maior visibilidade e inserção perante as demais expressões artísticas e culturais oriundas do recôncavo baiano? Para responder a estas e outras possíveis perguntas, a pesquisa foi desenvolvida a partir de leituras envolvendo temas como identidades, juventude negra e arte na cidade, assim como questões acerca do contexto das musicalidades no recôncavo. Dados etnográficos contribuirão para uma maior compreensão acerca de questões subjetivas, aspectos ligados à performance e corporalidades, além das relações entre os sujeitos da pesquisa e o mundo do rap.

Palavras-chave: Rap, Recôncavo e Juventude Negra

ABSTRACT

The scope of this research is to analyze the meanings attributed to rap by Young black people in Cachoeira. It seeks to analyze how art reflects culturally, socially and politically on the trajectories and experiences of these Young black people. It attempts to understand the meanings of rap based on conflicts and situations exposed by black artists regarding their insertion in rap in the cultural context of music in Cachoeira, as well as their relationships with different social groups. Considering the diverse cultural context originating from the historic city of Cachoeira, involving cultural manifestations linked to intangible heritage, social identities, in addition to the countless productions related to the process of resignification of ethnic-racial relations involving Afro-Brazilian groups from the recôncavo, the question arises as to which the main meanings attributed to rap by Young black men and women as resistance and a symbol of identity. How does rap enable greater visibility and insertion of Young black men and women in the face of other artistic and cultural expressions originating from the Recôncavo region of Bahia? To answer these questions and other possible questions, the research was developed based on readings involving themes such as identities, black Youth and art in the city, as well as questions about the context of musicalities in the recôncavo. For greater understanding of subjective issues, aspects linked to performance and corporeality, in addition to the relationships between the research subjects and the world of rap.

Keywords: Rap, Recôncavo and Black Youth

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Apresentação do Aganju Uh Anti Influencer no Baile Pelo Certo.....	61
Figura 2- Aganju Uh Anti Influencer dando aula de Laboratório Musical no Studio Ibori.....	62
Figura 3- Aganju Uh Anti Influencer se apresentação no mutirão cultura do centro comunitário Luiz Orlando.....	63
Figura 4- XV Baile Pelo Certo.....	68
Figura 5- Us pior da turma no Baile Pelo Certo.....	69
Figura 6- XV edição do Baile Pelo Certo.....	70
Figura 7- MC Jayne.....	70
Figura 8- MC Marreta.....	71
Figura 9- MC Marreta.....	71
Figura 10- XXIII edição do Baile Pelo Certo.....	72
Figura 11- Rei Dan.....	73
Figura 12- DJ F3LIP3.....	74
Figura 13- Evento Circuito Cultural Além dos Muros.....	75
Figura 14- Curso de formação “Neoliberalismo e Supremacia Branca no Contexto de Guerra Racial de Alta intensidade na Bahia Contemporânea.....	78
Figura 15- Cine do Povo.....	79
Figura 16- Mutirão Cultural na Linha Velha, Rua da Feira. Com o tema: Hip Hop pela vida e pela paz nas periferias.....	80
Figura 17- Apresentação de Jahsco M2 e Dois Ás no Baile Pelo Certo.....	81
Figura 18- I edição da Batalha do Canhão em Cachoeira.....	86
Figura19- Batalha do Canhão acontecendo na FLICA (Feira Literária Internacional de Cachoeira.....	86
Figura 20- VI edição da Batalha do canhão em Cachoeira.....	88
Figura 21 – Apresentação da MC Jayne no São João de Cachoeira 2024.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BLACK MUSIC- Música preta ou música afro-brasileira

BEATS- Batida

BEATBOX- Sons e ritmos produzidos pela boca

BEATMAKER- Produtor musical que constrói instrumentais com elementos percussivos a partir da melodia

DJ- Disco Jôquei – o responsável por selecionar e apresentar as músicas

EUA- Estados Unidos

GRAFFITI- Palavra que vem do Italiano e quer dizer “escrita feita em paredes”

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LP's- Disco de Vinil ou disco fonográfico

MC- Mestre de Cerimônia

ONGS- Organização não governamentais

RAP- Ritmo e Poesia

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	11
Proposta Teórico-metodológica	15
<i>CAPÍTULO 1 CONTEXTO DO RAP E DA JUVENTUDE NEGRA: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E IDENTIDADES SOCIAIS</i>	23
1.1 Linguagens artísticas, expressões musicais, rap e performance.....	39
1.2 Juventude negra no Brasil e na Bahia	42
<i>CAPÍTULO 2 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO RAP PARA A JUVENTUDE NEGRA DE CACHOEIRA-BA</i>	45
2.1 Negritude e o rap em Cachoeira-BA.....	50
2.2 Identidade e representatividade do Hip Hop e do Rap em Cachoeira- BA.....	54
<i>CAPÍTULO 3 MC's, RAPPERS E DJ's: DISPUTAS E REDES DE RECIPROCIDADE DO MOVIMENTO ARTÍSTICO MUSICAL DOS JOVENS NEGROS DO RECÔNCAVO</i>	59
3.1 Espaços de expressões, reconhecimento e fortalecimento do rap e do hip hop em Cachoeira-BA.....	64
3.2 O rap em Cachoeira-BA e no Recôncavo Baiano.....	89
3.3 O rap e as mulheres rappers: o rap também é feminino.....	105
Considerações Finais.....	115
Referências.....	118

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como escopo analisar quais os sentidos atribuídos ao rap pela juventude negra de Cachoeira-BA. Busca analisar como a arte reflete cultural, social e politicamente em suas trajetórias e vivências. Intenta compreender o rap a partir de relações entre o gênero musical, rede de apoio, conflitos e situações expostas pelas/os artistas negras/os quanto de sua inserção no contexto cultural da musicalidade em Cachoeira, bem como as relações estabelecidas com distintos grupos sociais.

O contexto cultural oriundo da histórica cidade de Cachoeira é diverso e envolve manifestações culturais ligadas ao patrimônio cultural, identidades sociais, além das inúmeras produções relativas ao processo de resignificação das relações étnico-raciais de grupos afro-brasileiros do recôncavo. Para compreender o rap enquanto símbolo de identidade, resistência e luta que transforma trajetória, indaga-se acerca de como tal expressão, decorrente da musicalidade existente no recôncavo, possibilita maior visibilidade e inserção dos jovens negros e negras perante as demais expressões artísticas e culturais. Temas como identidade, negritude e arte em diálogo com questões subjetivas, ligadas à performance e corporalidades, auxiliaram na compreensão das relações entre os sujeitos da pesquisa e o mundo do rap.

A realização da pesquisa etnográfica junto a reflexões a partir do contexto social e cultural do Brasil em que estamos inseridos levou em consideração aspectos relativos às suas trajetórias de vida marcadas por estereótipos vinculados à juventude negra fruto do racismo existente em nossa sociedade. Tal grupo atravessa diversas condições políticas, sociais e culturas de conflitos de identidades e de território. Nesse sentido, buscou-se priorizar o protagonismo dos jovens negros do recôncavo dado a relevância que assume na desconstrução tais estereótipos ligados à violência e opressão. Buscando perceber as contribuições e transformações que esses jovens carregam nas suas vivências, a pesquisa pretende mostrar “o outro lado”, ou seja, o olhar do jovem negro na sociedade, e perceber que as ideias preconcebidas ligadas a eles podem não fazer parte das suas vidas. A pesquisa está direcionada a entender o rap e seus atravessamentos

em Cachoeira, a partir da visão e percepção da juventude negra artística da cidade e do Recôncavo baiano.

O tema sobre a juventude no Brasil está em constante transformação dada sua relação com a emergência de categorias sociais de pertencimento e formas de expressividade em torno das identidades sociais e suas transversalidades. Além de ser marcada pela diversidade a juventude ela é dinâmica, se modifica ao longo do tempo. Dayrell (2007) introduz o conceito de “condição juvenil” a partir do termo em latim *conditio* para se referir à maneira de ser e a situação de uma pessoa perante a vida e a sociedade. Segundo Dayrell (2007) a condição juvenil passa por uma série de transformações próprias de cada sociedade, de cada ambiente social, de como cada sociedade constitui e atribui significado a essa etapa da vida e como os jovens vão exercer essa condição. O que apresenta múltiplas formas de existência, a partir de elementos como as contingências históricas, sociais, de gênero, etnia, entre outros, que podem conferir desiguais condições de viver ou não a juventude

Nesse contexto, as particularidades que são vivenciadas pelos jovens, como as relações raciais, demanda, cada vez mais estudos e produção teórica acerca da realidade diversa da juventude no Brasil. A compreensão das práticas culturais juvenis, o conhecimento dos espaços e dos trajetos de circulação na cidade e no bairro, a vivência de uma situação social muito colada ao desemprego ou à procura do primeiro emprego podem ser aspectos vividos por esses sujeitos. Muitas vezes, o pertencimento a um grupo cultural configura-se como uma alternativa de sobrevivência e de construção de identidade para os jovens do recôncavo, o que por muitas vezes não é considerado pela família, pela sociedade e nem pela escola. A construção de novas perspectivas de vida e de profissionalização no mundo da cultura tem se configurado como uma das possibilidades de mudança dessa situação adversa. Nesse sentido, a participação nos grupos culturais e em projetos sociais ocupa um lugar de destaque na construção de uma nova perspectiva de vida. Como alguns jovens artistas negros *rappers* já desenvolvem tanto em Cachoeira como no Recôncavo, por meio de oficinas, palestras sobre questões raciais, políticas e sociais, assim como sobre projetos de vida e perspectivas de futuro.

A linguagem é uma ferramenta de fundamental importância para a interação e comunicação entre os indivíduos e a sociedade. A música aparece como um meio de incentivar esse protagonismo juvenil, dando ao jovem uma autonomia de expressar à sua maneira de ver o mundo, ressaltando que a música é uma mídia poderosa, pois é capaz de se comunicar com grupos sociais, e se comunicar especificamente com cada indivíduo. Não uma comunicação apenas por palavras, é uma comunicação para além disso. Pode promover desenvolvimento de diferentes grupos e opiniões políticas diversas. Em uma música pode conter uma abordagem política, pode conter uma história de vida, pode conter um movimento de resistência, e são esses movimentos de resistência também que os jovens negros têm desenvolvido nessas expressões musicais. E de combate ao racismo, combate ao preconceito racial, de gênero e sexual.

A musicalidade apresentada pelo rap está vinculada a uma longa tradição histórica. É uma manifestação de linguagem falada, incorporada a uma melodia que trabalha uma base rítmica repetitiva. João Rodrigo Pires (2007) refere-se ao rap como o pilar central do hip hop que usa a forma básica de expressão: a voz. As músicas de rap têm possibilidades de ser produzidas pela juventude sem nenhum recurso financeiro, pois não há necessidade de saber tocar nenhum instrumento musical. O rap se apropria de outros sons e recria-os transformando em novas músicas. Se apropriam e ressignificam uma cultura vigente para uma cultura popular. Segundo aponta Denys Cuche (1999):

[...] se uma cultura popular é obrigada a funcionar, ao menos em parte, como cultura dominada, no sentido em que os indivíduos dominados devem sempre “viver com” o que os dominantes lhe impõem ou lhe recusam, isto não impede que ela seja uma cultura inteira, baseada em valores e práticas originais que dão sentido a sua existência (CUCHE, 1999, p. 152).

Nos estudos sobre elementos culturais, é comum verificarmos a apropriação de elementos da cultura popular pela cultura hegemônica, seguido da transformação dos mesmos em produtos massificados, resultantes da indústria cultural. Com o Rap não foi diferente, embora esta tendência musical tenha sido aderida pelo mercado fonográfico, a sua prática enquanto arte de rua consistia em desafios improvisados, sem escrita ou elaboração prévia, expressado o que sentem sobre determinado assunto, conhecido assim como freestyle.

Os primeiros discos, especificamente os três primeiros do Racionais Mcs¹ na década de 1990, foram lançados e distribuídos, como também foi muito divulgado nas rádios comunitárias da periferia e em muitas outras apresentações em clubes e vários tipos de palcos improvisados nas “quebradas”, o Racionais Mc’s causou um impacto que não pode ser mensurado na juventude das favelas e periferias do Brasil, fazendo música reivindicando identidades de raça e classe. Ainda na década de 1990, em 1992 especificamente, na gestão de Luiza Erundina na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, a partir do reconhecimento da força do movimento, achou-se importante a realização de palestras sobre temas como racismo, droga e violência policial nas escolas da rede pública, entre os quais os Racionais Mcs participou. Batizado como *‘Rapensando a Educação’* o projeto passou a ser reproduzido em vários municípios brasileiros ao longo dos anos.

O ativismo político por meio da música possui um longo histórico. Assim, o rap, um dos quatro elementos do hip hop, ganhou uma aceitação dentre grupos de jovens ao redor do mundo que compartilham alguma situação de vulnerabilidade social ou sofrem das adversidades decorrentes da lógica excludente da globalização. Se tornando então um meio de resistência destes jovens que, por meio do rap, refletem, denunciam e se educam sobre as violências sofridas e convocam outros a fazer o mesmo. No Brasil, o rap apresenta características particulares, retratando particularidades do cenário político e racial do país. Dessa forma, o panorama brasileiro do rap pode ser percebido como um elemento de continuidade do movimento musical popular negro.

Essa pesquisa desenvolve diversas considerações abordando contexto sobre o rap e o hip hop, não podendo desvincular o rap do hip hop, pelo rap ser é um dos elementos que constitui o hip hop. Várias vezes será citado tanto o rap quanto o hip hop, porém o foco central desta pesquisa é o gênero musical: RAP.

Considerando o contexto cultural diverso oriundo da histórica cidade de

¹ É um grupo brasileiro de rap fundado em 1988 na cidade de São Paulo. É formado por Mano Brown, Ice Blue, EdiRock e KL Jay. Está entre os grupos musicais mais influentes do país e da música brasileira.

Cachoeira, envolvendo manifestações culturais ligadas ao patrimônio cultural, identidades sociais, além das inúmeras produções relativas ao processo de resignificação das relações étnico-raciais envolvendo grupos afro-brasileiros do recôncavo, quais os principais sentidos atribuídos ao rap pelos jovens negros enquanto resistência? O rap possibilita maior visibilidade e inserção dos jovens negros perante as demais expressões artísticas e culturais oriundas do recôncavo baiano?

Para responder tais indagações, o objetivo geral da pesquisa parte da seguinte premissa: analisar quais os sentidos e significados atribuídos ao rap pelos jovens negros e negras e o que o rap produz de impacto cultural e socialmente na cidade de Cachoeira. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) analisar as contribuições do rap em Cachoeira a partir do cenário cultural; b) compreender como a participação dos jovens negros e negras no cenário musical produz impactos nas perspectivas de futuro; c) analisar a partir das vivências desses jovens negros e negras os sentidos do rap na vida e na trajetória deles; d) identificar os conflitos vivenciados pelos artistas negros do rap em relação à sua inserção no rap e contexto cultural da musicalidade; e) compreender quais as possíveis relações entre os artistas negros de Cachoeira e os demais artistas ligados ao mundo do rap no Recôncavo. Por fim, fazer uma discussão de forma breve ao final do último tópico da pesquisa, sobre as mulheres MC's de Cachoeira e do Recôncavo, seus atravessamentos e suas vivências no rap no Recôncavo.

Proposta Teórico-metodológica

O sociólogo Karl Mannheim, em 1928 inaugura os estudos sobre sociologia da juventude, e começa a mostrar as especificidades que existem na noção de gerações, sem que se perca seus processos históricos e sociais. Pensar os indivíduos segundo o seu tempo, o seu contexto histórico. Mannheim (1968), afirmava que a juventude é como uma reserva de “recurso latente de que toda sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade” (p. 71). Ela é um elemento importante tanto para manutenção quanto para a mudança da social. A juventude tem em suas mãos o poder de transformar a sociedade tanto em sentidos positivos quanto negativos, nas suas maneiras de enfrentamento, de

encarar o mundo e nas suas decisões. De acordo ainda com Mannheim (1968), essa discussão de geração percorre a uma experiência social comum, um fenômeno comum a todos, mas que expõe esses indivíduos a um processo coletivo. Ou seja, um partícipe de uma geração partilha experiências comuns, e desfruta dos benefícios e das opressões dessa mesma geração, cada jovem carrega o peso da sua geração. Para o autor, os jovens são os que mais experienciam a sociabilidade considerando-se os sujeitos principais incentivadores da mudança. Isto é, considerou o termo geração associado à própria dinâmica das transformações sociais, as gerações podem ser consideradas resultados de muitas rupturas provocadas exatamente por mudanças históricas e sociais. Em outras palavras, o que Mannheim argumenta é que o que configura uma geração não é a data de nascimento em comum que eles têm, mas o processo histórico que uma parte da população compartilha. Weller, quando cita Mannheim, fala que a posição comum daqueles que são nascidos em um mesmo tempo cronológico seria a:

...potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante (WELLER, 2010, p.212).

Problematizar esse conceito de juventude torna-se complexo, pois existem diversas correntes teóricas que constantemente levantam questionamentos e discordâncias sobre esse tema. Em uma entrevista, Pierre Bourdieu (1983) apresentou um texto 'A "juventude" é apenas uma palavra' abordando sobre a questão da complexidade da categoria jovem e, conclui que essa juventude é construída socialmente, e afirmando que as divisões etárias são muito arbitrárias. Os velhos de "hoje" foram os jovens de "ontem", assim os jovens de "hoje" serão os velhos de "amanhã". É pensá-las em relação as gerações e contextualizá-las socialmente, como parte de uma geração específica que estar a todo momento se relacionando com pessoas de outras gerações. Isto é, a condição históricocultural da juventude não aparece de forma igual para todos os indivíduos ditos jovens.

A primeira impressão quando se afirmar que a juventude é apenas uma palavra é perceber essa categoria partindo do poder simbólico, conceito criado pelo próprio Bourdieu (1983), dos significados que esse conceito remete nos

diferentes “campos” do mundo social e principalmente em alguns âmbitos da nossa sociedade, de forma mais grosseria, que seria: o “rebelde”. Os jovens rebeldes são aqueles que não se inclinam a padrões impostos pela sociedade, aqueles que de alguma maneira ocupa espaços que historicamente não foram feitos para ele. É o “vândalo”, é o “desrespeitoso”, o “delinquente” etc. São jovens ou umas jovens negras que se empodera, e são conceitos que não são atribuídos a jovens brancos de classe média, pois os próprios jovens brancos de classe média se mostra como integrante da geração adulta. A cor da pele, a hierarquia racial é uma questão forte ainda na sociedade brasileira. Essas questões partem de uma estrutura de poder construída socialmente, onde o polo de poder existente coloca os brancos acima dos negros nas esferas sociais. Segundo Bourdieu, a palavra juventude é considerada como uma construção social, podendo se ressignificar socialmente, passíveis de transformação a todo tempo (p.113).

Por sua vez o sociólogo Groppo (2000) ao problematizar sobre o conceito de juventude como uma categoria social e que pode ao mesmo tempo pode ser uma situação social, no sentido em que as representações simbólicas tidas pelos grupos sociais deem significados a seus comportamentos e atitudes individuais, se inclinando para as representações socioculturais da juventude, partindo do meio social de diálogo e de trocas de experiências/vivências. E não estabelecer limites etários para a definição de juventude, por ser passível a ser influência e ser influenciada pelas transformações da sociedade. Ao mesmo tempo em que a juventude se torna uma representação sociocultural, ela apresenta como uma situação social, uma representação simbólica estabelecida pelos indivíduos (jovens) ou até mesmo pelos grupos sociais para exprimir comportamentos e atitudes que são atribuídos aos jovens.

A visão criada pela sociedade dos jovens da periferia, negros, associandoos a “vândalos”, “marginais”, “delinquentes”, “sem futuro” etc., gera uma série de consequências negativas para essa juventude. São associados sempre a coisas “negativas”, tachados como algo “negativo” na sociedade brasileira.

Takeuti (2002) usa o conceito de delinquência juvenil para dizer o quanto os “jovens de rua”, os jovens pobres são marginalizados em todas as esferas sociais. Há um número significativo de jovens que tem os seus direitos violados,

gerado por preconceito, acarretando a ideia de que eles não são merecedores do investimento em políticas sociais, se desenvolver profissionalmente e como seres humanos. Assim como faz uma discussão sobre a clivagem juvenil e relaciona-o com a fratura social do Brasil. Aponta a clivagem juvenil como uma existência social de jovens supostamente “com futuro” e de “outros”, os “sem futuro”. Enquanto uma parcela da juventude brasileira seria moldada pela disciplinarização institucional escolar “formativa”, os “outros” seriam reservados aos domínios do controle, da vigilância, da repressão e da supressão. A fratura social e a clivagem juvenil no Brasil apresentam elementos concretos e simbólicos. Realidade objetiva e subjetividade constituem um complexo no qual se entrecruzam biografias, alternativas e causalidades postas. O ser social juvenil, potencialmente, poderia sair do beco aparentemente sem saída das identidades forjadas.

Costa (2000), aborda sobre o que seria protagonismo juvenil. Partindo disso, a juventude poderá ser protagonista das suas próprias vidas, seus próprios projetos e objetivos. Cada vez mais os jovens têm desenvolvido a capacidade de ir atrás dos seus ideais, de impor opiniões, críticas etc. Para compreender a juventude é necessário conhecer as alterações que esse momento representa na vida de cada jovem. Pensar em protagonismo juvenil é entender em responder problemas reais onde são colocados os jovens como atores principais.

A participação dos jovens como atores sociais, na formulação e implementação de políticas é considerada fundamental. E participar de atividades além dos seus interesses pessoais e familiares, que partem para diversos âmbitos sociais, no sentido mais amplo, na sociedade, através de movimentos e outras maneiras de mobilização que expandem os limites socioculturais a sua volta. O que se coloca como uma barreira maior na participação política e social das juventudes, são os estereótipos e preconceitos que atingem diretamente essa geração.

Foi discutido anteriormente sobre diferentes juventudes e, sobretudo, a necessidade de ações que considerem todas as diversidades quando abordamos sobre os contextos culturais e socioeconômico de cada jovem. Partindo dessa discussão, importante perceber algumas práticas sociais que visem estimular os jovens na construção de projetos de vida, ampliando suas possibilidades, sua

concepção de mundo e percepção de suas escolhas e projetos de vida. Voltando a ideia do jovem ser o protagonista de sua vida e dos seus projetos. Os projetos não são definidos antes de qualquer experiência do sujeito, mas define-se ao longo do percurso da vida. Velho (1994) afirma que:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios (p. 46).

Partindo disso, percebe-se que os projetos individuais não acontecem de uma forma vaga, mas por intervenções de padrões culturais partilhados em universos específicos, e como também por condições socioeconômicas dos sujeitos jovens e suas famílias. Gilberto Velho (1994) faz uma metáfora sobre a metamorfose, dizendo que a metamorfose seria o processo social em que o indivíduo se reestrutura de uma maneira permanente. O sujeito é e não é ao mesmo tempo, a mudança individual aparece a todo momento. Isto é, vai se gerando caminhos distintos e particulares em relação aos outros grupos ou indivíduos que partilham diferentes trajetórias. A sociabilidade dos sujeitos amplia seus olhares para novos projetos e formas de pensar sobre seus projetos de vida.

A primeira noção para refletir sobre projetos, é de que os jovens podem de alguma maneira pensar os seus próprios projetos, independente de qual seja. Eles não são únicos, porém vai se constituindo por diversos e variados projetos definidos pela variabilidade, partindo disso, vão se alterando a partir das possibilidades apresentadas a eles, numa lógica de que esses projetos precisam ser pensados no sentido de que eles têm um significado em todos os sentidos possíveis que dirige à estratégia para alcançá-los. Referindo-se ao estabelecimento de projetos na e da juventude, Dayrell (1999) aborda que um projeto se concretiza a partir de duas dimensões. A primeira, é a identidade, isto é, quanto mais os jovens se compreendem será maior sua possibilidade de elaborar seus projetos de vida. A segunda é reconhecer a realidade, quanto mais reconhece-a o contexto ao qual estão inseridos, a compreensão de como funciona a sociedade e seus instrumentos de exclusão e inclusão e com

consciência de seu campo de possibilidades serão mais altas as probabilidades de elaborar seus projetos.

Danrlei Moreira (2021) quando discute projetos de vida de jovens negros em Cachoeira dentro de um cenário de morte a partir de um contexto de antinegritude, é perceptível que o primeiro projeto que a juventude negra tem dentro do seu cotidiano é o projeto da sobrevivência. E a partir do diálogo com seus interlocutores, ressaltam sobre a falta de oportunidade e a entrada dos jovens no “mundo das drogas” e como Cachoeira mesmo sendo carregada de títulos na sua história não produz meios de vida para oferecer aos jovens, e daí o crime aparece como um meio de sociabilidade para a juventude marginalizada, que na sua maioria são negros. Um dos seus interlocutores fala justamente sobre pensar seus projetos futuros e suas perspectivas através do rap, colocando o rap como uma possibilidade de transformação de vida. É importante também ressaltar que as inseguranças e incertezas dificultam o processo de construção dos projetos futuros dos jovens negros.

Ainda dialogando com o Moreira (2021), o rap segundo alguns jovens negros de Cachoeira é a chave para que eles sejam reconhecidos como artistas famosos e a partir dos recursos garantidos com esse reconhecimento possam realizar seus planos/projetos. A fama se dá a partir da visibilidade e do reconhecimento financeiro. Pensando isso como um projeto ou como um campo de possibilidade, essa articulação política e musical está dentro das trajetórias individuais e coletivas desses jovens.

O rap aparece para esses jovens como um meio de transformação de seus contextos objetivos para uma nova reconstrução subjetiva. Ou seja, aparece como uma válvula de escape e como um modo de vida, assim como afirma vários artistas do Recôncavo.

No que se refere a questão da identidade, não significa apenas associá-lo ao ‘eu’ interior, mas pensá-la como uma construção que o indivíduo vai fazendo intermédio das suas relações com o mundo e com as pessoas. É pensar a construção da identidade como um procedimento relacional como outro, a interação social. Sendo assim, é importante relacionar como a escola, esferas culturais e diversos grupos juvenis têm um significado e uma contribuição positiva nessa construção da identidade dos jovens, principalmente jovens negros.

A metodologia dessa pesquisa foi desenvolvida a partir de pesquisas bibliográficas, buscando mais compreensão sobre a situação dos jovens negros e negras no rap, as trajetórias desses jovens negros e negras no rap, também bibliografias sobre a participação de mulheres negras no rap, perspectivas de jovens negros e negras no rap. As contribuições culturais e protagonismo juvenil de jovens negros no rap. Partindo disso, foi feita uma pesquisa etnográfica, onde encontrei esses jovens e essas jovens, no intuito de compreender suas trajetórias e experiências antes e depois do rap, buscando também perceber suas motivações e os diferentes sentidos do rap em Cachoeira.

A pesquisa em questão, etnográfica, tem um caráter qualitativo, sendo que uma das técnicas a ser utilizada para a produção de dados é a entrevista semiestruturada, seguindo um roteiro elaborado para essa entrevista, possibilitando a livre expressão dos jovens acerca do tema proposto. É através dela que os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, produção dados objetivos e subjetivos.

José Guilherme Magnani (2009) entende que a etnografia é uma maneira específica de construir, em que o pesquisador entra em contato com o universo de um grupo de pessoas não apenas para permanecer ali, mas para fazer uma relação de suas teorias com aquelas compartilhadas pelo grupo pesquisado, a partir disso, encontrar um modelo novo de compreensão e entendimento. Não se restringe a averiguação de detalhes em campo “diz respeito à dupla face apresentada de um lado, a forma como é vivida pelos atores sociais e, de outro, como é percebida e descrita pelo investigador” (MAGNANI, 2009, p.137).

Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, estudos etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da etnografia que possibilita o encontro entre os sujeitos envolvidos na pesquisa pois eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

A pesquisa está dividida em 3 capítulos. Sendo o primeiro capítulo sobre o contexto do hip hop e do rap no Brasil, expressões artísticas e identidades sociais. Iniciando com uma abordagem sobre linguagens artísticas, expressões musicais, rap e performance. E finalizando com questões sobre negritude e hip hop, como também uma breve análise sobre a juventude negra no Brasil, na Bahia e no

Recôncavo. No segundo capítulo discuto sobre identidades e representatividade do rap e do hip hop em cachoeira a partir das perspectivas dos artistas negros da cidade. Como também faço uma discussão sobre espaços de expressões, reconhecimento e fortalecimento do rap e do movimento hip hop em Cachoeira. No terceiro capítulo, é um resumo de como as/os artistas negras/os se organizam no recôncavo. Apresento projetos e como tem crescido as redes de apoio e reciprocidades entre o movimento artístico político e musical da juventude negra do recôncavo. Trago as perspectivas e modo como eles enxergam o rap na cidade de Cachoeira e no Recôncavo Baiano. Por fim, uma breve análise sobre as mulheres rappers em Cachoeira e no Recôncavo.

A pesquisa contou com 5 interlocutores com entrevistas semiestruturadas, sendo 3 homens e 2 mulheres. Negro Dellys da PT, DJ F3lipe, Leepão, MC Velka e MC Isa. São cinco artistas de muita influência e referência no rap em Cachoeira e no Recôncavo. Tive um contato presencial, a partir das entrevistas em locais como jardim do faquir, escombro 777, jardim da pitanga e o espaço da ABW. Apenas a MC Isa teve um contato virtual, pois ela estava no puerpério e preferiu que fosse virtualmente. A pesquisa dialoga também com outros artistas, ReiDan, MC Jayne entre outros, que não foram de forma direta, através das entrevistas, porém trago as experiências e trajetória deles na pesquisa.

CAPÍTULO 1 - CONTEXTO DO RAP E DA JUVENTUDE NEGRA: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E IDENTIDADES SOCIAIS

Início a pesquisa observando as passagens culturais provocadas pelos fluxos migratórios, a transformação populacional que ocorreu com a chegada de novos moradores com a criação da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, além das influências midiáticas que houveram com a relação dos novos moradores com a comunidade, bem como o acesso às novas tecnologias pelos próprios moradores são fatores que trouxeram ares cosmopolitas à cidade, trouxeram novas perspectivas e modos de pensar. Como uma jovem negra nativa, trago nas minhas vivências e trajetória na cidade uma enorme percepção das mudanças que a UFRB trouxe para Cachoeira. Quanto à juventude negra que outrora não tinha muitas vezes perspectivas de futuro ou de projetos de vida, além de acessar o ensino superior público, encontra na Universidade uma oportunidade de criar outras formas de perspectivas de futuro e repensar projetos de vida.

Por um tempo, acredito que até o momento atual, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) sofre por uma visão ainda muito preconceituosa por parte de muitos moradores da cidade e cidades circunvizinhas. Ainda ouço muito frases do tipo: “a ufrb é uma perdição”, “nunca que irei deixar meu filho/a entrar naquela faculdade”, “aquilo não é faculdade é ponto de drogas”, “todo mundo que entra ali se perde, sai usando droga”. Portanto, por outro lado é importante ressaltar o quanto foi necessário e potente ter a UFRB na cidade de Cachoeira. Partindo da realidade da cidade, muitos dos jovens que hoje são formados pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia não teriam outras oportunidades de serem graduados hoje. Afirmando isso a partir da minha vivência e vivências de muitos amigos que são graduados e pós-graduados pela UFRB.

O diálogo em que a UFRB tem com as escolas e com a comunidade são fundamentais nessa construção de perspectivas futuras da juventude negra. Inclusive, foi a partir desse diálogo que surgiu o meu interesse em pesquisar juventude negra no rap em Cachoeira. Numa atividade do componente curricular de Laboratório de Pesquisa e Ensino da Realidade Social² realizada junto ao

² Componente Curricular do Bacharelado em Ciências Sociais.

Colégio Estadual da Cachoeira. Nessa ocasião foi proposto aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio que escrevessem sobre seus projetos de vida e o que pensavam sobre o futuro. A atividade foi finalizada com a música “Não é sério”, de Charles Brown Jr, e perguntamos quem saberia cantar. A maioria, em voz alta, falou o nome de um estudante. Partindo disto, este estudante, bem tímido, no momento cantou um rap e todos da sala, inclusive a professora, se impressionaram com a apresentação.

Um ano depois, durante o processo de construção do trabalho de conclusão de curso, encontrei o estudante, o acompanhei nas redes sociais e percebi que havia dado continuidade no universo do rap. É no rap que ele se expressa e, principalmente, expõe suas perspectivas de vida e de futuro. É no rap que o estudante conta seus projetos. Observei, assim, que existem inúmeros jovens na cidade de Cachoeira-Ba que encontram na música um lugar onde possam dar voz às suas ideias de mundo, de vida, às suas críticas à sociedade, ao sistema. E sua contribuição nesse combate diário ao preconceito, possibilitam um olhar sobre a noção de liberdade de ser quem são, suas trajetórias e experiências. O rap abriu outras oportunidades para que esses jovens pudessem ser de fato quem são, escolher o caminho que querem seguir. É no rap que eles pensam em mudar de vida. Hoje conhecido como Frall, com várias músicas de rap e trap gravadas, inclusive tem participação na música do ReiDan “Cês acharam que eu iria morrer cedo”.

O Recôncavo, geograficamente, é formado por municípios que culturalmente carrega na sua história ancestralidade negra em suas diversas manifestações. Com manifestações culturais como o samba de roda, irmandade da Boa Morte, a resistência do Candomblé entre outras.

As manifestações culturais tradicionais e características da cultura popular local agora dividem o lugar no calendário da cidade com eventos comuns da cultura urbana. Na música, é perceptível quando há uma circulação pela cidade que em diferentes espaços sonoros há uma diversificação na escuta de estilos musicais. Cachoeira é uma cidade extremamente musical. Rica em paisagens sonoras, a influência do samba de roda é perceptível a partir de suas divisões, como o caso do pagode, gênero musical em que a maioria da juventude local está inserida, mas especificamente conhecido como ‘paredão’. Porém, nas regiões

mais à margem da cidade, além do pagode, o arrocha, o reggae e o rap são outros dos gêneros que estão presentes nos contextos cotidianos. No dia a dia, é visível como a identidade cultural é marcada pelas diferentes formas de linguagem que se expressam na cidade.

Cachoeira é uma cidade conhecida culturalmente pelo samba de roda, que por sua vez nasceu no Recôncavo Baiano. O rap aparece como uma contribuição cultural, social, política e musical importante dessa Cachoeira, a partir das trajetórias e vivências desses jovens negros e das contribuições que eles trazem através do rap. A MC³ Jayne, rapper que começou sua carreira artística através do samba de roda, integrava no samba de roda mirim Flor do dia. Contudo, teve contato com outro projeto social e a partir desse projeto, por meio da dança teve sua aproximação com o Hip Hop que a fez migrar para o Rap. Atualmente é um dos principais nomes da cena do Rap da cidade e do interior, referência do Rap feito por mulheres no território baiano. A MC Jayne, o ReiDan, DJ⁴ F3lip3, Negro Dellys da PT entre outros, vem trazendo essas contribuições para cultura da cidade.

O ReiDan junto com Dj F3lip3, Negro Dellys da PT e Frall com a música *cês acharam que eu ia morrer cedo* traz uma discussão do imaginário social que a sociedade tem do jovem negro sem perspectivas para o futuro, é o jovem que não vai envelhecer, que vai morrer cedo. E lutam diariamente para que isso não se torne realidade como aconteceram com outros jovens na cidade. O rap cantado por eles refletem o cotidiano dos jovens negros em Cachoeira, como diz a letra *“eu tenho que continuar vencendo, lutando pra sobreviver crescendo, aprendi a caminhar perdendo... Pensaram que eu ia morrer cedo”*. O estigma social sobre os jovens negros desperta uma baixa autoestima, exclusão social, problemas psíquicos que afeta a saúde mental, que recaem diretamente na dificuldade de pensar sobre perspectivas de vida, de desenvolver projetos de vida e de futuro.

De acordo com Programa Brasil Sem Racismo (2002, p. 8) “[...] nascer negro ou negra está diretamente relacionado com a possibilidade de ser pobre”, como diversos outro estigma associado a juventude negra. Têm-se ainda, que do ponto de vista histórico, econômico e social a sociedade brasileira teve seu

³ MC é quem escreve, canta o rap e se comunicam com o público.

⁴ DJ é a figura que seleciona diversas músicas trabalhando suas composições para apresenta-las a um determinado público.

desenvolvimento pelas mãos da escravidão. E para iluminar o conceito de racismo Joel Rufino Santos (1984), frisa que: “racismo é um sistema que afirma superioridade de um grupo racial sobre outros” e essa relação de poder e dominação se acentuam nos países que um dia foram colônias de metrópoles europeias, criando assim o conceito de raça superior e raças inferiores”. (p.11)

Historicamente no Brasil, a música tem sido um instrumento disseminador da cultura da juventude negra. Tem crescido o número de jovens que encontram na música uma forma de expressar suas ideias, seus trajetos, seus anseios, seus sonhos, suas indignações e principalmente a cultura da paz, no sentido das violências em que jovens negros no Brasil são tratados. Não podemos deixar de ressaltar as consequências do imaginário social existente sobre a juventude negra. A mídia e as redes sociais disseminam diversas informações que não são favoráveis à juventude, e que acabam fortalecendo um imaginário coletivo negativo vinculado à violência constantemente atribuído ao jovem negro - “marginal”, “delinquente”, “ladrão”, “sem futuro”, “bandido”, “assassino”, principalmente aqueles que oriundos de bairros e espaços marginalizados pela sociedade com a mesma intensidade e distantes da realidade que atinge tais grupos.

Na sociedade atual, a juventude negra brasileira sofre uma grande categorização a partir do racismo e o conseqüente genocídio. Com isso, fazer eco para a voz dessa juventude e entender a sua trajetória, suas perspectivas de vida, torna-se de suma importância para combater o preconceito e a discriminação e seus efeitos em diferentes espaços, em especial, os de poder.

Desde o seu surgimento, o rap mostra como característica bem-marcada a questão da negritude, temática muito abordada nos quatro elementos que o constituem: rap, grafite, break, DJ⁵ e MC, principalmente no rap.

Muitas das letras do rap fazem menção ao passado, à ancestralidade e a histórias de lutas que envolvem a própria população negra, através de um discurso que retrata a preocupação do rapper com a questão da desigualdade racial que atrelada à desigualdade de classe transforma o negro num modelo de

⁵ RAP é uma mistura de ritmos, com rimas poéticas que os artistas integram caráter social, cultural e político. GRAFITE é uma arte através de pinturas feitas em muros e paredes públicas. BREAK é um estilo de dança urbana.

ser periférico. Tais reflexões, no entanto, nos permitem perceber a representatividade do negro na sociedade brasileira, a partir das vivências de cidadãos negros que por muitas vezes são excluídos e/ou calados devido aos preconceitos e discriminações. Além disso, segundo Marco Aurélio Tella (2000), as canções problematizam o modo como as violências diárias ao negro podem levar ao conformismo opressor e à aceitação de estereótipos que perpetuam a negação de seus direitos, impedindo seu desenvolvimento e reconhecimento da negritude

Por um lado, é importante ressaltar que essa configuração do rap aparece como uma via de mão dupla, no sentido do gênero. Ao mesmo tempo em que vem com discursos de enfrentamento das desigualdades raciais, ele aparece como reacionário no sentido das desigualdades de gênero, e acaba exercendo um grau de poder na sociedade. Portanto, a cada vez surge vozes femininas apresentando um discurso antissexista e questionando essas posições de poder, e afirmando que o lugar de mulher também é produzindo conhecimento e diálogo, produzindo músicas que falem sobre suas vivências, sobre suas experiências e sobre seus anseios e perspectivas de vida.

A letra da música “Não é sério”⁶ de Charlie Brown Jr⁷, oferece pista analíticas para compreendermos como os jovens aparecem no imaginário da sociedade brasileira, principalmente os jovens negros. Certamente a estrofe “*Vejo na TV o que eles falam sobre os jovens não é sério...O jovem no Brasil nunca é levado a sério*” sintetiza a forma como os jovens são tratados no Brasil. Paramos para pensar, quem são esses jovens que a tv fala, que a tv discrimina?! O jovem negro, periférico, de escolas públicas. Os estereótipos construídos a partir das mídias e reproduzidos pela sociedade para essa juventude acabam o associando a sempre algo negativo, a sempre “*o preto mal-encarado, o preto ladrão, o preto bandido, o preto marginal, o delinquente*” e que infelizmente esses jovens sofrem as consequências dessa sociedade que o marginalizam/discriminam.

⁶ Música “Não é sério” de Charlie Brown Jr, gravada por ele e Negra Li. Do álbum “nadando com os tubarões”, lançado em 2000.

⁷ Foi uma banda brasileira que misturava vários ritmos como rock reggae, rap, hardcore e skate punk. Criada em 1992, a banda teve seu fim com a morte do vocalista Chorão, em 06 de março de 2013.

A letra da música ainda dialoga com uma questão crítica sobre a sociedade conservadora na maneira em que vê os jovens brasileiros, tratando-os como marginais e sem esperança de um futuro digno, sem ao menos tentar ouvir os sonhos, ou ajudar essa juventude a sonhar. Fazer ecoar as vozes dessas juventudes vai possibilitar diversos avanços na construção das suas identidades e das suas perspectivas. Por isso é sempre colocado a importância do rap, da música, da arte e da família nessa fase da vida dos jovens, na atenção, nos incentivos e nos diálogos.

Ricardo Teperman (2015) no seu livro intitulado 'Se liga no som: as transformações do rap no Brasil' faz abordagens interessantíssimas sobre a história do rap e suas transformações. No que diz respeito ao local de surgimento do rap vários MCs dirão que nasceu no Bronx, Nova York. Porém para dar sentido a essa geografia do rap o Teperman (2015) considera que houve duas ondas de imigração. A primeira foi a de centenas de africanos, para alimentar o maquinário regime escravocrata nas Américas, lideraram várias revoluções na música no mundo inteiro, que acaba contribuindo na criação de gêneros como jazz, rock, blues, soul, funk, reggae e inclusive o rap. Após a segunda Guerra Mundial aconteceu a segunda onda migratória, homens e mulheres pobres da Jamaica, Porto Rico e Cuba foram para os Estados Unidos na busca de melhores condições de vida e de trabalho, se estabeleceram nas periferias das grandes cidades. Um desses bairros onde eles se acomodaram era o Bronx, a região vivia em uma situação de abandono e degradação. Bairro predominantemente negro, havia pouco espaço de lazer, esporte e cultura. Os jovens vivenciavam a violência urbana e as guerras entre gangues.

Nas festas dos finais de semana alguns desses imigrantes juntavam equipamentos de som que tocavam discos de reggae, soul e funk, e criavam nas ruas clima de festa. Aproveitavam esses momentos e usavam o microfone para falar com o público, entre as músicas e durante as músicas, como mestre de cerimônia (daí a sigla MC). O DJ desempenha um papel fundamental no manuseio dos discos, porém acabou ficando mais focado nessas execuções que não conseguia falar com a plateia, daí aparece o mestre de cerimônias (MC) para desempenhar esse papel de "animador" da festa.

No final dos anos 1970 houve algumas oportunidades de gravação de discos, porém grande parte dos MCs e DJs não acharam que era uma boa ideia, só fazia sentido para eles enquanto performance no contexto das festas nas ruas. Nos anos de 1950 e 60, Sylvia Robinson, cantora, compositora e produtora, percebeu que nessas festas nas ruas poderia ser uma grande oportunidade comercial. Já lá em 1979, Sylvia e seu marido Joe Robinson juntaram jovens MCs inexperientes para formar um grupo Sugarhill Gang. Criaram o selo Sugar Hill Records para lançar o single “Rapper’s Delight”⁸, autoria da Sylvia e dos MCs. Enquanto por outro lado os raps circulavam apenas de mão em mão entre os jovens dos bairros pobres, passavam longe do mundo do capital.

Ainda em 1970 lá no Bronx, o rap produzido era de maneira caseira pelos grupos que eram gravados em festas e clubes, porém eram mais distribuídos do que vendidos. Quando o rap entra na indústria fonográfica são desenvolvidos diversos questionamentos sobre a relação entre mercado e cultura. Os rappers não conseguiam imaginar como a prática de improviso que animava os bailes poderiam vir a ser registrado em disco e gerando dólares.

“Rapper’s Delight” em 1979, foi o primeiro rap a estourar chegando a ser top 4 da Billboard¹¹, vindo a ser hit internacional, porém por outro lado não foi o primeiro registro fonográfico, existia grupos de jovens de diversas regiões de Nova York e cidade vizinhas que começaram a produzir seus próprios discos. Por supostamente os MCs e os DJs associar essa música às festas de ruas retardou a gravação de disco de rap. E foi justamente o sucesso de “Rapper’s Delight” que motivou a gravação de discos de rap.

Sylvia Robinson⁹ teve um papel interessante nessa trajetória do rap na indústria fonográfica por ser uma das maiores produtoras musical Norte-Americana. Após, muitos outros produtores reproduziram o modelo criado por ela, gravar os músicos tocando repetidamente um trecho de um sucesso e juntar jovens MCs para colocar suas rimas sobre essa base já gravada.

Antes do rap se tornar um dos gêneros musicais que muito lucrava no mercado fonográfico norte-americano, gerava-se um sentimento de incertezas na

⁸ É um single de 1979 do trio de estadunidenses de rap Sugarhill Gang, que acabou se tornando responsável pela popularização do rap no país. Música de 14 minutos gravada em um single. ¹¹ É uma revista semanal do EUA que divulga informações sobre a indústria musical.

⁹ Foi uma musicista, cantora e produtora musical Norte-Americana. Fundadora e CEO da gravadora de hip hop Sugar Hill Records.

relação entre o mercado e a cultura em alguns rappers. Primeiro o sentimento de perder a produção de significados dessa construção do rap, e segundo o mercado possibilitava a difusão desse gênero musical que é legítimo e desejado.

Podemos considerar que Zulu Nation¹⁰ foi a primeira Organização não Governamental ligada ao hip hop, fundada pelo DJ Afrika Bambaataa. Pretendia combater a violência que era um elemento forte na região entre as gangues promovendo competições por meios dos quatro elementos que são: MC, DJ, grafite e break. Sua principal estratégia era atrair jovens da periferia por meio da música, dança e pintura, o que se repete por diversas ONGS hoje em dia, inclusive no Brasil. A música, dança e pintura, além de sugar as energias evitando que fossem empregadas em ações ilícitas e prejudiciais aos próprios jovens, fez despertar o interesse, querer conhecer, aperfeiçoar-se e expandir a cultura da periferia. Além de estratégia para atrair os jovens e conter disputas e violência entre as gangues. A música, a dança e a arte do hip hop, funcionam como elementos de promoção da cultura. Para fazer as letras, inventar novos passos de dança e expressões artísticas, é preciso conhecer a realidade, conhecer histórias, estar engajado. Dessa forma, promove-se a conscientização e a inserção social dos indivíduos ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram. O Bambaataa acreditava na existência de um quinto elemento na cultura hip-hop, que é o conhecimento. Isso remetia a contraposição de reduzir o rap a um produto de mercado, mas reformula a sua potencialidade enquanto instrumento de transformação. Não era apenas um movimento cultural e artístico, mas também um instrumento de resistência social e política do movimento negro.

Importante destacar a grande ligação com as lutas do movimento negro. No fim dos anos 1980 apesar das perversas formas de desigualdade social e racial, as letras dos raps não se debruçavam sobre essas questões, porém mesmo não se debruçando sobre essas questões não deixavam de valorizar e estruturar os movimentos de identidades negras na dança, no estilo de se vestir, e nas músicas que produziam significados.

¹⁰ ONG fundada pelo DJ África Bambaataa em 1970 que tem como princípio as bases do hip hop: paz, amor, união e diversão. É uma comunidade de referência dentro do universo do hip hop e do ativismo social com sedes no mundo inteiro.

No Brasil, a chegada da black music, especificamente o soul, antecipou a entrada do rap. De acordo com Rocha, Domenich e Casseano (2001), os bailes foram os primeiros a reunir a juventude negra de São Paulo, promovidos principalmente pela Chic Show durante os anos 70. O rap nacional começou a ser disseminado no Brasil, principalmente no centro de São Paulo, na década de 1980, por meio de encontros de dançarinos de break e integrantes do movimento hip hop, que ocorriam no largo São Bento e nas galerias da rua 24 de Maio. Além de dançar, os jovens trocavam LPs ou fitas cassete e formavam duplas ou grupos de rap. A chegada do hip-hop no Brasil na década de 1980 foi essencial para o surgimento de ações afirmativas referentes à valorização do jovem negro.

O rap brasileiro se caracteriza por três fases distintas, delineadas entre seu surgimento e as produções atuais. A primeira fase se caracteriza pelo seu discurso ideologicamente menos aguerrido em relação às fases posteriores, visto que os jovens da periferia, inicialmente, queriam se divertir e dançar nas ruas do centro da cidade. Mas esses encontros públicos já prenunciavam uma movimentação da juventude negra em busca de seus territórios na cidade de São Paulo. A segunda e a terceira fase recebem maior atenção em razão do discurso adotado em ambas, que se mostra mais comprometido ideologicamente com as causas sociais e denuncia a situação social de abandono dos jovens negros. Sobre esse assunto, Fonseca (2011) destacou algumas características referentes à segunda fase, cuja narrativa denuncia o drama social dos indivíduos socialmente vulneráveis abordando que alguns núcleos parecem ser mais característicos de determinadas fases, a exemplo do que se refere à baixa expectativa de vida de quem é pobre, negro e vive em locais violentos. Participam dessa segunda fase o grupo Racionais MCs, o rapper Sabotage, entre outros. Ao se referir ainda a essa segunda fase do rap nacional, a autora enfatiza um importante aspecto sobre as letras dos grupos destacados no final dos anos 1980 e início dos 1990, marcada por denunciar esse sujeito periférico, negro, que convive cotidianamente com a violência.

Thaide e DJ Hum foi o que deram o ponta pé e foi o primeiro grupo de rap a produzir um disco no Brasil. "*Corpo Fechado*" refere-se à necessidade de se impor diante de quem tentar lhe fazer o mal, dessa forma, cria um alter ego¹¹ onde

¹¹ "O outro eu", pessoa em que deposita a máxima confiança.

os orixás o protegem, como também à relação tensa com a polícia e à ética da favela. Apesar da música não ter sido tão tocada nas rádios, foi suficiente para levar Thaíde e DJ Hum a fazer apresentações em outras cidades do país, com isso dá um ponta pé inicial no rap nacional. "*Homens da Lei*" crítica sobre a truculência policial contra moradores da periferia e a omissão perante os verdadeiros foras da lei entre outros. Racionais MCs se tornaram o principal grupo de rap do Brasil. "*Pânico na Zona Sul*" expõe o descaso do Estado/Município sobre as regiões periféricas da cidade de São Paulo, em especial os bairros da Zona Sul. "*Homem na estrada*" relata a trajetória de vida de uma pessoa que desde criança se viu envolvido em crimes, em um determinado momento foi preso e ao cumprir sua pena, pretende mudar de vida. Câmbio Negro "*Encarcerado*" letra longa e complexa que descreve a trajetória do início ao fim, de um usuário de drogas e sua vergonha diante da mãe, namorada e filho. São rappers que teve uma fundamental importância para alargar as portas do rap no Brasil e possibilitar a entrada de outros rappers no cenário nacional.

As manifestações de rap no Brasil eram inúmeras e tinham sua própria essência, não eram meras cópias do gênero que surgiu nos EUA, mas traziam suas particularidades e uma busca de problematização da realidade brasileira nua e crua, exposta em versos acompanhados de melodia que ecoavam não só pelos grandes centros, como também por todo território brasileiro, tendo nesse ponto aspectos diversos dentro da própria identidade nacional, como nos diz Macedo (2011):

No Brasil, a título de exemplo, o rap foi consumido e ressignificado conforme as regiões, e as disparidades daí advindas podem ser observadas em relação aos aspectos locais, mesmo que a origem e o local de maior expressão sejam o mesmo, ou seja, a periferia. Estes espaços apresentam características particulares no que concerne às canções, mas as formas de produção sofreram influências musicais diferenciadas.

(MACEDO, 2011, p.264)

As influências pelas quais o rap nacional se formou foram diversas e não tinham uma só origem ou tema. As dificuldades do povo brasileiro desde o Norte do país até o Sul são encontradas nas letras das canções. Apesar do grande representante desse ritmo ter sido os grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, o interior do Brasil também se apropriou desse fenômeno para suas

denúncias, suas desigualdades e suas lutas particulares de cada região. Como uma voz periférica, o rap e o movimento hip hop, no geral, não desejavam pertencer ao cânone cultural, mas desejava ser visto e respeitado como cultura, saindo assim das margens para o grande centro das metrópoles, para que seu som ecoasse e quebrasse as barreiras sociais.

*Jogo ainda não virou mas ainda vai virar mundo
gira tempo dirá nós queremos as de cem isso é
nosso também tem tempo que assistimos só
vocês se dar bem.
(Brisa Flow – As de cem (2015))*

Os versos acima escritos por Brisa Flow no rap *As de cem* dialogam muito com a situação onde muitas rappers se encontram do Brasil. Esse estilo conta com uma dominação masculina ainda no centro do movimento, apesar de uma forte presença das mulheres em relação ao total de cantores prova de que o machismo, além de outros preconceitos, ainda é algo a ser superado dentro da cena do rap. Através das letras, essas artistas mudam diariamente suas realidades e de todos ao seu redor. A partir de suas vivências, elas dominam o país e o mundo falando sobre temas essenciais como racismo, gordofobia, LGBTfobia, misoginia, empoderamento feminino, amor, representatividade entre outros.

A mulher sempre esteve presente nesses espaços, o que ocorre é que ocultam as suas falas e são subalternizadas: enquanto margem social, enquanto mulher e enquanto mulher negra. Como já foi dito, o rap está extremamente ligado às questões das causas negras e surgiu mediante as reivindicações dos movimentos negros, que mais tarde abrange várias outras questões. A mulher negra desempenha um papel fundamental na luta contra a violência de gênero e contra o racismo no geral, como cita Davis:

“As mulheres de classes trabalhadoras, em particular as de minoria étnicas, enfrentam a opressão sexista de um modo que reflete a realidade e a complexidade das interconexões propositais entre opressão econômica, racial e sexual. Enquanto a experiência de mulheres brancas de classe média com o sexismo incorpora uma forma relativamente isolada dessa opressão, a experiência das mulheres de classe trabalhadora obrigatoriamente situa o sexismo no contexto da exploração de classe- e as experiências das mulheres negras, por sua vez, contextualizam a opressão de gênero nas conjunturas do racismo” (DAVIS, 2017, p.37).

O rap como espaço de luta e de denúncia social desenvolve um ambiente de fala extremamente necessário para mulheres e, principalmente, mulheres negras, que já enquadram em suas lutas históricas, outros aspectos sociais que abrange não apenas os problemas da periferia, mas também os problemas de gênero. Ao falarmos de rap feminino não podemos separá-lo do feminismo negro. As letras de mulheres rappers carregam mais esse diferencial do rap no geral. O rap brasileiro que trata a realidade nacional, suas desigualdades, denúncia de violências e até mesmo propõe soluções, ainda possui mais um aspecto, que pode ser o rap feminino negro e suas lutas particulares. Diante desses fatos, podemos recorrer a Sueli Carneiro (1995), filósofa e escritora, que, ao discorrer sobre o feminismo negro, registra:

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental de formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminismo construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se compor uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição do ser mulher, negra e, em geral, pobre; delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista brasileira. (p.273)

Farei uma discussão com mais detalhes e profundidade sobre essas questões no Capítulo 3, tópico 3.3. Abordarei as dificuldades enfrentadas, os desafios, os anseios e visões das MC's sobre o movimento. Tendo em vista que, é indissociável a questão de gênero nesse processo. Importante trazer a situação das mulheres rappers para entendermos de maneira mais ampla o movimento hip hop, especificamente o rap na, e como tem se desenvolvido na cidade de Cachoeira e no Recôncavo baiano.

A sigla RAP, que pode ser traduzida como “Ritmo e Poesia”, também era denominada por alguns artistas como “Revolução Através das Palavras”, que expressa o que era o rap para aqueles que iniciaram o movimento no Brasil. Em Cachoeira, essa revolução através da arte aparece nas formas de expressões em que os artistas incorporam, nas suas vivências, no seu cotidiano, nas suas

relações com as comunidades a partir do que é desenvolvido através das ações sociais e comunitárias.

Em uma de suas letras, o Racionais MC's na música Capítulo 4 Versículo 3 diz: “Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição”, evidenciando o caráter combativo do estilo musical, que pode servir como meio de expressar o que se vive nas periferias do país. A realidade dura da juventude na favela transforma-se em indignação e o grito preso na garganta vira rima, som e batida. Sua mensagem pôde chegar a inúmeras favelas espalhadas pelo Brasil através da música.

Apesar da grande diversidade que existe em nosso país e nas periferias espalhadas por todo território, todas elas têm histórias muito parecidas, como relata o rapper GOG em seu rap música *Brasília Periferia*, quando disse que: “*Periferia é Periferia em qualquer lugar*”. E as realidades retratadas pelas músicas de artistas de diferentes regiões confirmou esta teoria. O descaso governamental com a juventude negra e periférica, a realidade da juventude que não consegue estudar por ser obrigada a trabalhar, a violência do Estado, a falta de condição de moradia e saneamento básico e a realidade do racismo sofrido pelos jovens da periferia são temas bastantes presentes nas letras de rap, não importando de qual região seja o MC. Reivindicações por educação, moradia, emprego e saúde, entre outras, também são feitas através das suas poesias.

Além das denúncias sociais, as músicas de rap também debatem a importância da solidariedade, humildade, paz, coletividade e união da favela, além de ressaltar sempre o orgulho de ser periférico e adepto à cultura hip hop. (SITE JORNAL DO RAP¹²)

Embora alguns rappers de hoje tenham mudado essa percepção, não pode se negar o papel histórico do rap em tentar formas de construir uma comunicação popular dentro da periferia e a utilização dela para protestar e espalhar as ideias do povo. Desde o início da sua história, o rap e a cultura hiphop foram formas de resistência contra as opressões e daí surgiram letras potentes como as de “Canção foi tão Bom” do Sabotage, que diz: “estude Marx, seja um Mártir, às vezes um Luther King, um Sabotage”, “Fogo no Pavio” do GOG, “Mil faces de um Homem

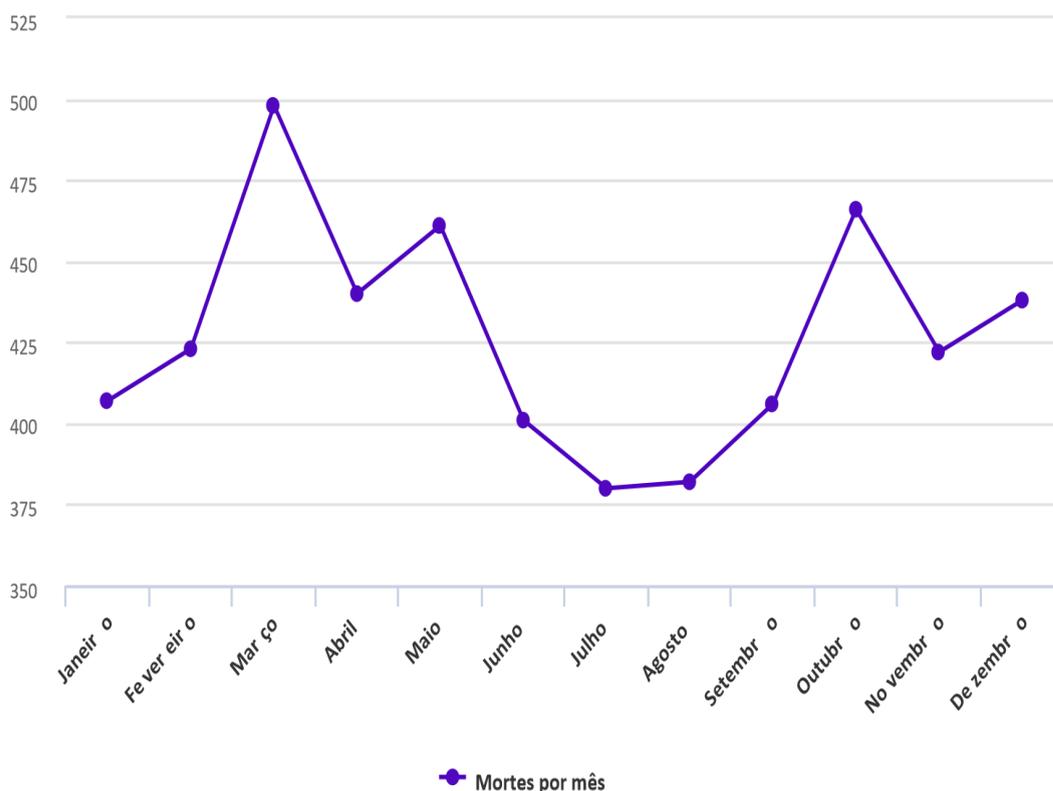
¹² <https://www.jornaldorap.com.br/rap-nacional/ouca-o-futuro-nao-espera-novo-album-do-rapper-patetacodigo-43/>

Leal (Marighella)” do Racionais MC’s, entre tantas outras, através das quais o rap demonstra seu caráter revolucionário.

Dados sobre a população negra demonstram que a Bahia foi o estado que mais registrou mortes violenta em 2022 em todo o Brasil, pelo 4º no seguido, segundo o Monitor da Violência, índice nacional de homicídios.

Escalada das mortes violentas na Bahia

Dados registrados mensalmente no estado em 2022

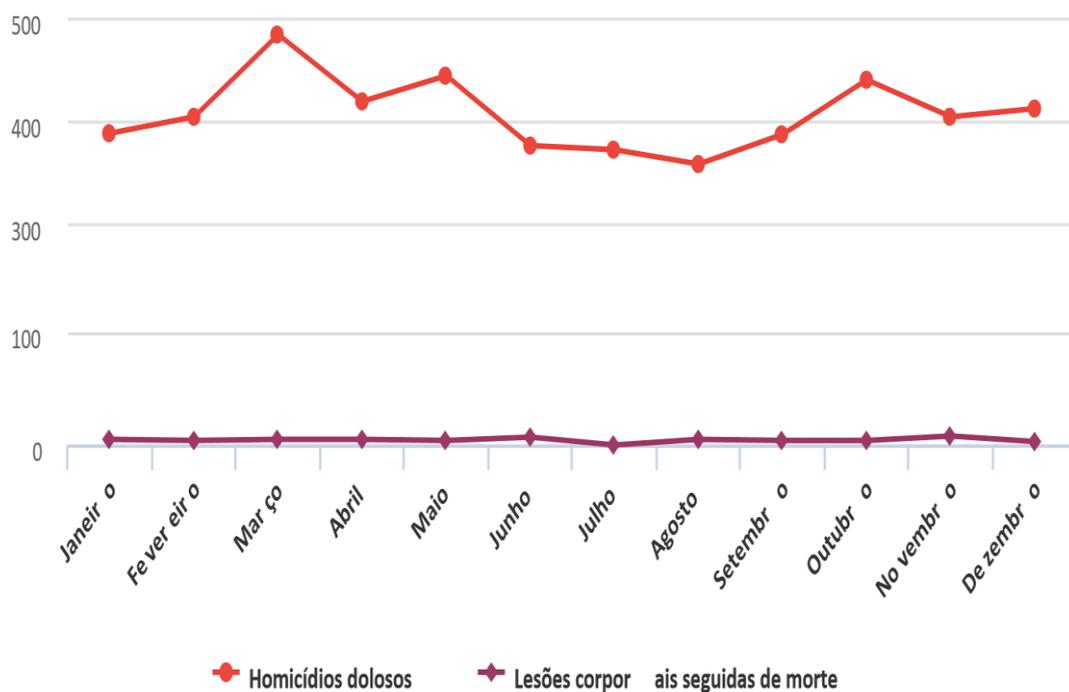


Segundo a matéria coletada do site G1 Globo¹³ sobre violência na Bahia, afirmam que: “a maioria das vítimas de homicídios dolosos são jovens negros. O envolvimento direto (por atuação) ou indireto (por morar em localidades onde há atuação) com o tráfico de drogas é a principal motivação destes assassinatos”.

Homicídios dolosos e lesões corporais seguidas de morte

¹³ <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/01/monitor-da-violencia-bahia-lidera-ranking-de-mortes-violentas-no-brasil-pelo-4o-ano-consecutivo.ghtml>

Dados registrados em 2022



Fonte: Polícia Civil

A rede de Observatório da Segurança¹⁴ é uma rede que tem um objetivo muito efetivo no trabalho sobre a realidade social em alguns estados brasileiros, inclusive monitora e realizam relatórios a partir de ações policiais que mostram quadros de mortes nesses estados monitorados. Neste relatório que é chamado de “Pele alva: a cor que a polícia apaga”, registrado em 2021, morta que 97,9% das pessoas mortas no estado da Bahia não negros.

O mesmo ocorreu no relatório do último ano: o governo informou que 607 pessoas haviam sido mortas pela polícia, mas no Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública o registro é de 1.138 mortos. Segundo o relatório:

Na Bahia, a letalidade policial é ativada por dois fatores: a política de segurança pública baseada na ideia de guerra e extermínio de um inimigo de cor e território específico e a validação das mortes de pessoas negras por meio do racismo. Somente o preconceito racial explica as 603 pessoas negras mortas na região. É como

¹⁴ É uma rede com o objetivo de monitorar e informar sobre a segurança pública, direitos humanos e violências. É uma iniciativa feita por instituições acadêmicas e da sociedade civil da Bahia. São 9 estados monitorados. https://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wpcontent/uploads/2022/11/EM-EMBARGOATE-1711_5-AM-REDE-DE-OBS_PEL-ALVO2_171122.pdf

se o genocídio dessa população fosse extremamente aceitável, visto que, para a sociedade, este grupo é sinônimo de criminalidade, violência e atraso. (pag,10).

O estudo sobre o genocídio e a violência contra a população negra nos permitem entender a maneira e a forma em que essas violências são cometidas. Por muitas vezes, as ações das violências são mostradas, inclusive pelas mídias, como ações de combates e de defesas. A juventude negra historicamente sofre de condições severas de tratamento e condições sociais de vida desiguais. Nilma GOMES e Ana Mélia LARBORNE (2018) afirmam que:

É importante, então, compreender que a violência que incide sobre a juventude negra tem raízes históricas mais profundas. Quanto mais desiguais os sujeitos se encontram na vida social, mais o medo do outro, do diferente é produzido naqueles e por aqueles que ocupam o topo das relações de poder. Quanto mais se luta por justiça social e igualdade e os segmentos discriminados conseguem algum tipo de mobilidade social e melhoria de condições econômicas e de vida, mais as elites têm medo de que eles se aproximem. E, ainda, que passem a almejar e disputar, em condições de maior igualdade, os lugares dos quais foram historicamente excluídos (p.17).

A MC Jaynne, é uma das referências do rap em Cachoeira que começou sua carreira artística através do samba de roda, integrava no samba de roda mirim “Flor do dia”¹⁵. Porém, a partir do seu contato com outro projeto social e por meio da dança teve sua aproximação como hip hop que a fez migrar para o rap. Atualmente é um dos principais nomes da cena do Rap da cidade e do interior, referência do Rap feito por mulheres no território baiano. Se apresenta em todos os eventos de hip hop realizados na cidade. No dia 22 de setembro a MC Jaynne lançou um videoclipe do seu novo hit chamando ‘Pink Rosa’¹⁶ em todas as plataformas digitais. (FRANCIMÁRIA GOMES, 2019)

Em Cachoeira e algumas cidades do Recôncavo existem projetos com objetivos de fortalecer as identidades negras, ajudar na construção de narrativas, projetos educativos que ajudam a construir uma outra visão sobre a vida, sobre projetos de vida e de futuro, permitindo que a juventude se veja como protagonistas de ações e para a transformação da ordem social.

¹⁵ Foi o primeiro grupo de samba de roda mirim de Cachoeira, criado por Dona Dalva Damiana e familiares.

¹⁶ <https://youtu.be/JQiW6vr0cVU?si=ZHpZ67qJyuOd2ITm>

Leepão (Felipe Bela Vista), formado no curso de Serviço Social na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, além ser um dos organizadores das batalhas que acontecem em várias cidades do Recôncavo, também tem seus estudos voltados para o hip hop. É coordenador do Coletivo da Quebrada. Esse coletivo realiza projetos sociais e ações sociais nas comunidades do Recôncavo com o objetivo promover conhecimento, cultura e espaços de troca entre a juventude negra.

Na cidade existem alguns eventos com apresentações desses MC's e DJ's. No espaço cultural do escombro 777 acontecem os maiores encontros e eventos com apresentações e que tem o DJ Felipe como proprietário, lá é onde artistas do Hip Hop e do rap mais têm oportunidades de se apresentar, com uma maior parte do público da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Além do espaço cultural do escombro 777, o DJ Felipe tem um laboratório musical Ibori Studio ¹⁷ que é uma ação comunitária que propõe a consolidação de um espaço seguro de formação e criação coletiva para artistas da cena Hip-Hop da cidade de Cachoeira-BA, tendo como público alvo jovens negras (os) de 15 a 30 anos, que atuem como articuladores culturais nas periferias urbanas da cidade.

1.1- Linguagens artísticas, expressões musicais, rap e performance

A música é uma poderosa arma e possui reflexos de subjetividade dos sujeitos que cantam e escutam. As linguagens, as expressões e as performances. A música começa a partir da reflexão das letras criadas pelos compositores, depois as melodias, os ritmos. Desde a sua criação a música já é pensada no público alvo, as letras desenvolvidas para atingir um público específico.

A música está presente no nosso cotidiano, temos uma relação estreita com a música, pois em todos os nossos afazeres e atividades, costumamos ouvir músicas. E a nossa relação com a música envolve muitos significados a partir do que gostamos na linguagem musical, na performance e nas expressões.

“A canção é uma das expressões artísticas mais consumidas nos dois últimos séculos, devido ao desenvolvimento da indústria fonográfica que possibilitou sua disponibilização em meios de comunicação de massa, como o rádio, a televisão e a Internet.

¹⁷ O Ibori Studios é um estúdio de gravação e produtora independente do DJ F3lip3, onde produz beats, mix e master para os artistas locais e do Recôncavo. Fica localizado na cidade de Cachoeira, Bahia.

Isso faz com que a canção esteja massivamente presente no cotidiano das pessoas, pois contém um forte poder de comunicação, principalmente quando se difunde pelo universo urbano, alcançando ampla dimensão da realidade social. Apesar de ser uma produção artística multimodal composta pela linguagem musical, verbal e imagética que compõem a sua poesia em performance. É tida como uma linguagem de muitos significados e funções, considerada como universal e comunicativa de expressões valiosas para os seres humanos". (ROSA, 2021, p.55)

Com a música rap não é diferente, a linguagem da música rap é direcionada a um público específico, é construída por meio de uma subjetividade que alcança vários indivíduos que compartilham das mesmas realidades. O rap dispõe de uma linguagem e uma performance capaz de promover denúncias, revoltas, transformações, informações etc.

A linguagem musical é uma maneira em que os artistas se comunicam com os ouvintes e a partir dessa interação transmitem ideias, emoções, sentimentos. Está muito ligada a uma linguagem de sentidos, para quem canta e para quem ouve.

A linguagem musical da canção é composta de sons e ritmos, sendo carregada de subjetividade, por isso torna-se objeto de variadas relações simbólicas criadas pelo público. Já a linguagem verbal é promovida pelo uso das palavras que veiculam discursos, significados, sensações e sentimentos. A composição da letra e a sua musicalização são trabalhos poéticos que envolvem uma difícil série de tarefas com relação à escolha de vocabulário adequado à temática, à construção de imagens, à formação de rimas, à sonoridade que se deseja propor etc. Em um contexto em que o hip hop utiliza a identidade cultural como um instrumento de luta para mostrar como seus membros querem ser representados, suas manifestações artísticas são ferramentas no processo de contestação do poder instituído e do projeto identitário hegemônico que esse poder propõe. Ao criarem suas letras poéticas, os/as rappers assumem o papel de transmitir carências, denúncias, necessidades, revoltas e informações. Assim, o que o MC busca é fazer um discurso dentro de um vocabulário acessível com o intuito de informar e ampliar a consciência da sociedade para a realidade em que vive. (ROSA,2021, p.55)

Há uma grande importância no que se refere aos elementos do hip hop, pois eles acabam construindo relação entre si e manifestam ao público através de um ambiente performático, o seu valor simbólico. Sendo assim, o rap acontece a partir desse processo que inter-relaciona suas expressividades, seus gestos,

suas performances, suas representações, símbolos e práticas onde a juventude demarcam suas identidades. (CIRINO, 2012)

O rap é um estilo musical acessível, pois ele não precisa que saiba tocar instrumentos musicais, muito menos habilidades técnicas, nem muita renda financeira para suas apresentações. No entanto, o rap quando narra o cotidiano e as vivências da periferia nas poesias, acaba sendo clara e direta e a juventude se identifica por expressar também vivências e experiências parecidas. A performance dos artistas se torna fundamental nesse processo para enunciar a mensagem, ou seja, suas expressões corporais dão sentido a sua performance. (CIRINO, 2012)

A força maior, é a palavra, a poesia cantada. Os artistas do rap, acredito, são conscientes da importância e do potencial que o discurso representa no seu meio social. Quando analisamos o freestyle, nos desafios das rimas o ritmo corporal e as vozes que promovem a performance. Essas linguagens e expressões corporais demonstram como as mensagens vão chegar nos ouvintes, e a partir dessas expressões, do sentido que essas performances carregam constroem uma identidade a partir do que é projetado pelo rap, assim como tem um caráter transformador, tanto em quem canta quanto em quem escuta. A partir do que foi exposto, não podemos negar o quão significativos o rap e o hip hop são para a juventude, considerando que possibilita a reflexão, o autoconhecimento e uma projeção nos seus contextos de vida e futuro.

Contudo, as performances que são apresentadas a partir do rap produz perspectivas positivas na juventude, tanto na construção de identidades quanto no empoderamento de jovens negros e negras. Não é só poesias cantas, mas é uma filosofia de vida, existem ações propositivas em cada movimento em que os artistas se propõem a fazer.

As linguagens artísticas do movimento hip hop nos permite perceber como as expressões se transformam numa performance na comunicação, nos gestos, nas poesias etc. O processo do rap desde o início da composição até a apresentação é desenvolvido de forma muito direcionada a como isso irá chegar a quem vai escutar e como isso afetará o ouvinte, pensando muito mais num caráter reflexivo sobre suas realidades paralelas. (LOURENÇO 2010)

O caráter simbólico da música funciona como meio integrador na relação interpessoal, fortalecendo o ciclo da vida em diferentes situações. Tal ideia nos leva a entender o indivíduo como inseparável do processo social. Dessa maneira, a cultura popular, entrelaçada por experiências coletivas e cotidianas servem como fonte condutora para que o indivíduo crie novos pensamentos no contexto social do qual ele faz parte. (CIRINO 2012, p. 136)

Por meio das poesias criadas nas letras das músicas refletem o cotidiano e as realidades sociais, e produzem discussões relevantes para uma compreensão das comunidades periféricas brasileira.

As análises das letras refletindo o cotidiano das periferias brasileiras, são de extrema importância para a compreensão da realidade do meio social em que estão inseridos, discutir o rap como elemento desencadeador de um processo educacional e político. (DELPHINO 2019, p.48)

O rap tem um discurso que é questionador e irrefutável sobre condições culturais, sociais, econômicas e sociais, e aparece como uma forma em que a juventude se expressar, dialoga, denuncia, educa etc (MACHADO e PRADO 2010).

O rap é tomado como elemento de resistência, uma vez que “resistir” é a prática crítica das experiências nas relações de poder sob a “estética da existência”, abrindo espaços criativos de liberdade e vivência. (MAZER 2018. pg.138)

A partir do que foi observado nas pesquisas e encontro com os artistas, ousou-me a afirmar que com a arte do rap, a juventude potencializa seus projetos, seus anseios, seu autoconhecimento, seus sentidos e significados de vida e de futuro, seus prazeres e seus desejos.

A arte, então, pode ser um meio de aproximar a realidade social as questões mais íntimas e pessoais, considerando o sentimento e o significado das ações, potencializando o autoconhecimento do sujeito frente a seu meio formador. (SIQUEIRA, ROCHA, FORNO e MACUCH 2018, p.128)

1.2– Juventude negra no Brasil e na Bahia

Uma forma “simples” de se pensar juventude é que ela se constitui enquanto uma fase geracional de desenvolvimento da vida fisiológica do ser

humano, no qual experiências contingentes são características. Daí emergem algumas visões estereotipadas acerca da juventude, de determinismo biológico.

Essas visões estereotipadas recaem na juventude de forma geral, mas quando tratamos da juventude negra, essas visões extrapolam a ponto de chegar em formas de violências diversas, exclusões e desigualdades. O homem negro é colocado num lugar de vagabundo, bandido e perigoso e mulher negra são mulheres hipersexualizada, domésticas etc. Mas é preciso reforçar o quanto essas visões não tem fundamentos reais, porém por estarem impregnado na sociedade, na estrutura, isso provoca o que as estatísticas sobre a violência contra a juventude negra apontam, sobre o peso de ser um(a) jovem negro(a) no Brasil. O movimento hip hop e o rap, a partir das suas linguagens musicais e poéticas, tematizam sobre questões que atravessam seus cotidianos, seus dramas e suas experiências de uma maneira muito constante. (ANANNIAS, RAMOS, TOLEDO e BRAGA, 2021)

*Não quero ser o Mandela
Apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende
Mas eu lamento que,
Irmãos convivam com isso naturalmente
Não proponho ódio, porém
Acho incrível que o nosso compromisso
Já esteja nesse nível
Mas racionais, diferentes nunca iguais
Afrodinamicamente mantendo nossa honra viva
Sabedoria de rua
O rap mais expressivo (e aí...) A
juventude negra agora tem a voz ativa
Voz ativa, Racionais MC's.*

*60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais
Já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia,
Três são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em
São Paulo.
Capítulo 4, versículo 3, Racionais MC's.
(ANANNIAS, RAMOS, TOLEDO e BRAGA, 2021, pg.2)*

Em 2020, no Atlas da Violência, encontra-se informações sobre homicídios no Brasil no ano de 2018, onde houveram 57.956. De 4 mortes ocorridas, 3

peessoas eram negras, e 2 são jovens. De 10 assassinatos, 9 eram homens negros. Ou seja, as pessoas que mais morrem assassinadas são jovens homens negros. E os lugares que são mais concentrados esses assassinatos são as periferias. Trazendo um pouco sobre a questão do genocídio da juventude negra, o encarceramento é um processo doloroso que provoca uma morte social. A população carcerária no Brasil é a 3ª no mundo com maior número de indivíduos. Sendo a maior parte dessa população, a juventude negra. E isso está ligado com a guerra as drogas, pois são prisões que acontecem em flagrante. (ANANIAS, RAMOS, TOLEDO e BRAGA, 2021)

De acordo com a pesquisa feita pela Isabel Dourado para o site *Correio Brasiliense*, os números de homicídios de negros mulheres e LGBTQIA+ só aumentam, aponta que segundo a Atlas da Violência 2023:

“tomando por base os dados da última década, vemos que a redução dos homicídios está mais concentrada entre os não negros do que entre os negros. Considerando a tese do racismo estrutural, temos evidências de que há um grupo racialmente identificado sendo vitimizado de forma sistemática. A taxa de letalidade contra negros entre 2017 e 2019, que volta a apresentar crescimento no ano seguinte e certa estabilidade em 2021. De forma diferente, os índices de homicídios dos não negros apresentou estabilidade no período 2011-2021, com queda nos últimos anos. (SITE CORREIO BRASILIENSE)

Analisando as heterogeneidades, no Nordeste, a Bahia teve a marca de 55,7 homicídios a cada 100 mil habitantes pessoas negras, seguida do Rio Grande do Norte, com 48,9 e do Ceará, com 47,1.

Em 2020, houve um aumento de 21,08 de mortes por ações policiais, em comparação com 2019 – quando foram registrados 650 casos de mortos pela polícia. A pesquisa da Rede de Observatórios da Segurança é feita com base em metodologia da pesquisa rigorosa e monitoramento diário, por meio de dados divulgados pelas secretarias estaduais, via Lei de Acesso à informação. (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020)

CAPÍTULO 2 - SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO RAP PARA A JUVENTUDE NEGRA DE CACHOEIRA-BA

Este capítulo está direcionado a percebermos como os artistas negros do rap em Cachoeira apresentam seus sentidos e significados ao rap, e como esses sentidos e significados produzem impactos nas suas vidas, nas comunidades, na cidade e no Recôncavo baiano. Tudo isso ligado a suas experiências, vivências e produções.

Na cidade de Cachoeira existem diversos artistas negros ligados ao rap, que por sua maioria são homens, alguns discentes da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). São jovens conscientes do poder em que o rap apresenta na realidade da nossa cidade, e produzem a partir dessa consciência. Abordarei como foram construídos os dados apresentados nesse capítulo, trazendo as visões e percepções dos artistas. Dados que foram construídos a partir das entrevistas, trabalhos feitos por alguns artistas, artigos, sites, letras de músicas etc.

Edmur Stoppa e Nelson Marcellino (2006) são professores e pesquisadores de lazer, lideram grupos de pesquisa em lazer, escreveram livros juntos sobre recreação e lazer. No texto sobre o hip hop e lazer, trazem uma abordagem muito interessante sobre como a socialização promove uma influência positiva para a juventude nos espaços da rua, pois nesse tempo em que a juventude tem livre, constroem suas expressões culturais e normas que difere o seu modo de viver.

A juventude, especialmente aquela relacionada às camadas populares, coloca-se em constante processo de estranhamento com os espaços que foram colocados para o seu não pertencimento. As dificuldades e os preconceitos associados a esses públicos específicos afetam as possibilidades de apropriação e de inserção da juventude em diversos espaços, restringindo as oportunidades de lazer e de vivências participativa na cultura local. Os processos identitários estabelecidos no cotidiano, como os relacionados aos grupos de hip hop, podem ser entendidos como um canal de resistência aos processos de fragmentação e de exclusão do tecido social. Esses jovens podem, por meio do hip hop e sem desconsiderar a importância da educação formal, tomar as rédeas de seu próprio processo educativo, contextualizando-o de acordo com suas necessidades, desejos, experiências e trajetórias. (STOPPA e

MARCELLINO, 2006, pg. 5)

Os espaços em que a juventude constrói suas vivências e suas identidades, a partir do rap apresenta novas propostas, colabora e contribui para mudanças sociais. A arte do rap pela sua poesia nos traz essa possibilidade. Possibilidade de abordar de forma consciente e reflexiva suas experiências de vida, suas percepções e visões de mundo, fazer denúncias sociais através suas poesias, mostrar as diversas formas de violências e preconceitos vividos cotidianamente.

As letras de rap se apresentam em forma narrativa, em que seus autores relatam fatos que presenciam ou viveram/vivem em seu cotidiano. Algumas letras são apenas descritivas de tais situações. Entretanto, todas as letras sempre carregam consigo uma intenção crítica social. Mesmo as letras somente descritivas têm sempre o objetivo de relatar os fatos ocorridos para trazê-los ao conhecimento de outros, a fim de que tais fatos sejam questionados (LOURENÇO, 2010, p.3)

Importante salientar sobre a organização política 'Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto'. Segundo o site *Direito à Memória e Justiça Racial*¹⁸:

“Nasceu em 2005 como uma campanha para combater, principalmente a morte de jovens negros, depois de abordagens policiais, com o objetivo de fazer um enfrentamento ao genocídio do povo negro. Desde lá, vem se configurando de acordo com a realidade entendendo que se trata de um processo em curso, do genocídio do povo negro e que tem como elemento central o ódio racial antinegro que leva ao quadro de exclusão, violências racial, pauperização e morte que nós, povo negro, enfrentamos. Desde 2005 realizamos o enfrentamento nas ruas com Marchas nacionais, internacionais e transnacionais contra o genocídio do povo negro” (Site DMJR)

E continua afirmando que:

A partir do ano de 2016 alcançaram uma editora e Editora Reaja, que permitiu produzir livros e estimular diversos autores e autoras negras a também produzirem seus livros. Reaja tem construído muitas coisas, por pensarem e viverem realidade diversas, e está construindo gradualmente as ações que acredita que podem construir um caminho que leve a reconstrução de vidas. (Site DMJR)

¹⁸ <https://dmjracial.com/2021/05/13/maio-antirracista-reaja-16-anos-de-combatividade-eresistencia-negra/> Giselle Florentino, 2021.

Matheus Freitas (2019) mestre em Educação, tem seus estudos voltados para educação, raça e gênero, escreveu um artigo trazendo reflexões acerca das relações raciais o Brasil e das violências associadas nesse processo, inclusive o genocídio da população negra. No artigo, aborda que o movimento negro teve um papel fundamental na luta contra o genocídio da população negra no Brasil. Assim como faz uma breve explicação do que foi/é o genocídio e como foi criado. Termo que foi criado pelo polonês Raphael Lemkin em 1944. O genocídio é conhecido como crime hediondos, ou seja, crimes considerados mais graves.

Isto é, o genocídio destrói de forma física, cultural, política e biológica por meio de forças maiores. Isso por existir uma construção de discursos que legitimam tais ações. Ou seja, o genocídio da população negra pode não ser apenas em mortes, mas através de “discursos que matam” que difundem em diferentes dimensões da vida, seja ela psicológica, física, artística, cultural, religiosa etc. (FREITAS, 2019)

Maria Eduarda Guimarães (1999) tem seus estudos voltados para as construções dos estilos de vida e expressões de identidades, escreveu um artigo abordando sobre o processo de construção de identidades que são produzidas através da música feitas pelos grupos negros no Brasil. E traz uma reflexão em que o rap se constituiu como um estilo que possibilita relatos de vida da juventude negra como um aspecto político. Guimarães (1999): afirma que:

“As apresentações não são, dessa forma, apenas uma forma de ganhar dinheiro, mas têm também um aspecto político e ético, em que se apresentar na periferia é mais do que fazer um show, é estabelecer um diálogo com excluídos, ao mesmo tempo que tocar em outro território é tornar-se porta-voz dessa periferia e ganhar um dinheiro que possibilite continuar tocando na e para a periferia”. (GUIMARÃES, 1999, p.45)

O hip hop além de todos os aspectos dos quatro elementos que os constitui (rap, grafite, mc e dj), a presença do quinto elemento é fundamental para o desenvolvimento das suas artes sejam elas cantadas ou expressas, o conhecimento que a juventude adquire quando adentram nesses movimentos é politicamente, socialmente e culturalmente importante para suas trajetórias de vida enquanto jovens negras (os) dentro de uma sociedade estruturalmente racista. Os sentidos e os significados que são carregados são adquiridos a partir de toda uma construção de discussão e ações que são desenvolvidas dentro

desses espaços, e que são também adquiridas a partir de cada vivência e trajetórias. Os espaços promovidos pelos Mc' são espaços de importante troca e diálogos, de conhecimento, troca de experiências, são debatidos diversos temas sobre questões raciais, de identidades, trajetórias de vida, projetos de vida e perspectivas de futuro.

O ReiDan (Danrlei) desenvolve sua pesquisa a partir das suas vivências dentro da cidade de Cachoeira e na sua comunidade. Sua pesquisa é potente em vários aspectos, um deles é que sua pesquisa desenvolve uma discussão importantíssima sobre os “*Pixos da morte*”, que são os nomes daqueles parceiros que tiveram suas vidas ceifadas e são gravados através dos pixos¹⁹ nas paredes. E tem o intuito de analisar como nos últimos anos, Cachoeira tem transformado suas favelas em lugares de guerra, não somente pela presença de facções criminosas, mas pela ênfase em operações policiais, aumentando drasticamente o índice de mortalidade da juventude negra. Além disso, sua pesquisa também se coloca como uma denúncia social, quando ele traz nas suas discussões, (MOREIRA, 2022):

Quase todos os atos violentos aconteceram dentro dos bairros periféricos do município, reforçando toda construção social preconceituosa que se é construída a base do racismo estrutural transformando esses lugares em locais de guerra ficando visível a ambiguidade nas suas narrativas históricas sobre Cachoeira (p.8)

Na sua pesquisa traz relatos de operações feitas pela polícia, onde invadiram casas e executaram um jovem negro em uma das comunidades do município. Nas imagens dos *pixos* aparecem nomes de parceiros assassinados em sua maioria por policiais. A maioria dos assassinatos acontecem dentro de territórios subalternizado, lugares com alta precariedade causada pela ausência do estado com assistência social. Em bairros mais afastados do centro com invasões policiais e por vezes confrontos entre facções.

¹⁹ Pixação é uma prática social, onde é manifestado nos muros e paredes da cidade seus sentimentos, ideias e denúncia, como também é um processo comunicativo a partir do reconhecimento das mensagens passadas.

Na conversa com o Leepão²⁰ no momento da entrevista²¹, ele fala muito da importância da representatividade, do quanto é inspirador ver outros jovens negros estando em espaços que não foram feitos para estarem e que através do rap podem conscientizar crianças e adolescentes a sonharem em estar nesses espaços. Segundo ele, o rap abre diversos caminhos para sonhos. Ele conta que na sua infância difícil com muitas dificuldades financeiras e sociais fazia do rap o seu sonho de um dia poder sair daquela situação. Aponta ele: “se não existisse o rap eu não estaria vivo”. O rap não permitiu com que ele desistisse de sonhar, por mais adversa a situação que se encontrava, o rap o salvou. Escrevia nas suas letras poesias que refletiam suas vivências e seus sonhos e que através dessas poesias além de salvar a sua vida, salvaria a vida dos parceiros. Acredita que hoje a importância do rap está diretamente ligada a sonhos, onde o rap possibilita a juventude, especialmente a juventude negra a sonhar. Ao ser perguntado sobre o que o rap mudou na sua vida, o Leepão diz:

o rap mudou na minha vida que eu poderia ser um número a mais ou poderia ser qualquer um no meio da multidão, mas o rap fez de mim um artista, um artista que ama o bagulho que faz, o rap fez de mim um sonhador, e esse sonhador está sonhando para conquistar várias coisas, apesar de já ter conquistado muitos sonhos. Ver muitos meninos rimando foi um sonho que eu tive a muito tempo atrás. Então o rap fez de mim um sonhador que quer ver os meninos rimar”. Ele conta que em um momento da tua vida se encontrou com um amigo que ele gostava muito e falou: “ô irmão você acha que vai durar quanto tempo nessa vida? Vamos fazer música. (Entrevista- Leepão, Cachoeira, 2023)

Leepão, ainda conta na nossa conversa que, passando alguns dias lembrou do amigo e mandou mensagem chamando novamente (para fazer música), mas que um dia depois do convite a polícia invadiu a casa onde o amigo dele estava e o matou. Porém Leepão ainda diz que mesmo com essa fatalidade conseguiu ter forças para continuar sonhando e ver os seus rimando e podendo sonhar também.

Se eu deixar de sonhar não faço mais uma batalha, se eu não fazer a batalha vários vão entrar no crime. Mas porque você tem certeza disso?! Por ter várias experiências concretas. Não da batalha acabar, mas de mães proibirem os filhos de ir e depois os pivetes estarem envolvidos. Então muitos que estão ali se não

²⁰ Leepão é MC, oficinairo e agente cultural, seu lema no rap é “A ARTE SALVA”, e ele leva isso por onde ele passa.

²¹ A entrevista com o Leepão aconteceu no dia 12 de setembro de 2023, no jardim do faquir em Cachoeira-BA.

tiver uma arte, um bagulho assim para sonhar eles vão se envolver com o crime, eu tenho certeza. Então, faz parte do meu sonho continuar, não é fácil não, tá ligada, é muita crítica que fica nos bastidores, tá ligada, mas a gente prossegue porque acredita e ama mesmo porque não é mole não. (Leepão – entrevista, Cachoeira, 2023)

Essa situação enfrentada pelo Leepão, infelizmente, são situações que acontecem diariamente, onde a vida da juventude negra é tirada de forma cruel. Na cidade de Cachoeira e no Recôncavo baiano os números de assassinatos de jovens negros são enormes, já perdi diversos amigos, colegas e conhecidos.

Na entrevista com a Velka MC²², ela me afirmou que o sentido do rap é o renascimento, por que ela era uma pessoa muito fechada. Ela afirma que:

eu não era uma pessoa totalmente aberta, não era uma pessoa feliz o tempo todo. Então depois que eu descobri o rap, depois que eu conheci Leepão, eu comecei a mudar muito, me envolver mais, hoje posso dizer que tenho uma família dentro do hip hop, então enquanto houver vida há esperança. Leepão repete isso o tempo todo, o hip hop salva, a arte salva. Então é através dela que a gente quer salvar os outros.

Negro Dellys da PT²³ em uma das suas falas na entrevista quando questiono sobre o sentido do rap para ele, afirma que:

o sentido do rap para ele é uma válvula de escape, é onde ele consegue se expressar através das suas músicas. Onde ele consegue falar sobre suas perspectivas, seus pensamentos e seus sentimentos.

Acredito que, por diversas circunstâncias em que as juventudes negras vivenciam e presenciam, o rap aparece como válvula de escape no sentido do rap conseguir, por muitas vezes, reconstruir os significados de vida dessa juventude. O rap é usado como uma ferramenta de ascensão da autoestima, de reconhecimento, de superação de diversidades etc.

2.1 – Negritude e o rap em Cachoeira – BA

Buscaremos aqui perceber as potencialidades do rap e da negritude na cidade de Cachoeira, tendo as vivências e experiências dos artistas negros como

²² A entrevista com a Velka aconteceu no espaço do ABW, localizada na Rua da Feira, no dia 29 de setembro de 2023, em Cachoeira-BA.

²³ A entrevista com o Negro Dellys aconteceu no jardim da Pitanga no dia 4 de outubro de 2023, em Cachoeira-BA

referências para tal compreensão. De fato, a juventude artística negra cachoeirana carregam consigo uma responsabilidade e um compromisso com as comunidades. A construção das propostas poéticas, visuais e coletivas, as ações comunitárias, os laboratórios de rap, os bailes e eventos são voltados para o público periférico de Cachoeira. A juventude artística negra cachoeirana tem abraçado a ideia de fazer rap pensando para além do que é vivido de forma singular, apesar das vivências serem de certa forma experienciadas de forma coletiva.

As questões de violências, racismo e preconceito que são experienciadas pela juventude negra artística e não artística, fazem parte da estrutura de desigualdade que a juventude negra vive no Brasil. No artigo sobre pedagogia da Crueldade, Gomes e Labome (2018) discutem dados estatísticos que relatam homicídios contra a população negra, e fazem uma discussão trazendo uma reflexão sobre branquitude e racismo.

“A adolescência e a juventude negra e pobres, faveladas, com a sua cor, suas roupas, sua linguagem, seu destemor, sua possibilidade de circulação no espaço urbano (mesmo com as insistentes tentativas de segregação racial nos territórios) se configuram nessa produção histórica da branquitude e do medo como coletivos ameaçadores. Esses mesmos coletivos confrontam corajosamente a violência. Uma das formas de enfrentamento tem sido o universo da cultura, da música, da arte, como por exemplo, a Cultura Hip Hop” (GOMES E LABOME, 2018, p.14).

Segundo o site Criança livre de trabalho infantil a partir de uma pesquisa sobre violência no Brasil, afirma que o racismo é responsável por destruir percursos e vidas da maior parte da juventude negra. Aponta também que, a juventude negra brasileira tem um potencial elevado de criação, de produzir conhecimentos, artes etc, mas que acabam tendo suas vidas tiradas de forma cruel, sendo alvos e vítimas das violências e do racismo.

Os dados e os números encontrados sobre homicídios e assassinatos descrevem e apontam para um cenário de genocídio. Isso significa que, quando se discute sobre negritude e branquitude percebemos elementos que constituem para tais ações. Ou seja, o negro é percebido como um problema, tendo em vista que o branco é colocado como padrão estético. (Gomes e Laborne, 2018).

Souza (2016), ao estudar o movimento Hip Hop em Florianópolis afirma que:

A grande parte destas populações se encontra em espaços urbanos de grandes cidades e sobre estes espaços dão formas as suas manifestações. Estes são espaços urbanos renegados ou esquecidos na cidade, mas que produzem formas de visibilidade, nem sempre aceitas e, muitas vezes, marginalizadas. E nessa conturbação urbana situo mais um dos tantos paradoxos que fazem parte do Movimento Hip Hop, ou seja, são em bairros e espaços da cidade em que a violência e a pobreza são mais atuantes que manifestações artísticas, dentro dessa Cultura Hip Hop, vão surgir para mudar a própria cidade nas quais estes espaços se encontram. Estes espaços não só passam a ser visibilizados, mas mudam a forma de visibilização dos mesmos (SOUZA, 2016, p. 103).

Importante destacar quem são alguns desses jovens artistas negros da cidade de Cachoeira. ReiDan, mestrando do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), formado no bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Licenciando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ganhador da 2ª edição do prêmio Lélia Gonzalez categoria melhor artigo de graduação. Além de ser MC, é agitador cultural, realiza oficinas sobre rap e escrita em escolas públicas em algumas cidades do recôncavo baiano. O DJ Felipe também mestrando do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, é produtor musical/beatmaker, um dos idealizadores e DJ residente do Baile Pelo Certo. Fundou o Home Studio Ibori que tem protagonizado a produção musical e artística do rap underground da região do Recôncavo Baiano. Proprietário do espaço cultural escombro 777.

O ReiDan e o DJ Felipe realizam oficinas muito interessantes através do RapLab (laboratório de rimas e produção de beats), um projeto de experimentação em rimas, produção musical e reflexão teórica sobre identidade cultural negra. Com intuito de integrar experiência de vida, formação crítica e musical como estratégias na luta contra o racismo e recuperação da autoestima do povo negro. Essas oficinas são realizadas em várias cidades do recôncavo com jovens a partir de 14 anos. As oficinas são desenvolvidas a partir de 2 módulos. O módulo 1, módulo de rima, eles aprendem sobre perspectivas sociais, questões de raça e política, além de aprender como construir rimas e como

construir narrativas a partir dessas rimas. No módulo 2, módulo de produção musical, aprendem sobre os softwares, sobre os programas de produção musical, os equipamentos, como fazer instrumental e como gravar a própria música. Ensina como montar um estúdio de baixo custo e no final produzem um EP, um arquivo de músicas que fica disponível no youtube e em outras plataformas de música.

Essas oficinas promovem uma grande expressão do cotidiano, das perspectivas e projetos de vida desses jovens. Além do incentivo, aflora diversos fatores que outrora esteve “escondido” ou não percebido por eles e pela sociedade.

Jovens negros rappers “vivenciando em suas trajetórias inúmeros modos de necropolíticas aplicadas pelo Estado de forma direta e indireta” (MOREIRA, 2021) e que a partir das suas experiências no rap pesquisam/dialogam com outros jovens negros nesse contexto na cidade de Cachoeira. Na cultural do Ciclo de Afetos²⁴, importante ver MC Jayne, DJ Felipe, Negro Dells da PT e inclusive o ReiDan (Danlei), que por sua vez apresentou o seu projeto de pesquisa no ciclo de afetos, dividindo comigo a discussão sobre Cachoeira, raça, território e rap. Os raps cantados através das poesias contidas trazem as suas vivências e refletem nas vivências de outros jovens negros na cidade. O Negro Dellys da PT escreveu um rap em homenagem a um amigo que foi assassinado na cidade de São Félix, e que infelizmente outros também foram assassinados na cidade residente dele, Cachoeira. E é justamente o que ele traz no seu rap ‘*poderia ser você*’, onde ele fala que são programados para morrer, fala sobre a falta de investimento e de estrutura na educação, da fome, das poucas oportunidades da juventude negra. “*Um corpo caído no chão poderia ser você... saudade eterna dos parceiros que se foram que entrou nessa doideira por não ter outra opção*”.

Como já citado no final da introdução dessa pesquisa, esse trabalho etnográfico foi realizado a partir de entrevistas, pesquisas em sites, artigos, redes sociais, letras de músicas e trabalhos realizados pelos interlocutores. Usei a pesquisa do ReiDan e do DJ F3lip3 como fonte de pesquisa, pois suas vivências

²⁴ Evento anual do PPGCS/UFRB com a centralidade da atuação discente na organização e implementação. Os discentes apresentam seus projetos de pesquisa, dialogam, intercambiam saberes, vivências nas perspectivas de reafirmação de suas próprias narrativas no processo de construção do saber.

e trajetórias também estão expressas ali. As letras das músicas têm dialogado bastante nessa pesquisa, os artistas têm composições juntos, escrevem juntos, compartilham de muitas ideias semelhantes.

2.2 – Identidade e representatividade do Hip Hop e do Rap em Cachoeira-BA

O rap e o hip hop tem sido um movimento que possibilita a construção de identidades e representatividades para a juventude negra. Onde a representatividade vai criando espaços de diversidades e de inclusão, além de ter vários impactos significativos na auto aceitação dos indivíduos, na autoestima e nas identidades, de forma que possam se sentir representados.

Será discutido nesse subtítulo sobre formas de representatividade e a construção de identidades da juventude negra de Cachoeira e do Recôncavo, através do rap. Como também será discutido diferenças entre o movimento hip hop e a cultura hip hop, visões dos artistas sobre os impactos do movimento para a construção de identidades, e nos modos de vidas da juventude negra cachoeirana. Trago as ações, eventos criados e realizados pelos artistas, e diálogos com os interlocutores.

Neste sentido, o hip hop, a música e a arte se tornam um referencial com grande poder na formação de identidades da juventude, pois a partir do movimento novas experiências são construídas, o modo de ser dos indivíduos, que fortalecem nessa construção de identidades da juventude negra, e permitem que se olhem de forma igual.

Benjamin Xavier de Paula (2011) professor e doutor, com seus estudos voltados a democracia, cidadania e direito, aborda uma questão muito relevante no seu artigo sobre o movimento hip hop e a construção de identidades juvenil. E aponta que o hip hop é um dos movimentos que mais produz construções e de autoafirmação de identidades.

O local de moradia tem sido um lugar de muita representatividade para a juventude negra, tanto no uso da linguagem local, quanto nos cortes de cabelo, nas roupas, nas músicas que escutam, nas festas que frequenta, isso provoca uma forma de pertencimento e na sociabilidade. Como também está ligado na

construção de identidade dos sujeitos dentro de um movimento de resistência cultural. (PAULA, 2011)

Trazendo um pouco a discussão de uma visão geral para melhor compreensão do surgimento do movimento hip hop no Brasil, podemos destacar vários aspectos:

1. Não é uma organização social e sim um movimento cultural que tem na construção da identidade coletiva dos negros uma das suas principais características;
2. Sendo o hip hop protagonizado a partir das populações excluídas dos grandes centros urbanos, a favela, a rua, o bairro, o lugar, a zona, são os espaços de construção desse movimento, que não tem sua sede numa sala bem equipada no centro da cidade, sua sede é o próprio lugar de feitura da sua ação social e cultural;
3. Sua informalidade é a base da sua independência, da criatividade e da cultura hip hop;
4. Como um movimento de afirmação da identidade étnico racial por meio principalmente da criação cultural livre, também é o espaço da construção da identidade de vários outros grupos excluídos, que mesmo não pertencendo ao mesmo grupo étnico-racial, dividem as mesmas condições sociais. (PAULA 2011, p.64)

Silvana Carvalho (2019) no seu texto 'o rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer, modos de fazer literatura' aborda que o termo 'periferia' não aparece com o sentido de demarcação territorial no movimento hip hop, porém constroem seus próprios retratos, potencializando seus discursos, suas trajetórias, experiências e vivências

Carvalho (2019) continua uma discussão de como a identidade ela se apresenta no movimento hip hop, e diz que a partir da experiência local constroem suas redes de apoio, de afetos e reciprocidades. As experiências similares podem aproximar esses jovens negros com propósitos e objetivos comuns. E por muitas vezes essas experiências aparecem de forma negativa por questões estruturais e desiguais socialmente postas.

A juventude negra de Cachoeira a partir dos projetos e ações que são desenvolvidas por alguns Mc's da cidade, com as discussões sobre raça, identidades, projetos de vida, trazem uma perspectiva de reflexão sobre si e sobre as suas vivências e trajetórias a partir do que é construído nesses espaços. Por essas questões, enfatizo a importância desses espaços que são ofertados, a

juventude é colocada numa situação onde não se encontra assistências para se construir perspectivas de vida e de futuro.

No momento da entrevista, conversando com o Leepão, ele afirmou o quanto é difícil desenvolver os projetos no rap, muito por conta ainda do preconceito, por algumas pessoas não entenderem os seus jeitos de falar e de se vestir. São excluídos de eventos, poucos são chamados. Segundo ele, o poder público não apoia e não incentiva, e quando se manifestam em tentar apoiar sempre vem como uma moeda de troca, como por exemplo em campanhas políticas. “*Quem apoia a gente é a gente mesmo*” (fala do Leepão). Os grupos, os coletivos, os parceiros e parceiras são esses que estão sempre no movimento de apoio, de incentivo, de busca para desenvolver os projetos, as ações comunitárias e os eventos outros que essa comunidade realiza.

Ainda na entrevista, Leepão afirmou que a arte foi o principal ponto de apoio que encontrou para se formar, que através do rap, das batalhas de rima e dos eventos envolvendo o movimento hip hop em geral, os 4 elementos ele encontrou forças para continuar.

A partir do que observei das falas dos interlocutores quando dizem sobre as oficinas e seus projetos educativos, a Universidade possibilita uma bagagem teórica e prática, no que se refere as atividades e ações ofertadas por parte dos estudantes que são artistas, rappers. O rap também contribui como ferramenta didática, e possibilita construção de conhecimento.

Pergunto: *Mas qual a importância do rap em Cachoeira e no Recôncavo?*

O Leepão afirma que:

a importância do rap é isso, trazer uma nova visão de mundo. Quantos que eu vi que não tinha perspectivas nenhuma, tá ligada, de vida. Mano, hoje eu quero fazer uma faculdade que as vezes até eu me assombro não porque desacredito, mas porque o pivete estava nem aí pra nada, tá ligada, e de repente você ver, não mano a gente tem que estudar. Então, a importância do rap é isso, passar a visão, não apenas pra molecada, quantas vezes a gente passa a visão pra uma tiazinha que tinha um preconceito com um cara que tinha o cabelo trançado, tá ligada, pessoas chegar em mim e dizer que odiava o rap, que não gostava de rap e passei a ouvir por causa de você, por causa do seu trabalho, tá ligada, passei a ver as pessoas com outro jeito. A enfermeira um dia falou: eu atendi um menino parecendo você, veí, eu lembrei de você na hora. Eu falei: porra, porque ela tinha preconceito com nosso estilo. Então quando ela viu o menino ela lembrou de mim, ela não me falou, mas acredito que até o tratamento foi

diferenciado, tá ligada, então a importância do rap é isso, ele nos educa, não igual a gente que tá na universidade, não igual, tipo, até em casa que as vezes o pai e a mãe é bater bater, então a importância do rap é essa, tá ligada, vai passando a visão não apenas pra nós do movimento, mas acho que mais importante ainda pra pessoas de fora, entendeu, acho muito foda isso porque vai transformando, veí, de grão em grão vai transformando a realidade, entendeu, a importância é gerar orgulho, aquele orgulho bom na própria comunidade. Porra, não vai ter rap mais aqui não, tem que ter, pessoas que nem vai, mas cobra a gente porque sabe que é importante a gente tá levando o nome deles. A importância é essa. (Entrevista-Leepão, Cachoeira, 2023)

O DJ F3lip3²⁵ afirma que:

No sentido de luta mesmo, de autonomia, de independência, de lutar contra as violências, preconceitos e racismos. Além de trazer essa autonomia assim, pra nós jovens negros. (entrevista, escombro 777, Cachoeira, 2023)

Carla Cristiane Mello e Cecília Augusta Viera Pinto (2020) escreveram um artigo sobre linguagem do rap como resistência à (s) norma (s), nesse artigo abordam que a valorização da autoestima do negro e pobre através da arte é uma das características identitária marcada pelo rap. Isso significa dizer que, aqueles que se identificam com o rap resiste a uma norma padrão que é imposta. Isto é, os indivíduos se apropriam de usos não-formais e sem padrões linguístico, como também de vestimentas.

Uma das características do rap está na performance corporal de seus integrados, sejam eles os artistas ou os consumidores. Geralmente, se utilizam de roupas mais largas, correntes, outros são adeptos ao boné de aba aberta e se utilizam de traços linguísticos ligados a variedades populares da língua. Em meio a essa constituição, se afirmam em um conjunto específico de repertório linguístico e discursivo de valores sociais, posturas e modo de vida. Ao mesmo tempo são reprimidos pela sociedade, as suas formas de vestir e se comunicar. Porém essa repressão aos estigmas e estereótipos que faz com que o movimento crie força e conduz uma ideologia de autovalorização da juventude e da negritude. (MELLO e PINTO, 2020, p. 99)

Como foi discutido logo no início deste tópico sobre a diferença entre a cultura hip hop e o movimento hip hop, nas falas percebemos que os artistas do recôncavo e de Cachoeira fazem parte do movimento hip hop, pois o movimento

²⁵ A entrevista com o DJ F3lip3 aconteceu no espaço do escombro 777 no dia 17 de outubro de 2023, em Cachoeira-BA.

hip hop potencializa a arte-educação como instrumento de transformação da realidade. O foco central é de mudança de realidade da comunidade, é de mudança de visão de mundo, é sobre pensar em projetos futuros e ter perspectivas de vida, para além daquilo que é proposto para a juventude negra periférica. A juventude artística do Recôncavo e de Cachoeira têm uma rede de reciprocidade e de fortalecimento gigantesca, se unem em prol de objetivos comuns. São preocupados em como a juventude negra será impactada cultural, social, político e artisticamente, de maneira que possa ser positiva e efetiva.

A música rap promove a educação não-formal, produzindo valores, esperança, solidariedade e discussões acerca dos problemas sócio-políticos do bairro, da cidade e do país. (MESSIAS 2008)

No capítulo a seguir irei abordar com mais detalhes sobre essa rede de reciprocidade e de fortalecimento em que essas juventudes de Cachoeira e do Recôncavo Baiano se entrelaçam.

CAPÍTULO 3 - MC's, RAPPERS E DJ's: REDES DE RECIPROCIDADE DO MOVIMENTO ARTÍSTICO MUSICAL DOS JOVENS NEGROS DO RECÔNCAVO

Pesquisando sobre o Recôncavo encontrei um resumo bastante interessante que dialoga muito com o que a minha pesquisa propõe. No site do ogampazan²⁶ aponta que a região do recôncavo baiano, a partir da formação dos seus municípios que carregam muito da cultura ancestral negra e da história do povo negro tem suas manifestações diversificadas. Assim como diversos artistas negros famosos saíram do recôncavo, Caetano Veloso, Edson Gomes etc. Ou seja, o recôncavo é uma terra com uma negritude resistente e com uma produção artística potente. (SITE OGAMPAZAN, 2021)

Continuando a falar sobre o Recôncavo e o movimento hip hop, afirmam que:

“sendo um Estado de grandes dimensões que superam e muito territórios de países em outros continentes, a Bahia encontra em suas mais diversas regiões expressões únicas dentro da história da cultura hip hop. E neste sentido, houve a iniciativa de criação do Universo 75 dentro do hip hop baiano que visava expandir produções e artistas, unindo-os de modo transterritorial, partindo do recôncavo até outras regiões. Com esta iniciativa, fruto dos últimos anos, onde o rap feito principalmente no recôncavo firmou os pés na cena, com uma avalanche de produções e um celeiro que não para de dar oportunidades a excelentes artistas” (SITE OGAMPAZAN)

O estúdio Ibori do DJ F3lip3 realiza essas produções culturais dos artistas negros de Cachoeira e do Recôncavo, juntamente com o Cine do Povo e do Baile Pelo Certo. Projetos que já foram mencionados anteriormente.

O site ogampazan ainda aborda sobre as iniciativas independentes:

“estas iniciativas têm expandido artistas que tem produzido a fina flor do rap baiano, em direções criativas diversas, mesclando sonoridades com conceitos amplos e originais, se reunindo juntos povoando o Universo 75. Estúdios independentes, uma galera do audiovisual, DJ's, beatmakers, MC's, ilustradores, escritores, algumas vezes mesclando na mesma pessoa, tem produzido em alto nível, numa lição de resistência e de apreço às bases da cultura hip hop. A cultura periférica e underground, trap, rap,

²⁶ Oganpazan é um site que informa e discute sobre músicas, portal de músicas independentes. Sobre rap, hip hop, Jazz, Raggae etc. <https://ogampazan.com.br>

reggae²⁷ entre outros, são elementos culturais e sonoros que têm sido muito bem utilizados nas produções do Universo 75". (SITE OGAMPAZAN)

O Universo 75 foi idealizado por Aganju Uh Anti Influencer, homem preto, professor, escritor, educador comunitário, MC (Us Pior da Turma) e produtor musical. Reúne em Cachoeira no seu estúdio, artistas diversos.

As imagens abaixo mostrarão as ações e apresentações do Aganju Uh Anti Influencer na cidade de Cachoeira. Apresentações no Baile Pelo Certo, no Laboratório Musical no Ibori Studio e no mutirão cultural do centro comunitário Luiz Orlando, respectivamente.

²⁷ Essas expressões e gêneros musicais se conectam a partir dos seus produtos e manifestações culturais que fogem dos padrões comerciais.

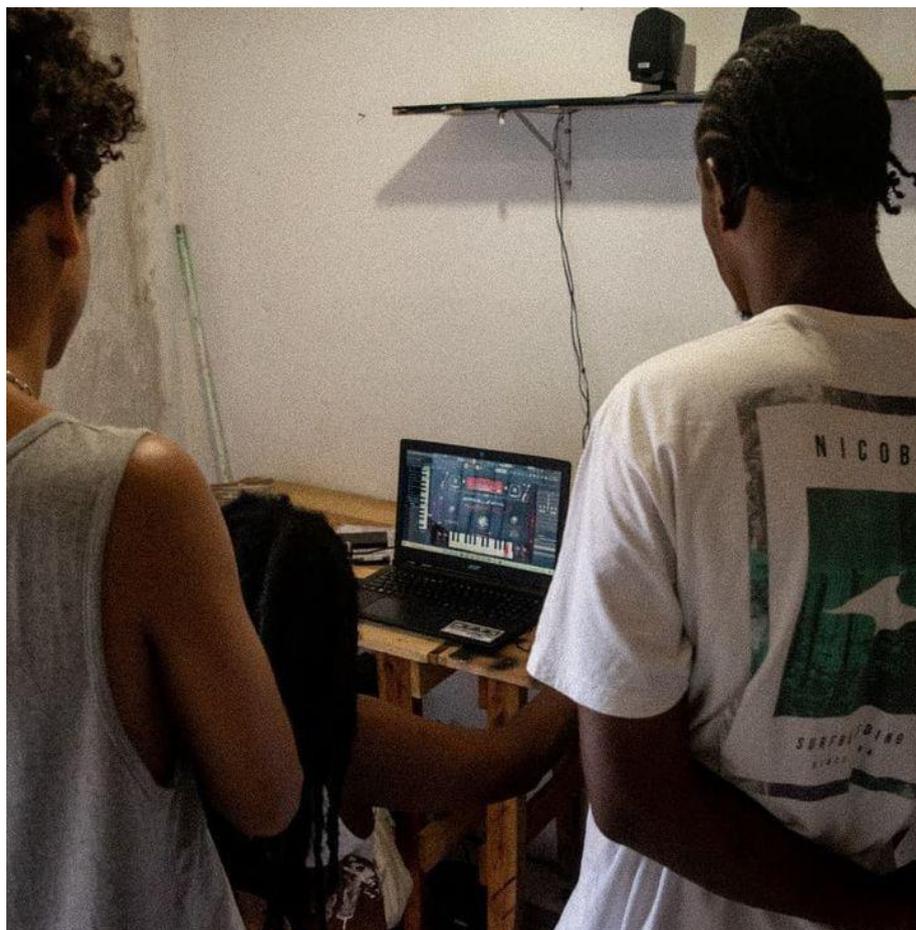
Figura 1- Apresentação do Aganju Uh Anti Influencer no Baile Pelo Certo



Fonte: redes sociais do Baile pelo Certo (2023)

Essa foto da figura 1 com apresentação do Aganju no Baile pelo Certo tendo ao lado o DJ F3lipe. Aganju uh Anti Influencer é um dos cofundadores do Baile e um dos artistas que mais se apresenta no Baile pelo Certo desde o seu início. Tem álbum gravado com o DJ F3lip3 o Flow Coltrane que é um álbum novo, lançado em 2024.

Figura 2- Aganju Uh Anti Influencer dando aula de Laboratório Musical no Studio Ibori



Fonte: redes sociais do Ibori Studios (2020)

Essa figura 2 é o Aganju uh Anti Influencer no espaço do Studio Ibori juntamente com o MC Marreta dando aula de laboratório musical. 2 anos depois desse laboratório, o MC Marreta lançou seu EP Cerooh que teve direção artística e participação nos beats do Aganju uh Anti Influencer, assim como do DJ F3lip3.

Figura 3- Aganju Uh Anti Influencer se apresentação no mutirão cultural do centro comunitário Luiz Orlando



Fonte: redes sociais do Centro comunitário Luiz Orlando (2024)

Essa figura 3 é uma ação foi o VI Mutirão Cultural do Centro Comunitário Luiz Orlando que fez parte de um programa de formação chamado Neoliberalismo e Supremacia Brankka no Contexto da Guerra de Alta Intensidade na Bahia Contemporânea. Teve a participação de vários MC's, como MC Jayne. Teve ações de grafitti, rodas de conversas e muito rap.

Assim como outros projetos, existe o projeto Cena75, um projeto que é realizado pela 75produções em parceria com a Odé Produções e tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blan, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal. É um programa exibido no YouTube quinzenalmente. O DJ F3lip3 apresentou a primeira temporada que possuem (6) episódios. A cada episódio é entrevistado um MC ou produtor musical do Recôncavo.

No site da Revista Afirmativa, com a notícia sobre o programa de rap da cena 075, aborda um pouco sobre a trajetória do programa Cena075.

“A primeira temporada traz seis (6) episódios e cada um deles apresenta um MC ou produtor(a) musical do Recôncavo baiano. A apresentação é comandada por Felipe Ramos, que é Dj, beatmaker e produtor musical, mais conhecido como DJ F3LIP3”. (SITE REVISTA AFIRMATIVA, 2021)

Dentre os temas abordados, é o movimento musical do cenário do rap 075 que engloba todas as cidades baianas com o DDD de mesmo número. A revista afirmativa traz sobre o programa na matéria sobre a “Cena 075” que o programa impulsiona o rap, mas de uma maneira mais fonográfica, focando nas trajetórias do artista convidado, sobre suas perspectivas e seus projetos artísticos. Ainda assim, há diversas limitações para os artistas e produtores musicais na Bahia, e isso afeta nos seus processos de produção. Como foi citado anteriormente pelos artistas de Cachoeira, a falta de investimento, de acesso a equipamentos e estúdios dificultam. Por isso a cena do rap 075 está em movimento, fazendo com que através da arte sejam problematizadas as questões relevantes da sociedade, como também pensam nos problemas das comunidades locais, tendo esse compromisso de tentar solucionar esses problemas enfrentados. (SITE REVISTA AFIRMATIVA, 2021)

3.1 – Espaços de expressões, reconhecimento e fortalecimento do rap e do hip hop em Cachoeira-BA

Com base no trabalho de Manoel Alves de Araújo Neto (2019) sobre as percepções da formação intelectual de MC's negros do Recôncavo da Bahia, aponta questões de como o rap e o hip hop deu início em algumas cidades do Recôncavo. Em Santo Antônio de Jesus o movimento hip hop deu início no ano de 2002. Diferente da cidade de Cachoeira e Cruz das Almas, o primeiro elemento que surgiu foi o breaking, surgiu a partir da dança e posteriormente surge os DJ's, o graffite e os MC's com o grupo de rap Filhos do Gueto que foi composto por MC Mudinho, Uelinton, Rogério e DJ Nay. Esse grupo visava as atividades a partir de ações comunitárias no município, com festivais e movimentos de interações da juventude da cidade com outras juventudes da Bahia e outros estados

Ele ainda aborda que, segundo o artista MC Moura Black, o hip hop teve início em Cachoeira no ano de 1991. Afirma que:

“O primeiro elemento a surgir foi o rap com o grupo PCA (Pretos Conscientes Atuais). O PCA foi composto por Moura Black, Duda Miranda, Ney Pontão Capoeira e Jasso. Posteriormente ao rap, surgiram outros elementos como o graffite e depois o breaking” (NETO, 2019, p 101).

A primeira festa de rap que se tem registro em Cruz das Almas ocorreu nas dependências da Casa da Cultura Galeno D’avelírio, Por contestarem as problemáticas e normativas sociais, acabaram convivendo com muitas estereotipações e “brincadeiras” para ridicularizar o trabalho que faziam. Após alguns anos de atuação, o grupo se desmembrou, e alguns MC’s da primeira formação construíram o grupo Filosofia Consciente” (NETO, 2019, p.104).

O rap e o hip hop refletem nos cotidianos de cada cidade, trazendo bagagens das realidades individuais e coletivas dos artistas e das pessoas que simpatizam. Assim como, enfrentamentos das violências e preconceitos que a juventude negra sofre diariamente. Uma das tarefas do rap e do hip hop, como afirmaram alguns artistas ao longo dessa pesquisa é de salvar a juventude, das opressões, das violências, da morte etc. As produções dos artistas negros são pensadas justamente para alcançar essas pessoas, desses lugares e espaços que os violentam. E o rap e o hip hop tem um poder de exercer de desconstruir diversas narrativas negativas associadas a população negra.

Apesar do RAP produzido nessas cidades terem conteúdos abordando problemas e reflexões diversas sobre as realidades, estava ainda direcionado a um determinado público e espaço. E por muito tempo, diante das condições sinteticamente apresentadas, o RAP teve que sobreviver desse modo, e tal metodologia “pertencente” a um ambiente “guetificado”, foi a alternativa encontrada para enfrentar as condições sociais impostas. Essas, se moldam em mecanismos de afirmação camufladas para a negação social do/a preto/a, e como contraponto, os/as MC’s do Recôncavo foram influenciados por Racionais MC’s, MV Bill e Facção Central. Tendo que conviver com marginalização social da música e de seus corpos, esses/as produzem um tipo de rap como forma de enfrentamento dessas experiências negativas, as quais os “obrigam” a produzir conteúdo que circundassem em torno de temas como: violência, crimes, drogas e autoestima” (NETO, 2019, p. 109).

Nathalia Pereira Araújo (2020) na sua dissertação sobre o movimento hip hop e educação antirracista também discute sobre o movimento hip hop e o rap

no Recôncavo. Traz informações valiosas sobre as articulações dos artistas nas cidades e como se organizam para desenvolver seus projetos. Assim como entende que a educação não-formal realizadas dentro do movimento hip hop, através do rap, a partir dos processos didáticos e tendo as relações étnico-raciais como ponto de partida, em conexão com a realidade da juventude negra, tem sido eficaz nas ações feitas por esses artistas.

“A educação não-formal se caracteriza por trazer em seu processo de aprendizado a troca de experiências em espaços de ações coletivas frequentes, repletas de valores culturais próprios, pois é uma educação que socializa os envolvidos, expressa hábitos, posicionamentos, comportamentos, modos de analisar e de se expressar segundo os valores e crenças de uma comunidade característica” (ARAÚJO 2020, p.30).

Segundo o Site Rap Nacional na matéria sobre a filosofia da periferia e a influência do rap nas comunidades, artigo elaborado por Marina Costa Quaresma, em 2017. Aborda que o rap é um dos pilares do hip hop, é um componente importante da cultura hip hop. Rap é algo que você faz, hip hop é algo que você vive” e isso resume tudo, os dois não se separam. “É um gênero musical que ajuda a construir e formar o indivíduo. Um indivíduo diferente, propositalmente da formalidade que a sociedade exige”. (SITE RAP NACIONAL)

Ainda segundo o artigo na matéria do Site, diz assim:

“Esse indivíduo é composto, além de vestimenta diferente, de gírias, gestos e atitudes próprias da cultura hip hop. O rap consegue fazer essa formação, principalmente, em moradores onde as letras refletem a sua própria realidade. Muitos artistas reconhecem e agradecem a presença do hip hop e do rap salvando a vida deles, levando para o caminho artístico e não do crime.”

O movimento hip hop promove um espaço de referência, de identidade, de criação e recriação de novos sentidos para as vivências do cotidiano da juventude, principalmente a juventude negra. Protagonistas de ações propositivas, os jovens participantes desses grupos podem ser entendidos como “autores de si próprios” (STOPPA e MARCELLINO 2006. p.36)

ARAÚJO (2020), no seu texto, ainda traz informações sobre o Baile Pelo Certo, do surgimento, das apresentações, das ações promovidas entre outros projetos realizados. O Baile surge no ano de 2016 surge como iniciativa de grupos

de produtores culturais, DJ's, grafiteiros e artistas visuais. É referência de baile musical e projeto social para Cachoeira e cidades circunvizinhas que buscam o fortalecimento da cultura underground²⁸. O Baile Pelo Certo estabelece diálogos com a comunidade através do hip hop. O encontro musical que promove a integralização da comunidade e reafirma a identificação de jovens negros que encontram no hip hop um espaço de expressão, reconhecimento e ascensão política e social. O Baile Pelo Certo é um evento que acontece trimestralmente e que vem ganhando espaço na cidade de Cachoeira, como potencializa o cenário cultural underground do interior do Recôncavo Baiano. Algumas edições já aconteceram no espaço da Universidade e outras no espaço do escombro 777 e reúne produtores musicais e artistas de raps locais. No Baile pelo Certo são fomentadas ações de valorização identitária de artistas e da participação, como oficinas de rap e cinemas comunitários. O Baile é um consolidado ambiente de sociabilidade que prioriza a integração da população cachoeirana com o contexto acadêmico. O Baile é frequentado majoritariamente por um público jovem, acima de 18 anos, por serem atores ativos neste diálogo. E não é só frequentado pelos moradores da cidade e a juventude universitária, diversas pessoas de fora, de outras cidades do recôncavo, inclusive os artistas que se apresentam, são artistas da cidade e do recôncavo. (ARAÚJO, 2020)

A presença dos artistas de outras cidades do recôncavo é justamente para fortalecer o cenário cultural do rap na cidade. Os eventos realizados no Baile tanto em Cachoeira quanto em outra cidade do Recôncavo são eventos que fortalecimento do rap, por isso os artistas do Recôncavo se juntam para organizar e se apresentarem.

As figuras 4, 5, 6, 7 e 8 mostrarão o Baile Pelo Certo ainda quando era realizado no espaço da universidade, da UFRB.

Essa figura 4 que vem a seguir é muito representativa, pois mostra o espaço da Universidade com as artes do graffiti antes de serem pintadas havendo o apagamento dessas artes. Lembrando que o Baile pelo Certo deu início nos

²⁸ O termo é usado para chamar cultura que foge dos padrões "normais" e conhecidos pela sociedade. Um ambiente de cultura diferente, que não segue modismos e geralmente não está na mídia.

espaços da Universidade, anos depois foram proibidos de serem realizados lá, partindo assim para o espaço do escombro 777.

Figura 4- XV Baile Pelo Certo



Fonte: redes sociais do Baile pelo Certo (2019)

Us Pior da Turma é um grupo de rap de Cachoeira que foi criado em 2015, sendo seus integrantes o Aganju Uh Anti Influencer, DJ F3lop3 e A LendaSZ. O grupo tem vários Ep's lançados nas plataformas digitais. 2017 lançou o EP- Nas Margens do fim do Mundo: Tomo I, em 2018 lançou o EP- As margens do fim do mundo: Tomo II, em 2019 o EP- Cataclisma e em 2020 o EP- Nas margens do fim do mundo: Tomo III. Com participações de Az Piveta das Areas, Dois As, Mano Link e MK Lokonsciente.

Figura 5- US PIOR DA TURMA NO BAILE PELO CERTO



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2019)

Essa figura 6 mostra o quanto o Baile era frequentado nessa época da UFRB, era realizado na área verde da Universidade. O espaço da Universidade era/é um espaço mais aberto, consegue comportar mais pessoas comparado ao espaço do escombro 777 hoje.

Figura 6- XV edição do Baile Pelo Certo



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2019)

A MC Jayne é uma das figuras de maior destaque no Baile pela sua representatividade e pela sua performance. As apresentações da MC Jayne sempre surpreende, emociona e revolucionaria.

Figura 7- MC JAYNE



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2019)

MC Marreta também é uma figura com muita representatividade no rap em Cachoeira. Produziu seu EP Cerooh tendo como objetivo homenagear e eternizar a memória dos parceiros que o deixaram. Tem parceira e participações musicais com outros artistas, como Negro Dellys e DJ F3lip3.

Figura 8- MC MARRETA



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2019)

As figuras 9, 10, 11, 12 e 13 a seguir, mostrarão o Baile Pelo Certo realizado no espaço escombros 777.

Figura 9- MC MARRETA



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2022)

As imagens 10 mostra o lado de fora do escombros 777, tendo em visto que o espaço é menor e não comporta muitas pessoas do lado de dentro, isso não

interfere. Esse dia do Baile teve lançamentos de EP's. O Frontline de Val Maloca e o do Flow Coltrane do DJ F3lip3 e do Aganju Uh Anti Influencer.

Figura 10- XXIII edição do Baile Pelo Certo



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2024)

Outra figura muito representativa no rap em Cachoeira, o ReiDan. ReiDan é um MC e Mestrando em Ciências Sociais, que inclusive entrou na mesma turma que eu, 2022.1. A trajetória e experiências do ReiDan tem um grande significado para o fortalecimento do rap em Cachoeira, as suas produções tanto poéticas quanto em ações têm sido fundamentais no desenvolvimento da cultura do rap na cidade. As oficinas, as ações sociais, os laboratórios de escrita do rap, suas apresentações, suas ideias contribuem para uma construção de identidades e produções de novas formas de vivências da juventude negra em Cachoeira e no recôncavo. No seu EP- Cês acharam que eu morrer cedo? O ReiDan faz um diálogo sobre diversas narrativas e experiências de jovens negros abordando sobre perspectivas e projetos de vida dessa juventude.

Figura 11- REI DAN



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2024)

O DJ F3lip3 é também um produtor musical que realiza diversas ações juntamente com o ReiDan e outras figuras do rap de Cachoeira e do recôncavo. Ações como laboratório de raps escritas de si abordando temas como diáspora negra, rap e rima. Como também traz as vivências de estúdio, produção musical, caminhos para montar um estúdio de baixo custo. Esse laboratório não é realizado apenas em Cachoeira, é realizado em outras cidades do Recôncavo. O DJ F3lip3 tem o Ibori Studios que faz produções musicais para artistas como

ReiDan, MC Marreta, MC Jayne, Aganju Uh Anti Influencer, Us Pior da Turma etc.

Figura 12- DJ F3LIP3



Fonte: redes sociais do Baile Pelo Certo (2024)

Para além do Baile, a cultura hip hop, em sua totalidade, possui uma forte influência na forma de resgate a negritude e ancestralidade que em vários momentos da história sofreu um apagamento pela falta de valorização e invalidação das manifestações da cultura negra no Brasil.

Nas redes sociais de alguns artistas cachoeiranos vi uma postagem sobre um evento que percebi que seria interessante para dialogar com minha pesquisa, o evento “Circuito Além dos Muros”. O evento foi realizado nos dias 24 a 26 de maio de 2023, no espaço da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Fui assistir à mesa que tinha como título: Em diálogo com a cidade: o papel da universidade no fomento à cultura, a mesa 1 foi composta por artistas, escritores, produtores musicais, ativista cultural e produtor cultural. Sendo eles: Breno Silva, Alice Nascimento, Duca Clara e Marvin Pereira. A mesa 2 tinha com título: Território em questão: uma perspectiva além dos muros, que foi composta por DJ, produtor musical, MC e produtor cultural. Sendo eles: DJ F3lip3, Danrlei Moreira e Aganju uh anti influencer. Por fim, a mesa 3 com o título: Comunicando diáspora: criando pontes além dos muros, composta por professor da história

negra cachoeirana, fotojornalista em registros cotidianos das manifestações e tradições culturais e religiosas e antropólogo. Sendo eles: Valmir Boa Morte, Camila Souza e Valdir Alves. Um evento que foi rico nas provocações e nas falas que me ajudaram no desenvolvimento da minha pesquisa.

O Circuito é um evento protagonizado pelos jovens acadêmicos e artistas da cidade e do Recôncavo que tem como objetivo construir pontes que ligam a vivência acadêmica e a vivências das ruas, estabelecendo conexões e reflexões entre a universidade e a comunidade externa do município de Cachoeira-BA.

O Circuito Cultural implica em um trânsito pelos espaços culturais da cidade promovendo atividades socioculturais e artísticas, rodas de conversa, sarau, amostra de arte e dança. A ideia é discutir, romper e restabelecer as definições de sabedoria e conhecimento, migrando do científico para o cotidiano, artístico, cultural e comunitário. Em parcerias com os artistas negros da cidade de Cachoeira e do Recôncavo, que no encerramento das atividades se apresentaram no espaço do escombro 777. Artistas como ReiDan, Aganju Uh Anti Influencer, DJ F3lip3 entre outros.

Figura 13- Evento Circuito Cultural Além dos Muros



Fonte: redes sociais do Circuito Cultural Além dos Muros (2023)

Falarei um pouco sobre a importância da ABW, mencionada anteriormente pela Velka MC, as informações foram obtidas pelas redes sociais e pelo site oficial da ABW. As redes sociais tem sido um meio que possibilita uma fonte de pesquisa eficaz, pois é um meio que está presente no nosso cotidiano e na nossa rotina. Através das redes sociais estamos frequentemente postando nossas rotinas, o que fazemos, nossos projetos. E os artistas usam das redes sociais para divulgarem seus projetos, para publicarem sobre suas ações, o que tem feito, o que irá fazer etc. A ABW Realiza diversa atividades na cidade como roda de conversa com temas como “a cultura hip-hop e o empoderamento negro”, “o jovem como agente de transformação” e “conscientização e prevenção ao uso de drogas”.

No site oficial da ABW²⁹ traz todas as informações de ações, atividades e apoio ao movimento.

“A ABW conta com o apoio do governo da Bahia através da Lei Estadual de Incentivo ao Patrimônio de Cultura – FazCultura (Lei

Estadual Nº 7.014/1996), e com aprovação da Secretaria de Cultura (SECULT), realiza um projeto “ABW- recriando o nosso futuro” com oficinas de dança afro, capoeira, inglês, fotografia e produção musical -rap.

Realiza cine debates com filmes produzidos na cidade de Cachoeira e de outros lugares do Brasil, produz oficinas com aulas de hip-hop dance, grafite, rap, dj, empreendedorismo e moda de rua, além de cursos de qualificação como fotografia, iluminação, língua inglesa, produção musical entre outros. Por fim, a ABW também tem um grupo de dança que se apresenta por várias cidades transmitindo em suas coreografias as vertentes do hip hop aliados aos diversos segmentos da dança como o dancehall, samba, afro, capoeira e outros. Em suas interpretações, explora o cotidiano urbano, as culturas regionais da Bahia, trazendo o contexto político e social do país, além de enaltecer a cultura negra. Buscam através da dança comunicarse e levar arte pelo mundo”. (SITE OFICIAL DA ABW).

A ABW de forma muito efetiva organiza encontros formativos com diversos programas. Um deles foi uma palestra sobre letramento racial, de gênero e anticapacitista, ministrada por Giseli Oliveira. Giseli foi discente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), é uma mulher preta e pessoa com deficiência. Esses projetos estão diretamente ligados e pensados para crianças e jovens preto e pretas da cidade de Cachoeira. E o objetivo maior é de fomentar

²⁹ <https://abwhiphop.org.com.br/>

reflexões acerca das perspectivas de futuro e dos projetos de vida dessa juventude. Discussões que são baseadas nas vivências e no cotidiano de cada jovem negro. (ABW, 2023)

Voltando a falar mais um pouco do trabalho de Araújo (2020) sobre o Movimento Hip Hop: Educação Antirracista, que foi desenvolvida no Mestrado em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Ela desenvolveu um capítulo que fala sobre o movimento hip hop e a sua formação histórica em Cachoeira.

Segundo Araújo (2020), existem alguns coletivos em Cachoeira que se encontram no percurso do hip hop. O cine do povo é um deles, no primeiro momento, o cine era apenas para realizações de filmes, porém para além do filme, a ideia se estendeu a construir um projeto de enfrentamento a brutalidade policial em que as periferias de Cachoeira sofriam, alternando as atividades em filmes e ações culturais através do hip hop. Atualmente, essas atividades são realizadas de maneira conjunta com o Ibori Studio, Baile Pelo Certo e o Centro Comunitário Luiz Orlando.

O Cine do Povo é uma ação com muita efetividade em Cachoeira, a partir de diversas ações sociais e culturais. Continua Nathalia (2020):

“durante o ano de 2013, o Cine ficou praticamente inoperante, chegando a seu fim do ponto de vista da atuação no Viradouro. No final deste mesmo ano, um grupo de moradores do bairro, mães, pais, artistas locais e jovens que participavam das ações, articularam uma reunião na praça local para discutir a retomada das atividades do Cine. Além dos membros do bairro, foram convidados articuladores que haviam construído uma parceria política e afetiva com os mesmos. Dessa reunião, chegou-se as seguintes avaliações e deliberações: o Cine foi tido como importante para o processo de descriminalização e de enfrentamento a brutalidade policial no bairro, pois com o cessar das atividades ficou evidente tanta brutalidade. Logo, o Cine deveria voltar como instrumento de autodefesa comunitária, possibilidade de acesso a arte e cultura descentralizada e descriminalização dos espaços públicos do bairro” (p.19).

Um Conselho Comunitário Consultivo precisou ser estabelecido a partir de iniciativas dos organizadores e dos moradores da comunidade, para que fosse construído novos rumos para o Cine. A partir disto, dessa iniciativa, nas periferias de Cachoeira, o Cine começa a atuar comunitariamente através das ações de políticas sociais e culturais comunitárias. Tendo como instrumentos, a educação

popular, o movimento hip hop, o cinema e várias outras ações culturais da juventude negra.

Conforme demonstram as imagens abaixo acerca das ações feitas pela juventude artística de Cachoeira e do Recôncavo através do Centro Comunitário Luiz Orlando. Esse dia foram abordados temas sobre políticas de morte tendo como ponto de partida um contexto de guerra racial na Bahia.

Figura 14- Curso de formação “Neoliberalismo e Supremacia Branca no Contexto de Guerra Racial de Alta intensidade na Bahia Contemporânea



Fonte: redes sociais do Centro Comunitário Luiz Orlando (2024)

O Cine do Povo é realizado nas periferias de cidade de Cachoeira, percebemos nessa imagem a maior parte do público são crianças, pois é uma ação de educação comunitária, mostrando um pouco sobre a cultura hip hop e do cinema.

Figura 15- Cine do Povo



Fonte: redes sociais do Centro Comunitário Luiz Orlando (2023)

Esse Mutirão foi realizado no dia das crianças, contou com diversas atividades comunitárias explorando linguagens artísticas como apresentações de grupos de rap, dança e graffiti. Nessa ação também teve cortes de cabelo, tranças, brincadeiras e distribuição de alimentos. Apresentações do ReiDan, MC Jayne, MC Marreta, Negro Dellys da PT, Aganju Uh Anti Influencer entre outros. O que chama atenção para essas ações são os objetivos que motivam essa juventude a realizar esses mutirões, que é de descriminalizar a comunidade negra que por muitas vezes são afetadas por uma política de morte do Estado, e podendo fazer um enfrentamento e denuncia dessas violências sofridas.

Figura 16- Mutirão Cultural na Linha Velha, Rua da Feira. Com o tema: Hip Hop pela vida e pela paz nas periferias



Fonte: redes sociais do Centro Comunitário Luiz Orlando (2024)

No tópico em que Nathalia (2020) aborda sobre o Baile Pelo Certo, ela diz que a partir de uma ação do Cine do Povo sobre arte na comunidade e consciência negra contra a brutalidade policial que o Baile pelo Certo deu início em 2016. Na primeira edição do Baile foi lançado um jornal Assata Shakur, que era sobre enfrentamento ao genocídio e a brutalidade policial do estado da Bahia. O baile hoje é um espaço cultural de resistência e de diversão da juventude negra cachoeirana e do Recôncavo. O rap aparece como um meio de representação de identidades negras e de denúncias as diversas formas de violências que a juventude negra sofre. (NATHALIA, 2020)

O Baile pelo Certo é um evento que não só apresenta artistas da cidade de Cachoeira, mas reúne artistas de outros locais do Recôncavo, é um evento com maior visibilidade Cultural sobre a cena do rap e do hip hop em Cachoeira. Diante disto, se apresentam artistas como Dois Ás, Jahsco M2, Us Pior da Turma entre outros.

Figura 17- Apresentação de Jahsko M2 e Dois Ás



Fonte: redes sociais de Jahsko M2 (2019)

Pensando para além das apresentações nesses espaços culturais do Recôncavo, são reafirmados nesses espaços formas de resistência da população negra, que de maneira significativa, o local e a realização desse evento são numa rua de Cachoeira bastante marginalizada, chamada *Rua do Brega*.

No site Geledes³⁰, numa matéria sobre a cultura Hip Hop como ferramenta de afirmação e resistência, aborda sobre coletivos na Cidade de Cruz das Almas, e aborda que, “ coletivo M2 também realiza atividades comunitárias na cidade de Cruz das Almas, com foco no acesso à cultura”. E em uma das entrevistas dessa Matéria o Jahsko M2 artista de Cruz das Almas diz que: *“chega fim de semana e o que tem pra gente são os bares. Acabam empurrando a gente para os bares e a gente vê muitos jovens com problemas com álcool, problema com drogas. Então a gente trabalha com projetos sociais. Quando chega o fim de semana a gente leva um pouco de cultura, faz uma roda de rima, tenta atrair a galera que faz poesias e tal. Trabalhamos com oficinas de grafite nas comunidades, oficina de rima. Então é um lance pra unir a comunidade através do movimento hip hop”*.

³⁰ <https://www.geledes.org.br/cultura-hip-hop-como-ferramenta-de-afirmacao-e-resistencia/>

Como nativa, afirmo que esse evento que é realizado em uma das ruas mais marginalizadas de Cachoeira, que é a Rua do Brega, assim como se afirma como um dos eventos com um caráter cultural muito forte, assim como um caráter de resistência da população negra.

Há um movimento muito interessante nas cidades do Recôncavo, que é o movimento das *batalhas de rima*. A *batalha* se baseia em “atacar” o adversário verbalmente em cada momento da rima, e vale tudo. No livro de Marcelo Silveira Correia sobre as representações nas Batalhas de Rima, ele traz alguns elementos explicando como cada batalha é desenvolvida. (CORREIA, 2020)

“Tais performances acontecem seguindo regras, entre elas o tempo que dá para cada MC, que é de 30 a 40 segundos por round (período), desenvolver suas rimas, normalmente divididos em dois rounds, só ocorre o terceiro quando há empate entre eles segundo a manifestação do público presente, nesse caso o organizador pode fazer dois tipos de modalidades nesse momento, um ainda seguindo o tempo dos primeiros rounds, outro podendo ser o bate/volta, esse por sua vez tem características peculiares, ou seja, cada MC poderá rimar quatro vezes seguido de mais quatro, intercaladas (duas e duas). (CORREIA, 2020, p.14)

Segundo a cartilha da Batalha de Rima realizada em São Paulo (#CulturaNoFeed)³¹ na edição sobre as batalhas aponta que na sua maioria, as batalhas são realizadas em espaços públicos, a batalha não precisa de uma produção maior de equipamentos, de instrumentos, precisam apenas de uma caixa de som e um microfone. Desta forma, podemos dizer que é um evento com mais acessibilidade dos artistas e de quem queira participar. Tudo é observado, a voz, a performance, as palavras, as letras, as expressões etc. São espaços que qualquer pessoa pode participar e disputar. Algumas batalhas tem temas ditos na hora e outras com temáticas livres, apenas no improviso. E finaliza afirmando que: “diversos artistas do rap, e de outras linguagens artísticas começam suas carreiras no “palco” das batalhas que tem permitido trocas e vivências extremamente potentes”.

³¹ A #culturanofeed é uma ação do Centro Cultural de São Paulo para divulgar e fomentar a importância das diversas manifestações culturais.

Longe de uma análise mais aprofundada sobre performance, podemos compreender as regras, ritos, narrativas, dentre outros elementos que compõem as batalhas enquanto expressões dos significados atribuídos à realidade social e suas transformações: “podemos dizer que a estrutura social emerge na performance, ela é realizada” (LANGDON, 2006, p.27).

No site do Rap Dab³² sobre o Rap nacional, realizado em 2020, encontrei umas informações interessantes que vale trazer, aborda sobre a importância da Batalha de Rima no cenário brasileiro. Diz que:

“aproximadamente nos anos 2000, a batalha de rima se popularizou em meio a crescente do gênero no país. A *Liga dos Mcs* criada em 2003 em Belo Horizonte pela **Brutal Crew**, foi uma das principais competições de freestyle do território nacional, conseguindo atenção da grande mídia, sendo televisionados duelos na MTV Brasil... Em 2013, com o projeto *Duelos de Mcs* organizado pela Família de Rua... Projeto acabou revelando na época, nomes como: Slim Rimografia, Max B.O, Funkero, Maomé, Douglas Din, e também o grandioso Emicida”.

É importante trazer o significado do nome EMICIDA. Ele foi apelidado como EMICIDA em 2005, que faz referência a sigla MC com a palavra homicida, pois era considerado um “assassino” nas batalhas de freestyle. A partir disso o apelido se transformou em nome artístico, E.M.I.C.I.D.A (Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades, domino a Arte). (Site RapDab – Mateus Araújo, 2019)

No dia 15 de outubro de 2022 começou a 2ª edição da Batalha de Canhão. Um dado importante que foi observado é que desde a 1ª edição somente homens batalham, mesmo existindo várias mulheres que também são MCs, inclusive a organização geral da batalha do canhão é feita por uma mulher (Velka MC), compositora e rapper. É gritante a ausência de Mcs mulheres na batalha enquanto competidoras, elas participam de outras formas que não é batalhando. Em conversa com um dos organizadores, questionei sobre a ausência das MCs nas batalhas. A resposta foi que a batalha só está sendo feita por homens por causa da dificuldade em encontrar mulheres que batalham.

Os espaços públicos, historicamente, são espaços colocados para a presença masculina, no sentido de que as mulheres precisam estar nos espaços

³² <https://www.rapdab.com.br/2020/04/11/importancia-batalha-de-rima-rap-nacional/>

privados dos lares, nos cuidados domésticos, e o homem o provedor, que precisa sair para o trabalho. Dito isto, há uma grande dificuldade de encontrar mulheres nos espaços da rua, principalmente quando falamos em batalhas de rima.

Márcia Silva (2017) publicou um artigo no Seminário Internacional fazendo Gênero 11: transformações, conexões e deslocamentos. No artigo sobre os gêneros da rima, aponta que as mulheres tem uma presença em menor proporção nas batalhas, tendo em vista que a relação entre público e privado como já discutido, socialmente construído dos espaços que são colocados para serem ocupados por homens e mulheres, colabora para essa associação de público/homem e privado/mulher.

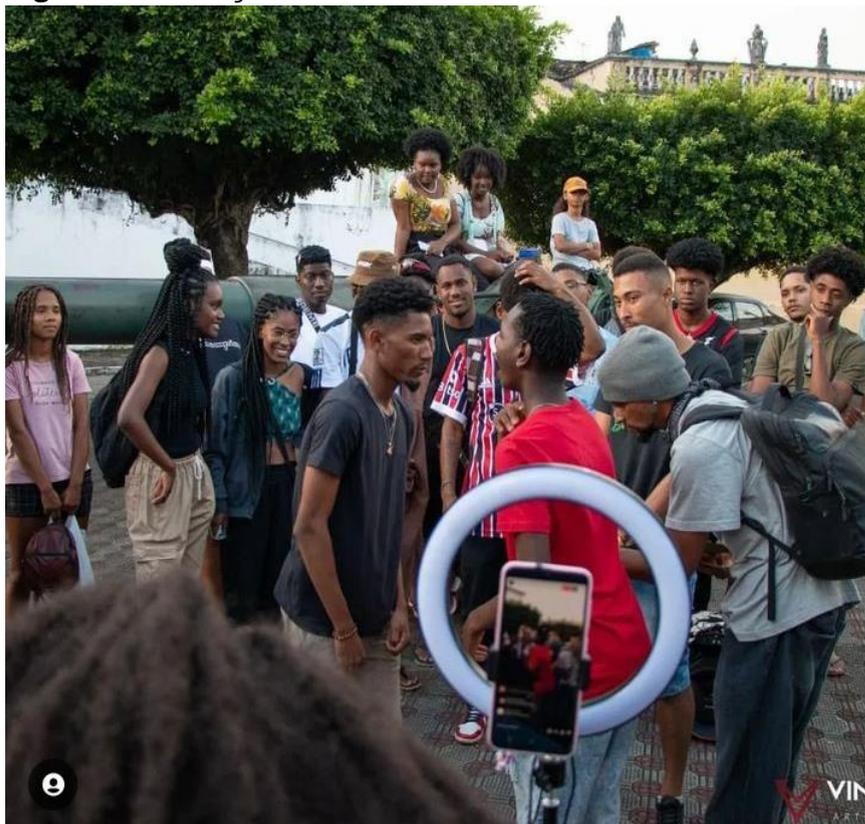
No dia 10 de dezembro de 2022 começou a 3ª edição da batalha do canhão. Ainda com muita ausência de MC's mulheres nesses espaços, inclusive se apresentando. No dia 07 de janeiro de 2023 começou a 4ª edição da batalha do canhão, uma edição especial. No dia 18 de março de 2023 começou a 5ª edição da batalha do canhão e no dia 29 de abril de 2023 começou a 6ª edição da batalha do canhão. São eventos que estão acontecendo constantemente e se fortalecendo no recôncavo. A batalha do canhão em Cachoeira, a batalha do coreto em Muritiba, a batalha da juventude em Cruz das almas, batalha da escola movimento cultural organizado pelo educa rap ufrb. O educa rap é um projeto de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia com um programa de rádio chamado Rap é o Som, na rádio Santa Cruz FM 87,9. É um espaço onde poetas e poetisas fazem ecoar as vozes a sua poesia e divulgam seu trabalho de forma gratuita com o objetivo de incentivar a produção poética e visibilizar os poetas e poetisas e sua arte.

“O espaço da batalha de Mcs se configura como um local onde o ponto de vista masculino é o hegemônico. Os termos batalhas ou duelos remetem ao masculino, e a estrutura cênica destas disputas muitas vezes reproduzem este universo. Expressões faciais sisudas, postura física mais rígida, são exemplos que podem ser citados. Desta maneira, compreender as construções e possíveis reconstruções sobre as referências de gênero nas batalhas pode oportunizar questionamentos e possibilidade de criação de outras narrativas e discursos”. (SILVA 2017, p.2)

Como demonstrada nessas imagens abaixo da batalha do canhão em Cachoeira-Bahia.

No dia 20 de agosto de 2022 começou a 1ª edição da Batalha do Canhão realizada na praça da aclamação (jardim do canhão) em Cachoeira-BA. Esse evento reúne diversos MCs de cidades circunvizinhas em Cachoeira e outras cidades do Recôncavo que batalham entre si com seus raps. É um evento realizado pelo grupo coletivo de quebrada com intuito de uma busca para construção de uma juventude melhor. Os avaliadores julgam cada apresentação de acordo com suas rimas, improvisos e performances, a partir disto, escolhem o vencedor (a). O evento marcado para 15h em um sábado. Chegando lá encontrei com o Leepão, que me falou que o evento estava atrasado pois ainda não havia chegado alguns MC's de fora que iriam disputar. Quando a batalha começou, ainda com poucas pessoas presentes, observei que os participantes que disputavam ficam numa roda, todos em pé, roda feita pelos telespectadores e ali se enfrentam numa troca de rimas e o público de maneira participativa conduz também a partir das suas reações as rimas feitas, em cada rodada onde um dos MC's que está rimando faz uma rima que conquista mais o público, o público gritava apoiando e a partir desse grito identificamos que o público gostou mais da rima. E vão conduzindo assim até o final onde os jurados tomam uma decisão para ver quem foi o vencedor. Vão se enfrentando, até chegar na rodada final, onde apenas 2 disputam. Percebi que o público da batalha, mesmo sendo um público menor, é um público que abraça a batalha e costumam estar acompanhando as edições, fortalecendo o movimento para alcançar outros públicos.

Figura 18- I edição da Batalha do Canhão em Cachoeira



Fonte: redes sociais da Batalha do Canhão (2022)

Essa imagem 20 é muito marcante para a Batalha, foi um momento que eles colocaram como único. Iniciaram a batalha com poucas pessoas, e com alguns minutos a roda da batalha começou a encher e no final as pessoas estavam todas envolvidas com os MC's batalhando.

Figura 19- Batalha do Canhão acontecendo na FLICA (Feira Literária

Internacional de Cachoeira



Fonte: redes sociais da Batalha do Canhão (2023)

Essa edição contou com 3 fases, as duas primeiras com rimas improvisadas quem fosse aprovado pelo público e pelos jurados passavam para a final. Nessa edição teve o Leepão como jurado. E o Inhoo. MC de batalha de Cruz das Almas foi o vencedor.

Figura 20- VI edição da Batalha do Canhão



Fonte: redes sociais da Batalha do Canhão (2023)

O corpo, especificamente o corpo feminino, pode ser considerado histórico e socialmente, um lugar de controle. Na maneira de vestir, de agir, de falar. Assim como também dos homens, inclusive homens negros, a sua forma de vestir são julgadas, a maneira como fala, as gírias usadas etc. O nosso corpo é marcado por uma estrutura dominante que carrega traços históricos de masculinidade e feminidade.

Há uma pressão dentro desses espaços de batalha onde as mulheres buscam um espaço para estarem participando, pois os espaços são colocados como espaço que é ocupado pelo homem, um pouco sobre a relação público e privado. E essa pressão também se dá pelo fato de terem que participar de uma batalha onde a maior parte do público em que o rodeia é masculino, e isso pode inibir muitas mulheres de batalhar. Além disso, carregam um peso de sempre terem que ser melhores, pois podem ser consideradas incapaz ou apontadas como não pertencentes aquele espaço. (SILVA, 2017)

Além da batalha do canhão, existem diversas batalhas de rimas em outras cidades do recôncavo. Esses eventos são articulados pelos jovens MC's que normalmente não têm ajuda financeira, o *corre* são dos próprios Mc's que organizam. São eventos com a iniciativa deles para dar maior visibilidade e oportunidades para os Mc's. Com o intuito de um fortalecer o outro, de dar mais visibilidade no corre do outro e a partir disso expandir o movimento.

Nos eventos da *batalha do canhão* é sempre realizado na tarde do dia de sábado em Cachoeira, das 5 edições que aconteceram, ainda é pouco frequentado.

Uma das organizadoras da batalha do canhão, a Velka MC, relatou o quanto é difícil se desenvolver na cidade por conta de apoio, e por isso ela tem um movimento independente desde quando começou. E ressalta que por muitas vezes o movimento é visto como algo que não influencia de forma positiva e é discriminizado. Ela conta a importância do ABW ³³, onde ela trabalha atualmente, por promover eventos buscando dar visibilidade ao movimento e ampliar o movimento por entender o quanto é fundamental e necessário. “*Porque o hip hop salva*”, cita MC Velka.

3.2 O rap em Cachoeira-BA e no Recôncavo Baiano

“O rap e o hip hop faz parte do cotidiano dos jovens no Recôncavo”

DJ F3lip3.

O Baile Pelo Certo é um dos agentes com maior influência na relação de construção das identidades artísticas dos parceiros. (CONCEIÇÃO, 2018)

A potência do Baile Pelo Certo é perceptível quando vemos ReiDan, MC Jayne, DJ F3lip3, Jahsco, Aganju entre outros artistas que são referências no Recôncavo Baiano. A participação desses artistas no Baile em Cachoeira enriquece o cenário cultural e musical da cidade, construindo novas visões e quebra de preconceitos. É muito lindo ver o amor e a dedicação em que os artistas têm pelo rap e pelo hip hop. Na minha primeira entrevista com Leepão, no jardim

³³ ABW é uma instituição sem fins lucrativos e também um ponto de cultura, que atua no município de Cachoeira-Ba desde 2006. Tem como objetivo disseminar os pilares da cultura hip-hop e promover a inclusão de jovens em situação de vulnerabilidade social nas atividades artísticas, socioeducativas e profissionais para que estes se tornem futuras lideranças, capazes de atuar como agentes multiplicadores de cultura em diferentes espaços.

da cidade de Cachoeira, fiquei muito emocionada em ver o Leepão o amor em que ele tem pelo rap e o quanto o rap mudou a vida dele. Leepão relata diversos acontecimentos em que o rap proporcionou a ele, e que hoje tem certeza sobre o poder em que o rap pode ter na vida das pessoas, de mudança de perspectivas e mudanças de futuro. O Leepão e a Velka têm uma relação muito bonita que o rap proporcionou, inclusive se chamam de pai e filha. Na entrevista a Velka sempre referenciava o Leepão, na maior parte da nossa conversa ela falava sobre ele. E não foi diferente, na entrevista com ele, ele falava sobre ela.

O rap no recôncavo tem crescido consideravelmente muito por ter uma rede de apoio e de reciprocidade do movimento hip hop e diversos movimentos artísticos da juventude negra. O amor ao rap une de forma muito coletiva e respeitosa. O brilho nos olhos que essa juventude negra fala sobre o rap é admirável, sensível e contagiante. Me emocionei do início ao fim de todas as entrevistas quando escutava eles falando sobre a paixão pelo rap e de como o rap mudou a vida deles e os salvaram. Como diz o Leepão e a Velka: *“O rap salva, e ele me salvou”*. O Leepão me contou de forma muito emocionada o quanto através do rap busca alcançar outros jovens e que o rap faça na vida desses jovens o que o rap fez na vida dele. Leepão teve uma influência muito importante para que a Velka hoje se tornasse MC, além do Leepão, a Velka tem a MC Jaynne como uma das suas referências feminina no rap. É importante entender o quanto essa representatividade é necessária. E não só a Velka, outras jovens também se sente representada pela MC Jaynne que é uma potência. A Velka hoje está muito ligada ao movimento hip hop, organiza batalhas, participa de batalha em outras cidades do recôncavo e tem se desenvolvido e se tornado referência de mulher negra rapper. O rap é resistência preta, afirma o ReiDan.

Na entrevista com o DJ F3lip3, pergunto: Como você vê o cenário do movimento hip hop/rap hoje em Cachoeira e no Recôncavo? Ele aponta que o cenário é muito forte, abordando sobre o que ele tem feito, alguns projetos e fala sobre outros movimentos.

Hoje o hip hop/rap no recôncavo baiano é muito forte. Além do trabalho que a gente faz musicalmente, grupos de dança como ABW, EX13. A ABW tem uma sede, eu dou aula lá de produção musical voltada pro rap num projeto. Como fazer beats, como gravar, como escrever uma letra. Então hoje, falando culturalmente assim, o hip hop é muito forte no recôncavo, tem

batalhas de rap, batalha de rima. A galera do grafite também. Então hoje se a gente for fazer um mapeamento aí, a gente vai ver que que o hip hop em Cachoeira e no Recôncavo é forte, é ativado. (Entrevista, DJ F3lip3)

Sobre o cenário do movimento hip hop e do rap em Cachoeira e no Recôncavo o Negro Dellys da PT apontou que a cena do rap e do hip hop ainda tem pouca valorização, concluindo que não ver artistas sendo contratados para se apresentarem em festas.

Partindo do ponto de vista geral sobre o rap na cidade de Cachoeira e no Recôncavo, ao mesmo tempo em que os artistas se desdobram para que o movimento cresça e alcance a juventude de modo geral, a partir de projetos realizados, oficinas e eventos que são promovidos por eles mesmo. Várias batalhas de rima acontecendo, oficinas nos bairros, eventos no escombro 777, baile pelo certo, baile das brabas etc. O rap ainda continua pouco valorizado, pois se eles não se movimentarem para fazer acontecer, nada acontece. As apresentações dos artistas da cidade e do recôncavo só acontecem quando eles organizam os eventos. A frase “se eles não se movimentarem para fazer acontecer, nada acontece” nos transmite uma sensação de que o movimento do hip hop e os artistas do rap precisam estar o tempo inteiro tendo que se mobilizar para fazer as coisas acontecerem. Mas essa afirmação aparece no texto porque os próprios artistas trazem isso quando questionamos em relação aos projetos e as suas apresentações. Eles produzem de forma independente, os eventos são eles que organizam. Então, resumindo, eles que fazem acontecer, a partir da mobilização dos artistas e de outras pessoas que abraçam o movimento.

O DJ Felipe no seu espaço cultural escombro 777 desenvolve diversas atrações quase todos os finais de semana e nesse espaço é muito forte a presença de mc's, rapper's, dj's e grafites. É o espaço que mais possibilita as performances desses artistas onde dão visibilidade para eles mostrarem suas artes e suas poesias. O ReiDan (Danrlei), a MC Jayne, o DJ Felipe, Negro Dellys entre outros, se apresentam muito nesse espaço. Um espaço que abriu as portas para realizar o baile das brabas com apresentações das mc's, dj's e rapper's onde fortalece e visibiliza as mulheres negras que estão no rap e no movimento hip hop, que ainda é um espaço com maior número de homens e um espaço machista.

Consegui perceber, relacionando o espaço do escombro com o espaço das batalhas, que o espaço cultural do escombro 777 aparece como um espaço onde há mais mulheres frequentando, e possibilita que as MC's se apresentem de forma mais frequente, que inclusive é realizado o baile das brabas. Já nos espaços das batalhas, até o público é na sua maioria é frequentado por homens. Acredito que, podemos perceber que a relação do público e privado que foi discutido anteriormente, trazendo isso para entender o motivo em que as mulheres aparecem mais nos espaços considerados um pouco mais privado, podemos dizer que o escombro, e o público que são os espaços das batalhas, que são realizados na sua maioria nos espaços abertos, em praças públicas.

Segundo o Site Reverso Online, como já foi citado anteriormente, na matéria sobre cultura hip hop como ferramenta de afirmação e resistência, abordado sobre o Recôncavo Baiano de forma bastante interessante, aborda que:

“é um território marcado pela luta e resistência da população negra. Organizações como Irmandade da Boa Morte (confraria religiosa composta exclusivamente por mulheres negras, que comprava cartas de alforria para negros escravizados), as comunidades quilombolas e os mais de 80 terreiros de candomblé ativos em Cachoeira e sua vizinha São Félix são importantes referências em termo de estratégias de permanência negra na Diáspora. A cultura hip hop se apresenta nesse contexto como uma ferramenta, frente à realidade da criminalização e genocídio da população negra que vem sendo promovido em âmbito local e nacional” (HÉRICA LENE, 2021)

Nas redes sociais do projeto Educa Rap UFRB³⁴, encontrei várias ações e eventos realizados, como Rede Rua com grafite, Batalhas de MC's, aulas de poesias entre outros. Lá diz que o projeto tem apoio financeiro da Fundação Cultural do Estado da Bahia, que é uma Unidade vinculada à Secretaria de

Cultura. Em uma das suas postagens afirmam que: “a Rede Unificada de Artes e Artistas Independentes (Rede Rua) tem o objetivo de fortalecer o cenário cultural com o foco especial no hip hop e outras expressões artísticas das periferias. Ela segue com intenção de colaborar e engajar, e pretende promover diversidade cultural e na busca por transformações sociais significantes”.

³⁴ <https://www.instagram.com/educarapufrb/>

Tem o projeto Rede Rua com grafite, aulas de poesias e batalhas de MC's. Um projeto que foi contemplado pelo edital Diálogos Artísticos-Bicentenário da Independência na Bahia e tem como apoio financeiro da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Unidade vinculada à Secretaria de Cultura (Funceb/SecultBa). Importante destacar que muitos desses projetos que são realizados em Cruz das Almas são projetos que são ligados a universidade e por isso acabam conseguindo apoios financeiros para serem concretizados. Segundo as pesquisas que fiz nas redes sociais, nas postagens, publicações e sites que falam sobre o projeto, são promovidas diversas reuniões com várias redes para programar anualmente todas as ações desenvolvidas.

Os artistas negros de Cachoeira e do Recôncavo se relacionam de diversas formas, tanto no âmbito político e social a através de organização de projetos, rodas de conversas, oficinas etc. No âmbito musical, em parcerias em *feat* musicais, um fortalecendo o outro, e muitas vezes nem cantam juntos mais trocam ideias e conhecimentos.

Entendendo como se organizam politicamente com relação a outros artistas da cidade e do Recôncavo o DJ F3lip3 afirma que:

a gente se organiza no sentido de um tá sempre colaborando com as atividades dos outros. Tanto a gente aqui em Cachoeira quanto a galera de Santo Antônio de Jesus que tem mais frequência e Amargosa também, se organiza bastante assim no sentido das intervenções nas comunidades, nas favelas, nas quebradas da sua cidade. Então assim como eles sempre vêm, sempre colaboram nas nossas, a gente sempre tá colaborando com as deles e fazendo uma troca também, além dessa troca artística também de conhecimento. De um conhecer uma coisa e o outro, outra. (Entrevista, DJ F3lip3)

Perceptível como a relação dos artistas são de muita reciprocidade e companheirismo, se jogam nos projetos dos outros, fortalecem e divulgam. Assim como afirma o Leepão:

com os artistas negros que eu tenho contato, a relação é massa, tipo assim, a gente faz parcerias, pode nem cantar junto, mas tá ali trocando ideias, adquirindo conhecimentos, fortalecendo o trampo do outro, quando pode vai ver, quando pode fortalece no que for preciso. (Entrevista, Leepão)

O Negro Delys da PT cita que tem uma ótima relação com todos os artistas tanto daqui quanto do Recôncavo, pois todos estão tentando mostrar diferentes

pontos de vistas e ideias através da música. Os artistas são o que fazem a cultura não acabar, sempre mantendo um diálogo e compartilhando novas ideias.

Uma das principais faltas de prestígio do rap é que por ser uma música que carrega um conteúdo forte de contestação da classe dominante de quem detém o poder, de quem tem privilégios históricos e atuais, conseguindo manipular e impor as regras de jogos sociais.

A dificuldade de desenvolver enquanto parte de um projeto político e cultural a partir do fortalecimento e ajuda dos órgãos públicos é enorme. Quando perguntado aos artistas como eles chegaram ao rap e como se desenvolve no rap em sua cidade, eles afirmam que alguém do movimento apresentou o rap e se desenvolvem de forma independente e a partir desse apoio coletivo. Um tendo que divulgar, convidar para as batalhas, para as apresentações e dando visibilidade a partir desse movimento coletivo.

Pergunto: *Como você desenvolve teus projetos no rap/hip hop?*

O Leepão aborda sobre as dificuldades encontradas no caminho para realizar seus projetos, mas que entende que sempre valerá a pena correr pelo rap.

Temos um caminho longo, ainda encontramos muitas dificuldades, tipo preconceito, algumas pessoas não entendem nosso jeito de ser, de falar e de se vestir. Em questão de eventos, muitas vezes a gente não é chamado, novembro negro, vários MCS de rap e não chamam, acho um absurdo. O poder público não apoia, e quando apoiam é moeda de troca. (Entrevista, Leepão)

O DJ F3lip3 é produtor musical, tem o espaço escombros 777. Lá ele realiza diversos eventos gratuitos no intuito de fortalecer o rap e os artistas da cidade. Então os projetos realizados por ele são sempre de forma independente.

Eu desenvolvo de forma independente, tenho um home estúdio, um estúdio em casa, reduzido, onde eu gravo pessoas, finalizo as músicas. Trabalho de uma forma assim geral nesse lance de impulsionar os artistas e publicar as coisas, colocar nas plataformas digitais. E aí é tudo feito de forma independente mesmo. (Entrevista, DJ F3lip3).

Assim como o DJ F3lipe, o Negro Dellys da PT também produz de forma independente.

Eu desenvolvo de forma solo e independente com ajuda de poucas pessoas, na questão da captação, mix e master eu faço

sozinho em um estúdio feito no meu quarto. Mas minha perspectiva é fazer sucesso, evoluir e mostrar minha arte. (Entrevista, Negro Dellys da PT).

Como já abordado anteriormente, o *corre* dos artistas do rap é muito independente, acredito que por esse motivo, e por entender sobre essas dificuldades que são enfrentadas diariamente, a rede de apoio é muito fortalecida por eles. Entendem a importância de um estender a mão para o outro, de divulgar o trabalho do outro. Deste modo, os feats acontecem justamente para fortalecer o trabalho dos outros artistas, sempre estão produzindo e gravando juntos.

Questionei a Leepão se existia algum grupo de apoio nas cidades.

Quem apoia a gente é a gente mesmo, é a quebrada. A galera que gosta, a tiazinha e o tiozinho que gosta. Os grupos, os coletivos, as batalhas, e até quem não é de batalha abraçam. (Entrevista, Leepão)

A Velka também fala sobre essa dificuldade de receber um apoio da cidade, e diz que o movimento dela é independente desde quando ela começou, por ter corrido muito atrás de apoio e ter recebido muitas portas na cara. E diz ainda o quanto é difícil ver que na sociedade e no meio político e social eles serem vistos como algo que influencie, e por isso as pessoas acabam discriminando os artistas e os movimentos.

O ReiDan no seu ep chamado “*cês acharam que eu ia morrer cedo?*” tem parceria com outros artistas negros da cidade e do recôncavo, sendo eles: DJ Felipe, Negrodellys, Dois As e o Frall. O DJ Felipe em parcerias com Aganju uh antinfluer. O Negrodellys em parceria com Marreta MC. Muitas dessas gravações dos eps desses artistas são gravadas no studio Ibori com DJ Felipe. Então eles se fortalecem com essa rede de apoio coletiva. Não deixando de trazer as batalhas como já foi abordado anteriormente, através delas os artistas formam uma rede de apoio e de reciprocidade, incentivando-os a através da batalha desenvolver o seu lado artístico.

Segunda, 04 de Outubro de 2021 - 16:50

ReiDan fala sobre experiência de jovens homens negros e suas perspectivas em EP



Foto: Divulgação

O rapper ReiDan lançou seu primeiro EP "cês acharam que eu ia morrer cedo?", nas principais **plataformas digitais**, com participação de DoisAs, DJ F3LIP3, Negro Dellys da PT e Frall. O trabalho traz seis faixas que mesclam trap, boombap e pagotrap, ritmo que vem ganhando um espaço de destaque na música baiana durante os últimos anos.

As batalhas de rap são espaços de sociabilidade, de diversão e de aprimoramento de técnicas, de habilidades e de rima de improviso. A Velka diz que quando o rap é visto, traz novos sentidos e significados a sociedade ou a comunidade. Afirma que quando começou na batalha do canhão o público era muito pequeno e que depois de um ano alcançaram um grande público, inclusive aumento o público adolescente. Segundo ainda ela, vários desses adolescentes a procurava para dizer o quanto gostava da batalha, e quando não tinha batalha ficavam assistindo as batalhas pelo YouTube.

Essa juventude, essa geração que vem agora precisa ouvir e saber o que é o movimento hip hop, então dá sentido aquilo, porque é daquilo ali que possa ser que um ou outro vai escutar, vai ver e falar assim: poxa, eu quero ser MC, aí vai ser um cantar, um MC lá na frente enorme, vai começar a batalhar no Regional, depois pro Estadual, depois pro Internacional, o que for, e é disso aí que vamos descobrindo os talentos. afirma MC Velka.

A batalha tem uma importância gigantesca porque agrega não só os artistas, mas os simpatizantes que ficam admirados, espantados com a

capacidade de produzir rimas improvisadas. A batalha de rap funciona também como elemento de superação de limitações, por que não é fácil está de frente para o outro, fazer uma rima seja do tema que for escolhido, e de forma criativa tenta derrotar seu oponente. Todas as batalhas, não só a de rap, elas representam o principal antídoto contra o veneno do capitalismo que é a competição no sentido ruim, no rap ou no hip hop essa batalha se transforma numa competição no sentido transformador. Transformando realidades negativas em positivas.

Como diz o rap do Leepão *“menino de ouro que tá passando sufoco, vai no corre de rap sem ter grana no bolso, cantando com dor, cheio de saudade, anima plateia é o freestyle”*. É o que o próprio Leepão afirma e falei anteriormente, da dificuldade de ser um jovem negro correndo atrás dos seus sonhos e objetivos. Mas que independentemente da situação adversa, sem grana, com dor está cada vez mais correndo atrás e fortalecendo e incentivando os parceiros a não desistirem.

A Velka MC finalizou a entrevista me dizendo assim: “o Leepão falou comigo: a arte me salvou, espero que ela salve você também”. E hoje ela é uma das referências na cidade de Cachoeira e no Recôncavo. O Leepão ainda continua no seu rap: “enquanto eu viver o rap é minha missão”

O Leepão em um dos seus primeiros ep escreveu um rap chamado 075, falando do quanto acredita nessa juventude que vem do Recôncavo fortalecendo a cena do rap, fazendo abordagem sobre o crime e a violência sofrida por essa juventude.

“Vitória pra nós, essa aqui é por vocês, piva da quebra é real nunca desacreditei. Quem ver lá debaixo na cede de vencer, faça entre os dentes mantém o proceder. Sem atrasar ninguém aqui é 075, o recôncavo baiano os pivetes envolvidos, saudades dos amigos que descansem em paz o vazio está no peito muita faz que me faz. Os crias na pista boladão, com radinho na ativa e a carga na mão, ligado no bote se não é pacote, na contenção segura os malotes, na fuga foi pego rendido estava tirado na covardia a arma destrava, ele gritava pela minha mão não atira não. Foi pipoco até umas horas, pipoco e rajadão”. Ainda no enredo desse rap além das violências sofridas pela juventude negra cantada no rap, ele aborda sobre o sofrimento das mães ao ver o seu filho sendo alvo dessas violências. “Meu filho querido, te perder eu não aguento, é a coroa ecoando seu lamento. Por essas e outras vários quis parar, abandonar o crime e tentar recomeçar, 075 life”. (Música 075 – Leepão)

No Spotffy tem um documentário chamado “Força e Resistência – O rap do Recôncavo Baiano”³⁵ que traça a história e a atuação do rap nas cidades de Cruz das Almas e Cachoeira. A reportagem aborda sobre as falas de MCs que protagonizam as batalhas de rap nestas duas cidades, e também mostra a representatividade feminina neste cenário. Na descrição do RadioDoc diz que: “o objetivo central do radiodoc ³⁶ é mostrar o rap como meio que legitima e potencializa os discursos da juventude negra e periférica do Recôncavo Baiano”. *“Se não fosse o rap eu tenho plena certeza que não estaria mais vivo”, “o rap pra mim é uma terapia”, “rap pra mim é como se fosse uma saída”, “rap é uma luz, uma salvação do fundo do poço”*. Essa foram as frases ditas pelos artistas assim que inicia o radiodoc, ao ser questionados sobre o que o rap representava para eles.

No radiodoc, um dos entrevistados, afirma que o movimento hip hop do recôncavo se inicia em Cachoeira, no ano de 1991 com o grupo Pretos Conscientes Atuais (PCA), em Cruz das Almas, se inicia em 1997 com o grupo chamado Verbo Racional, e posteriormente vai ser denominado enquanto Filosofia Consciente do Rap.

O Lil Mayke, MC de batalha, afirma que o rap representa salvação. Não só para ele, mas para muitos MCs que estão no meio, ver o rap como um resgate. *“A gente tá na beira de fazer uma maluquice, uma tristeza profunda, e conhecendo o rap, deu uma salvada na gente”*. (Lil Mayke)

Muitos se questionam sobre as poesias que os artistas passam nas músicas, e o Lil Mayke diz que a música é momento, é cantado o que se passa no momento. Então quando é escrito um rap sobre violência é o que eles têm vivenciado ou que eles veem acontecendo. Quando falam de amor, também é o que eles estão vivendo no momento. Lil Mayke diz: *“depende muito de como eu estou no momento, não tem como dizer o que quero passar na música, só quero passar verdades mesmo, sendo verdade a gente tá falando”*.

Ao ser perguntado sobre os impactos que o rap pode gerar nas perspectivas de futuro da juventude negra de Cachoeira, a partir do cenário

³⁵ Documentário disponível na plataforma Spotify.

³⁶ É um radiodocumentário, um tipo de produto radiofônico pouco comum no Brasil, realizado através de entrevista como um podcast.

musical, cultural, político e social, o consenso sobre os impactos positivos causados é evidente. Para os interlocutores, impacta primeiramente nas perspectivas de vida e futuras. Há uma transformação no modo de ver o mundo e de pensar sobre o que a juventude, principalmente a juventude negra, quer ser futuramente. A bagagem cultural, política e social desses artistas negros, dispõe de uma grande influência na vida de alguns jovens negros que eles têm contato, tanto no cotidiano quanto nos projetos que eles realizam para com essa juventude.

O Negro Dellys da PT fala que a música possibilita a juventude a sonhar, pois algumas letras conscientizam a juventude para isso, sonhos, projetos e perspectivas futuras.

os pivetes precisam sonhar para tentar uma vida melhor, Cachoeira abre muita porta pro crime e para as drogas. A juventude de Cachoeira precisa de outras oportunidades e o rap pode possibilitar isso para eles. A música funciona como forma de influência, não só para a juventude. Nós estamos reproduzindo o que escutamos, por isso algumas letras são voltadas para conscientizar. (Entrevista, Negro Dellys da PT)

Essa afirmação me chama atenção em dois pontos. Primeiro que ele traz uma problemática sobre a falta de oportunidade em que a juventude negra cachoeirana se encontra, e segundo sobre o poder político, cultural e social em que o rap é colocado. Ou seja, o rap em Cachoeira tem um poder que mudar vidas, assim como tem se afirmado por todos essas artistas ao longo dessa pesquisa. Inegável como esses artistas acreditam na potência política e humanitária do rap na mudança de perspectivas na vida da juventude negra e não só em Cachoeira, mas na Bahia e no Recôncavo. Me chama muito atenção a frase: “o rap salva”. Muitos jovens negros têm suas vidas ceifadas e muito por não ter tido outras oportunidades de vida assim como foi dito pelo Negro Dellys da PT. Isso também tem sido a realidade de Cachoeira, muitos jovens negros têm tido suas vidas retiradas pelo crime.

Ainda sobre Dj F3lip3 aponta que o rap pode trazer autonomia e que futuramente possa promover uma troca financeira também aos artistas que hoje são independentes.

futuramente tem a possibilidade de trazer uma autonomia pra produtoras, pra grupos de rap, pra artistas aqui da nossa cidade e região, transformar isso num trabalho futuramente. Fazer com

que o rap, com que as intervenções do hip hop, tudo o que esse universo possibilita, traga uma troca e essa troca seja financeira também. Criar uma economia criativa em torno da música. Acho que tá acontecendo e vai continuar acontecendo futuramente.
(Entrevista, DJ F3lip3)

Falando a partir do que observei nas andanças em Cachoeira, os artistas dificilmente se apresentam em eventos organizados pelos órgãos públicos das cidades, pois não são convidados. É importante entender que mesmo diante toda dificuldades enfrentadas pelos artistas da cidade, e por não ter ainda nenhum retorno financeiro, não desistem dos seus sonhos de serem reconhecidos.

O ReiDan (Danrlei) é muito engajado nos projetos que visam construir oportunidades de conhecimento e de perspectivas dos “pivetes” (termo usado por ele). Desenvolve oficinas de rap e de escrita não só em Cachoeira, mas em várias escolas do Recôncavo. Nas suas redes sociais, o ReiDan afirma: *“o rap é resistência preta, as crianças são o futuro”* essa frase dita por ele reflete muito na conscientização de promover esses momentos com as crianças e juventude. Ele acredita no poder de transformação que o rap pode causar nos projetos de vida e nas perspectivas futuras da juventude negra. Segundo ReiDan, a universidade dá uma bagagem importante para o desenvolvimento desses projetos, a pesquisa dele tem muito a ver com pensar sobre essa juventude negra, e para além disso, constrói uma ponte fundamental para fazer ecoar a voz dessas juventudes. As oficinas são uma prova de que essa juventude tem produzido e continua produzindo suas histórias nas suas rimas e poesias. Falam por si e sobre si, o que os movem, o que dói, o que querem, o que vêm, e principalmente, o que desejam para si. Essas rimas tem um efeito de fazer os indivíduos pensarem a partir do seu ponto de vista, falar sobre aquilo que vêm e vivem, dá oportunidade de o indivíduo contar a sua própria história. Assim como o Rei Dan, o DJ F3lip3 também desenvolve junto com ele essas oficinas, muitas dessas oficinas são feitas no escombro 777, do DJ F3lip3. .

O rap por ser um gênero que possui uma maior influência entre crianças, adolescentes e jovens, incentiva a busca e dedicação pelos estudos, a admiração pelo conhecimento (o 5º elemento), o respeito mútuo, um proceder baseado nas normais morais e éticas estabelecidas na periferia, além de uma consciência de classe pautada em uma questão de sobrevivência da maioria da população brasileira, que vive em situação de pobreza, conflitos entre polícia e a comunidade, dentre outras condições. Entra em

questão a vinculação do rap como um movimento de cunho político que acontece fora das salas das universidades; é um movimento que atua nas ruas, juntos às comunidades e grupos sociais historicamente excluídos em prol da defesa da cultura também, por muito tempo, excluída. (LIMA 2019, p.53)

“*Brinquedinho assassino*”, música do ReiDan junto com o DJ Felipe e Frall, fala sobre suas vivências na cidade, em como um discurso de ódio atinge diretamente a juventude negra e a polícia mata os seus parceiros. O *brinquedinho assassino* que destrói uma família inteira, onde atinge determinada população específica. Tendo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³⁷ como base de dados para entender sobre as violências no Brasil, posso afirmar que, no Brasil, os casos de homicídios de pessoas negras aumentam diariamente. A desigualdade racial é um elemento central para entender essa violência letal. Nas oficinas de escrita o próprio ReiDan (Danlei) oferece ferramentas para que a juventude negra tenha acesso a outras possibilidades. Possibilidades de perceber suas trajetórias e vivências enquanto jovens negras e negros, possibilidades de pensar projetos de vida e futuro a partir do campo de disputa e conflitos que eles são colocados diariamente. (IBGE, 2020)

A Universidade tem uma influência bastante positiva no que se refere a bagagem teórica que eles trazem das suas vivências e trajetórias com o que é apreendido dentro do espaço da universidade, como também o diálogo que a universidade busca com a comunidade onde está inserida. As pesquisas desenvolvidas dentro da universidade possibilitam maior aproximação com a realidade da juventude negra da cidade. As atividades, projetos e ações que são realizados nas escolas e nas comunidades têm aberto o leque para as trocas de conhecimento e de se fazer ecoar as vozes dessa juventude negra que outrora não se ouviam. Muitos desses jovens negros artistas da cidade desenvolvem suas trajetórias também a partir da Universidade. O Leepão na entrevista falou que sempre juntou o rap e a Universidade, em todas as suas apresentações de seminário ao final ele contava um rap, não só nas apresentações, mas em vários espaços e momentos da Universidade, pois ele vive o rap.

³⁷ <https://www.ibge.gov.br/>

Pergunto: Como você percebe a tua relação com o rap/hip hop e a universidade?

DJ F3lip3 aponta que:

Então, eu já conhecia o rap/hip hop antes de entrar na universidade, mas não tinha um contato direto. E querendo ou não eu virei DJ a partir do conhecimento que eu tive com a universidade, conhecer pessoas e lugares. E aí foi me direcionando pra lance de ser DJ, então a ela meio que abriu essa porta assim pra eu ter o contato mais direto com a cultura hip hop, aliado ao que eu já fazia musicalmente. Não tinha esse contato direto, de ser ativo, ser colaborador nos movimentos, nas intervenções. O debate com a universidade traz militância, atividades e me levou pra esse caminho de ver o hip hop como esse movimento aglutinador assim de ideia, de pessoas, de combate as violências, racismo, preconceito, e eu me identifiquei bastante com isso, e aí eu sigo nesse caminho aí por agora tentando me profissionalizar, buscando fazer com que o rap e o hip hop vire o meu trabalho. (Entrevista, DJ F3lip3)

O Negro Dellys da PT também responde que:

É uma relação aonde visa um futuro na música, a produção musical é um curso que só agrega ao meu crescimento como artista e produtor. (Entrevista, Negro Dellys da PT)

Como já mencionado anteriormente, a relação com a Universidade constrói caminhos possíveis para o desenvolvimento efetivo dos movimentos e das performances artísticas. A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) já foi palco do Baile Pelo Certo, já relatado durante a pesquisa. Os estudantes junto aos artistas promovem uma relação estreita entre a Universidade e a comunidade através do rap e do movimento hip hop. As ações nas comunidades são desenvolvidas por um expressivo número de estudantes da Universidade, que se organizam também dentro da Universidade para realizar as ações comunitárias, que envolve o rap, oficinas, cortes de cabelo, entrega de alimentos etc.

Desta maneira, o cenário do movimento hip hop e do rap no Recôncavo e na Bahia se disseminam, a partir do acolhimento, da solidariedade, do compromisso com a comunidade, com a relação estreita entre os artistas e, conseqüentemente, dar visibilidade aos artistas negros da cidade. As suas apresentações, as divulgações e compartilhamentos podem alcançar mais pessoas.

Ainda falando sobre informações encontradas no Site do Oganpazan:

“durante os últimos cinco anos o Oganpazan³⁸ traz informações do cenário dos artistas negros baianos, e é um processo que enriquece, fortalece e dar mais visibilidade a esses artistas. Em Ilhéus sendo representada pelo **BillyFat**, as suas poesias são muito direcionadas a vida real de ilhéus, que não está nos cartões postais e nem percebida pelos turistas. O Besouro (Salvador) aborda nas suas poesias enfrentamentos contra o sistema racista”.

O MC rima e diversifica flows narrando sua caminhada, as dificuldades que o racismo e a desigualdade social imprimem nas vivências de homens negros nas quebradas. Neuronêgo (São Felipe/Amargosa), no seu trabalho é possível perceber que coletivamente o rap do recôncavo baiano está forte e unido, com ramificações trabalhando em diversas cidades, inclusive no álbum do Neuronêgo tem os beatmakers do DJF3lip3.

*Aqui o som se fortalece,
A arte se embebe de ares
De ancestralidade e
Tecnologias políticas
Colocam em jogo forças antes Indômitas ou
adormecidas.*

*Os ancestrais querem justiça e a
Farão com as nossas ou
Com as nossas próprias mãos.*

(Us Pior da Turma- As Margens do fim do mundo)

Interessante falar sobre o trabalho do Rap Recôncavo 075 que tem uma produção dentro da cultura do hip hop dando visibilidade aos artistas negros do Recôncavo, impulsionando a cena do rap e construindo pontes para realizações dos projetos dos artistas, trazendo questões sobre identidades, trajetórias, perspectiva e projetos de vida, processos criativos, artísticos, culturais e políticos.

“Us Pior da Turma; Az Piveta das área; Jahsco M2; Quadra Sul; Cabeça de Radiola; Mano Link, Ras Elias etc. Um trabalho que vem pedindo justiça e denunciando a ameaça contra a vida negra. “*Pra bater de frente com os bota preta/ Us Kamisa preta! Us Kamisa preta*”. A Alegoria das botas com a estrutura e o aparato policial não é mera imagem poética, é de fato o pisão do Estado tremendo obstáculo na sobrevivência da juventude negra nas

³⁸ É um portal de música independente, do rap, hip hop, rock, blues, reggae, soul, podcast entre outros.

periferias baianas. Jahsco M2, Cabeça de Radiola (Mano Link/Ras Elias), Quadra sul, Conceito Articulado, Az Piveta das Área (MC Thaina e Mc Jayne) entre outros, compõem um cenário bem mais amplo e que em intersecções com os movimentos entre o rap local e nacional que expandem a compreensão de não só pela forma, como também numa espécie de articulação regional em que cidades como Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Muritiba e Cachoeira se põem numa relação intensa entre a periferia e vida negra que faz brotar imagens de resistência e continuidades para ciclos e sequências da e para a vida de muitos jovens no interior da Bahia”. (SITE RAP 075)

Nas Margens do fim do Mundo é a primeira produção do Studio Home Ibori (do DJ F3lip3), clipe gravado na Ponte D. Pedro II, entre as cidades de Cachoeira e São Félix. Us Pior da Turma se apresenta como esta arma engatilhada de um arsenal étnico contra o genocídio da população negra.

Em um dos questionamentos sobre a importância do rap/hip hop em Cachoeira e quais os impactos no cenário musical, cultural, político e social traz para Cachoeira, o DJ F3lip3 aponta que:

em Cachoeira tem um impacto gigantesco, basta olhar para as atividades, as intervenções que a gente faz. Dia das Crianças, o cinema que a gente faz também. O próprio Baile Pelo Certo impactou e mudou muito o cenário cultural de Cachoeira. Hoje muitas pessoas conhecem Cachoeira através da música do rap que é feita aqui. Falam da MC Jayne, do Uz Pior da Turma, falam do Baile Pelo Certo. Então, trouxe uma nova cena para Cachoeira. E isso é muito importante, impulsiona a cultura, impulsiona a economia da cidade. Agora 13 de Abril teremos o Baile Pelo Certo e são muitas pessoas que vêm, querendo ou não dá uma aquecida na economia da cidade. As pessoas podem nem perceber assim, mas muda um pouco a dinâmica.
(Entrevista, DJ F3lip3)

Um dos marcadores do rap é que tem um poder comunitário muito forte, com o objetivo de valorizar a autoestima dos sujeitos pobres e negros, através da arte. Quando DJ F3lip3 fala sobre as intervenções que são feitas nas comunidades, ele traz justamente o que já foi abordado anteriormente sobre as ações comunitárias em que os artistas negros, juntamente com uma parcela da juventude negra de Cachoeira fazem nas comunidades. Através do diálogo, dos laboratórios musicais, do cine do povo, dos cortes de cabelo, das apresentações dos artistas nas comunidades, das entregas de alimentos etc.

Ainda sobre a importância do rap e os impactos do rap em Cachoeira, o Leepão afirma que o rap abre um leque de possibilidades para a juventude negra

pensar sobre diferentes questões, e produzem impactos positivos de mudança e de transformação. O rap trouxe um novo cenário para Cachoeira a partir das intervenções feitas pelos artistas nas comunidades.

Eu acredito que os impactos que produzem são de transformação, de mudança, tipo, daquele jovem sem perspectiva de vida, dele ter aquela visão de que pode estudar, independentemente de ser na universidade ou não. Estudar pra produzir uma música, estudar pra ser um empresário, estudar pra ter o correzinho dele, independente do que ele faça. O rap abre muito essa visão, questão de cultura, buscar mais, beber da fonte, de onde eu sou, das minhas raízes, valorizar mais. Ser mais pela comunidade, levantar recursos, fortalecer a comunidade. Todo MC ele é político, não necessariamente partidário, mas ele faz política o tempo todo. (Entrevista, Leepão)

O rap vai muito além da música, ele é uma forma de vida, de expressão e de transformação. O amor ao rap proporciona compartilhar esse sentimento com outros jovens das comunidades, dando a eles uma forma de expressão e outras maneiras de ver o mundo pensando nas suas perspectivas de vida. É aquela expressão falada pelo Leepão a MC Velka: “o rap me salvou e ele vai salvar você também”.

“Muitas das letras de rap reúnem em si e apresentam ao público conselhos e ensinamentos advindos das vivências, além de permitirem a construção de novas perspectivas de inserção e transformação dentro da sociedade que é a própria produtora da exclusão”. (SANTOS, ALBERTO e MUNIZ 2020. p.83)

3.3 O rap e as mulheres rappers: o rap também é feminino

A não presença de mulheres no Rap é muito significativa. A primeira composição da MC Jayne foi *Mina Favelada*:

Mina Favelada

*Eu tô chegando e vou mandando aqui no movimento
Escutando essa batida pode crê que eu não aguento
Rap e o hip hop tá na veia meu irmão
Tô falando é de verdade mano, né de boca não
Dentro de casa escrevendo o meu rap pra valer
Se deixar eu vou rimando até o dia amanhecer
Porque o rap nunca sai da minha cabeça*

*Eu ando me controlando antes que eu enlouqueça
Tenho amor pelo o que eu faço e ninguém mim tira dessa
Para o povo que critica isso aí não me interessa
Eu quero é crescer a cada dia mais*

Fazendo altas rimas porque eu gosto demais
No movimento tem mais mano e tem poucas minas
Represento sem miséria e sempre com autoestima Mas
as minas vão chegar e representar daquele jeito Tudo
junto e misturado na favela e no gueto.

Refrão

Tá ligado que essa é a nova versão
Jayne vem chegando e mandando a improvisação
Se liga só que essa é a parada
Eu chego no rap e mostro que
Eu sou uma mina favelada. (2x)
Ando na ativa o tempo todo
Porque eu sou pivetona no meu gueto
Tá ligado, tranquilona
Tranquilidade pra chegar
Epra constar
Eu chego no bagulho

E aqui é nóiz que tá
Sou negra e tenho atitude
De cantar em qualquer lugar
Porque o rap me faz bem
E eu não tenho o que falar
Vou seguindo na missão
Eu tenho muito a caminhar
A MC aqui não falha
E chegou pra representar
A mente vai trabalhando
E você vai se expressando
Encaixando as palavras
Eu sigo na vida rimando
Eu vivo sim! daquele jeito
Combatendo o machismo
E também o preconceito
Pega a visão
Escuta aí que o papo
Já foi dado pela mina MC,
Eu quero é muito mais respeito E
também evolução

Nesse mundo que vivemos
Tem muita destruição
Repete refrão
Respeito é uma palavra
Que existe em todo lugar
Só que muitos não respeitam
Tem que aprender respeitar
O mundo está perdido
Aumentando a violência
As crianças sem saber
Tão chegando na inocência

*Nesse mundo tem de tudo
Por isso tem um porém
Existe o lado mau
Também o lado bem
Mães irresponsáveis
Que abandonam as criancinhas
Eu vejo os pais comendo as filhinhas
Antigamente essas coisas eram na televisão
Agora é perto de você
Isso não é mentira não*

*Por isso cada um escolhe o que quer da vida
Alguns tão trabalhando
E outros na vida bandida
O movimento aqui é grande
Fique atento meu irmão
Sou eu sou a Jayne
Expressando essa canção
Então fica ligado nessa batida
Porque eu já mandei meu papo
E essa é minha disciplina woll...*

Francimária Gomes (2019) realizou uma pesquisa interessantíssima sobre as experiências dos protagonismos das mulheres negras em Cachoeira. Nessa pesquisa, ela traz o protagonismo da MC Jayne a partir do que ela desenvolve através do rap. O rap tem influências como um espaço possível de protagonismo de jovens negras em Cachoeira, MC Jayne e MC Velka é um exemplo disso. E a partir disto, o rap aparece como uma ferramenta de transformação dentro da sociedade.

De acordo com uma pesquisa feita pela Revista Observatório do Itaú Cultural³⁹, a figura feminina no Rap no Brasil representa apenas 8%⁴⁰, e esse número continua extremamente baixos em outros gêneros musicais.

No site do Jornal Contexto⁴¹ com a matéria sobre o rap feminino traz um pouco da história da artista Negra Li e como foi a sua experiência nesse universo do rap, afirmando que em 2004 ela foi a primeira mulher rapper a assinar contrato com uma gravadora. Na matéria a artista conta que o cenário musical do rap pode

³⁹ <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/rap-funknumeros-industria-cultural>

⁴⁰ Os dados são encontrados em um estudo feito pelos pesquisadores Leonardo Morel e Vitor Gonzaga dos Santos no artigo “O funk e o rap em números”.

⁴¹ <https://www.contextojornalismo.com/2023/09/28/o-rap-tambem-e-feminino/>

ser considerado como machista, pois a presença feminina por muitas vezes acaba ficando de lado.

Como já discutido anteriormente sobre os espaços onde acontecem as manifestações dos movimentos hip hop e do rap, tendo em vista que são realizados nos espaços público, logo, são colocados e reservado ao masculino.

As mulheres rappers conquistaram recentemente os espaços que outrora era dominado por homens, porém a representação feminina dentro do movimento ainda é voltada por um olhar sob perspectivas masculinas, na construção de identidades dentro do movimento. A construção dos espaços acaba sendo representada de uma maneira problemática, inclusive quando falamos sobre cultura de rua. (SAMPAIO e VERMES, 2019)

Apesar de terem conquistado espaços dentro do movimento, as mulheres ainda enfrentam diversos desafios. MC Iza (umas das interlocutoras dessa pesquisa) aponta o quanto é difícil se desenvolver no rap, por conta dos desafios, falta de oportunidade e por ser uma mulher negra. E para tentar combater essas questões, usa as suas poesias para se expressar.

ser mulher já é difícil e cantora do rap, vixe, é você ter certeza que vai enfrentar vários desafios e oportunidades ao mesmo tempo. É saber que dentre tantos, por ser negra e principalmente mulher, você vai estar ali combatendo o sexismo e o racismo. Ter representação, levar a representação da mulher na música, no rap é um pouco complicado, então eu debato essa complicação nas minhas letras das músicas, nas minhas poesias. É saber que a gente pode dá conta, não por ser mulher, mas por ser primeiramente pessoas, se o homem pode, porque mulher não?!
(Entrevista, MC Iza)

Numa matéria para o site Estado de Minas, com discussão sobre a invisibilidade feminina no rap e no funk. A autora da matéria, Carolina Ramos, discute a partir do livro da psicóloga e ativista Larissa Amorim Borges (Periferias do Gênero). Achei muito interessante a discussão feita pela autora, pois traça de forma bastante eficiente a luta das mulheres pelo reconhecimento e pelo protagonismo.

“A dinâmica do racismo e do patriarcado interfere na vida das mulheres em todo o planeta. Muitas vezes, por mais que as mulheres negras tenham um trabalho significativo, a chance de conseguirem visibilidade, financiamento ou monetização é mais restrita. O hip hop e o funk são processos da juventude negra na diáspora, dentro e fora do continente africano. A presença da

mulher negra nesses espaços é fundamental. Não há cultura negra sem a mulher. Ainda que sejam invisibilizadas, são presentes e faz diferença na história". (SITE ESTADO DE MINAS)

MC Iza traz umas questões na sua fala sobre essa predominância masculina no rap e como os homens conseguem ter mais visibilidade do que as mulheres. E faz uma comparação das letras dos raps feitos por homens e por mulheres, ela afirma que:

“os homens têm um ar de dominância na cena do rap, tendo muitos maior visibilidade e reconhecimento, já a mulher enfrenta desafios para serem reconhecidas, nas letras das músicas por exemplo, sempre estamos colocando em pauta o racismo, preconceito, questões de gênero, e pautas raciais. As letras das músicas masculinas geram mais poder, para o público alegam ser mais chamativas, são citadas seus status sociais, mulheres, dinheiro, vivências etc. Muitas de nós usamos a música, a letra para empoderar outras mulheres que queiram seguir com o mesmo gênero musical, quebrando estereótipos”. (Entrevista, MC IZA)

Assim como destacado acima pela MC Iza, as poesias escritas por homens e mulheres possuem sentidos diferentes. O rap pode ser usado como uma ferramenta, para que as mulheres combatam as desigualdades de gênero enfrentadas dentro do movimento. As poesias escritas por mulheres relatam experiências, preconceito, vivências. As poesias escritas por homens falam sobre mulheres a partir de uma ótica materna, batalhadora, namorada, sendo direcionada a um espaço privado. (FONSECA, 2020)

No rap Rolê das Bruxas produzido pela GangaZ33 do rap 075 fala sobre as mulheres pretas, empoderadas, batalhadoras que resiste desafios para cuidar da família. Assim como foi apontado pelo MC Iza anteriormente, sobre as letras de rap feita por homens.

“as bruxas tão soltas bagaçando os padrões e levando a fama de louca... Mulheres pretas empoderadas tão portando os feets, resistimos é nós, vários anos de luta, as minas tão unidas, dominando essas ruas, carregando minhas crenças, conheço minhas origens. Ser livre é meu vício”. (Rolê das Bruxas)

No rap *Seu Refém* produzido pela ALendasZ e Angaju do rap 075, fala também sobre mulheres pretas como sinônimo de luta, força e superação de desafios sociais e históricos. A poesias abordam como histórias de resistência e coragem.

“sou treinador de uma mulher preta, não resta dúvida minha mãe é preta, Deus é mulher preta, não resta dúvida meu pai é preto, sou um homem preto, neto de Tonha preta do fato, sobrinho de Sumara do mercado. Mulheres pretas me ensinaram a dá os primeiros passos. Quantas mulheres pretas me amaram, perdi as contas, quantas mulheres pretas me odiaram, contei nenhuma. Quantos homens pretos te amaram, esses não contam, eram todos covardes. Sou refém de uma mulher preta”. (Trecho do rap Seu refém)

A arte da MC Jayne para divulgação e valorização da música rap feita por mulheres tanto na Cidade de Cachoeira quanto no Recôncavo da Bahia, é de uma representatividade enorme e de uma grandeza imensurável. Luís Ricardo Santana e Nadja Gumes (2023) desenvolveu uma pesquisa sobre o rap feminino no Recôncavo baiano sob uma perspectiva direcionada as produções da MC Jayne. Essa pesquisa traz uma abordagem sobre identidade e valorização do rap feito por mulheres que produz uma conscientização e valorização das mulheres no rap, nesse sentido, potencializando o rap feminino no Recôncavo.

SANTANA e GUMES (2023) quando questiona MC Jayne sobre como ela começou a compor, a MC Jayne responde que as poesias compostas por ela são poesias pensadas nas experiências e vivências das mulheres negras. MC Jayne afirma que canta o que sente, o que vive e o que é a realidade na comunidade. A MC Jayne também explica sobre seu processo de composições, e afirma que ela escreve sobre tudo o que ver, tudo o que acontece ao seu redor, tendo seu foco central o povo preto, e espera que suas músicas alcancem a alma dessas pessoas. Pois a população negra sobre racismo, humilhações e preconceitos e por essas questões ela desabafa em forma de música. Mulher negra periférica, a existência da MC Jayne é um ato de resistência. Artista que se coloca como ativa diante dos problemas sociais e das lutas das minorias, assim como através das suas poesias eleva a autoestima desses grupos afetados por essas violências. (SANTANA E GUMES, 2023)

Apesar de trazer essa representatividade da MC Jayne para o rap feminino no Recôncavo, por muito tempo o cenário do rap era composto por homens. Como já discutido anteriormente sobre a relação público e privado, e como isso aparece tendo impactos na trajetória de homens e mulheres. O espaço público sendo socialmente colocado como um espaço masculino e o espaço privado como um espaço feminino, a figura feminina, socialmente, ao longo da história

foram excluídas no rap, mesmo tendo uma grande parte de mulheres no movimento, colocando as mulheres como mães, donas de casas que se dedica a família e ao companheiro, domésticas etc. O fato de não ter escutado antes um rap feito por mulheres não significava que não existia mulheres fazendo rap, apenas não tinham espaços em grandes eventos (MARTINS E JUNIOR, 2020)

No site Jornalismo Junior, numa matéria sobre o rap feminino no Brasil informa que o rap era focado em animar bailes, continham mais ritmos do que letras. Durante alguns anos, passou a ser mais social. Apesar de ser em menor número, algumas mulheres foram importantes para o desenvolvimento do rap feminino. Nos anos 80 as mulheres como as garotas do Salt-n-Pepa que lançou uma das músicas mais conhecidas do hip hop, que é a Push. A MC Lyte, a primeira a lançar um álbum de rap completo. A Queen Latifah lançou o single U.N.I.T.Y que teve uma letra que marcou a história do hip hop e do rap. Dina Di foi uma das pioneiras do rap feminino no Brasil (SITE JORNALISMO JUNIOR)

Pesquisando um pouco sobre as mulheres no rap, encontrei um site “Agência de Notícias das Favelas” que conta sobre a cena das mulheres no rap e seus atravessamento. Informa sobre a existência de um documentário que está disponibilizado no YouTube sobre as mulheres no rap. O nome do documentário é “Mulheres no Rap”⁴², traz uma abordagem do cenário do rap em Salvador, contando história de mulheres que se destacaram dentro do movimento, pensando numa maneira de poder eternizar essas vivências em audiovisuais. Mulheres rappers que fizeram diferença no cenário do rap. O documentário traz o depoimento dessas mulheres contando suas trajetórias, como foram seus enfrentamentos frente ao preconceito e ao machismo. O objetivo desse documentário foi de incentivar a nova geração a se espelharem e terem referências, mostrar o caminho que elas trilharam para conseguir espaço, assim como mostrar que existem mulheres também fazendo rap, para que diminua essa invisibilidade. (SITE AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS)

A MC Jayne usa uma expressão identitária muito forte no meio artístico e nas comunidades. Ela é conhecida como “Diva”, isso significa dizer que ela nasceu para brilhar. Foi uma expressão em que o público escolheu e passou a fazer parte das suas identidades (SANTANA E GUMES, 2023).

⁴² O documentário “Mulheres no Rap” (<https://www.youtube.com/.../UCT2Q-Jb0UTEd.../featured>).

A MC Jayne fez um show inédito no São João de Cachoeira 2024 no palco maniçoba, apenas com música autorais e lotou a praça 25. Foi também convidada para participar do Canjerê Cultural 2024 na cidade de Salvador, para o Movimento Cidade no Espírito Santo e para o festival de Rima e Rap em Salvador. A MC Jayne é referência no rap feito por mulheres no Recôncavo. O Movieclipe da sua música “Guerreira de Fé” foi selecionado na 17ª edição do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul 2024 no Rio de Janeiro. O mesmo movieclipe foi selecionado para ser transmitido na Mostra Ritmo nas Ruas em Santo Antônio de Jesus. O clipe “Respeita as Tias” foi selecionado para o Queima -Festival de Videoclipes em Curitiba. Este mesmo clipe foi selecionado para o Festival Cine Lobeira 2024 em Goiás. **“A DIVA TÁ NA CASA”**.

Figura 21 - Apresentação da MC JAYNE no São João de Cachoeira 2024



Foto retirada das redes sociais da MC Jayne



Foto retirada das redes sociais da MC Jayne

Essa expressão “A diva tá na casa” é usada pela MC Jayne nas suas apresentações. O seu público que a batizou com essa expressão, pois conta que nasceu para brilhar, por isso é chamada de diva. A expressão passou a ser parte da sua identidade.

Finalizo com um rap feito pelo Leepão que traz o rap como uma arte que salva vidas, assim como foi discutido em vários momentos da dissertação.

*“Obrigado rap, a arte pra salvar as minas e os pivetes.
Recôncavo baiano grandão, firme e forte. 075 real, hip hop.
Conceição do Almeida tá no coração, eu amo, pô, né de boca
não. Quero me alegrar com meus piva de verdade. Gratidão
R.A.P, várias comunidades. Do menor ao mais velhinho o brilho
no olhar, força e inspiração pra continuar. Investe na cultura que
tem transformação, os cria tá na pista e faz revolução. Investe na
cultura que tem transformação, as minas representa, pura
disposição.*

Coletivo da quebrada, se o sistema escorraça... a rua praça. Seu discurso a lutar tô disposto a vencer, até o fim, sigla CDQ. Na pegada do bumbo da real CDA, a arte vem pra salvar. Se essa rua fosse minha eu mandava grafitar, desse jeito não vai dá. Vários pivetudo pronto pro combate, daquele jeitão, o poder da arte.

Obrigado rap, a arte para salvar as minas e os pivetes”

(Música- Obrigado rap de Leepão)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“*O rap salva vidas*”, essa frase foi utilizada pela maioria dos artistas negros que participaram dessa pesquisa. Partindo disto, é importante salientar o quanto o rap e o movimento hip hop tem uma fundamental relevância não só musical, mas política, social e cultural, e não só para Cachoeira, como também para o Recôncavo Baiano. O que o rap traz de impactos para a juventude negra, muda um contexto de vida e transforma perspectivas de futuro, com base nos estudos sobre o rap e o movimento hip hop, e nas considerações apontadas pelos artistas negros do Recôncavo. No Brasil, rap surge nas periferias e favelas como uma forma de expressão de resistência para a discriminação racial, social, cultural e de classe.

O Leepão aborda na sua música *Obrigado Rap* vários pontos importantes sobre o poder da arte e do rap para a juventude negra e valoriza os coletivos do Recôncavo que desenvolvem atividades com o intuito e objetivos de alcançar jovens negros através da arte e do rap. E isso se concretiza nas ações que trago ao longo dessa pesquisa realizadas pela juventude negra artística do Recôncavo. Os impactos dessas ações coletivas, sociais e políticas recaem nas comunidades e nas juventudes locais, assim como nas mães que por várias vezes ver seus filhos sem lazer e sem espaços de socialização. O laboratório de rap tem um impacto, ouse-me a afirmar que pode transformar vidas, pois a partir desses laboratórios, onde esses jovens, crianças e adolescentes falam sobre si, falam sobre seus anseios, sobre seus projetos, sobre o que pensam para o seu futuro. Por muitas vezes não temos esses espaços de pensar sobre nossos projetos de vida e projetos de futuro, e vamos seguindo de acordo com o que é posto para nós. Partindo disto, acredito que esses espaços são fundamentais para refletirmos sobre nós, a partir do que nós queremos viver.

O sentido do rap é justamente de mudança de perspectivas e mudanças de vida. É de pensar o quanto a juventude negra vem sofrendo pelo longo dos anos e apresentar um “mundo novo”, com possibilidades, com construção de projetos de vida e de perspectivas de futuro, tendo consciência de que mesmo com tanto preconceito, violência e racismo cotidianamente, a busca por um projeto de futuro e de vida são constantes a partir do que o rap é e significa na

vida deles. E com a influência do quinto elemento do movimento hip hop (o conhecimento), os artistas a partir dos seus projetos, oficinas, batalhas, ações comunitárias etc., tentam de maneira acessível desenvolver diálogos com jovens e crianças não só voltado para o lado musical, mas também para falar sobre vivências, sobre trajetórias de vida, sobre seus ancestrais, sobre preconceito, racismo, violências, e principalmente sobre futuro.

O rap é um elemento de fundamental importância para os artistas negros de Cachoeira e do Recôncavo baiano pelo que representa na vida deles, e pela forma que alcança outros jovens. Nas entrevistas era perceptível a maneira em que os artistas se doavam e o amor em fazer com que o rap chegasse nas outras pessoas, usando a frase do Leepão para a Velka: *“o rap me salvou, ele vai salvar você também”*, e é por entender e compreender a importância do rap e do que ele pode causar na vida das pessoas que eles fazem com que o rap alcance outras pessoas. A expressão “o rap salva vidas” ela vem carregada de uma filosofia que perpassa a se contrapor a situações de misérias, de pobreza, do crime, das violências diversas, buscando interpretar a realidade social e ao mesmo tempo buscando transformar essa realidade a partir da arte do rap.

A vivência do rap vai para além de uma experiência individual, ela vira uma experiência coletiva, a juventude se une para alcançar outros. O que é feito nas comunidades resume, ações feitas para tentar transformar o espaço cercado por violências, em arte, cultura, música e outros instrumentos para um caminho longe da realidade vivenciada pela juventude negra. É uma oportunidade e possibilidade de tornarem protagonistas de seus destinos.

Tendo em vista as questões discutidas sobre as vivências e experiências da juventude negra no rap, sobre as formas de representatividade e construção de identidades da juventude negra em Cachoeira e no recôncavo, como as diversas ações e projetos que são desenvolvidos dentro do movimento tendo um contato direto com as comunidades impulsionado a construção de perspectivas de vida da juventude, com base nas referências teóricas e nos artistas que participaram e construíram comigo essa pesquisa, é inegável e podemos afirmar o quanto o rap se torna um espaço onde pode ser construído novas sensibilidades, novas oportunidades e novas propostas políticas e culturais. E por isso, os artistas têm um compromisso com as comunidades, com a realização de

oficinas de rap, graffiti e produção musical, passam filmes sobre negritude, sobre relações raciais, fazem ações sociais como cortes de cabelo, entregas de alimentos. São atividades que são voltadas e que contribuem para uma formação social, cultural e política da juventude. Assim como o Baile pelo Certo tem um foco no fortalecimento e na visibilidade dos artistas negros de Cachoeira e do Recôncavo.

Por fim, centrado na valorização da cultura negra, o rap apresenta elementos que auxiliam na autoestima, no modo de pensar, de se entender, de pensar sobre si, de construir suas identidades e construir seus projetos e perspectivas de vida e de futuro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nathalia Pereira. **Movimento hip hop: educação antirracista**. Dissertação de Mestrado. Cachoeira-BA. 2020.

ANANIAS, Maria Julia; BRAGA, Victoria; RAMOS, Paulo César; TOLEDO, Sofia. **Juventude Negra no Brasil: Desafios e Perspectivas**. Democracia e Direitos Humanos. Fredrich-Ebert-Stifung (FES) Brasil. São Paulo, 2021.

ANISTIA INTERNACIONAL BRASIL. Campanha Jovem Negro Vivo. 2020. Disponível em: <http://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/>.

AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Pedro. **Violência Social e Genocídio da juventude negra do Brasil**. *Hist. R.*, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 146-166.

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 112-121p.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero, Raça e ascensão social**. *Revista Estudos Feministas* n.2, 544-552, 1995.

CARVALHO, João. **O grito do subúrbio**. Recife, A ponte online, 22 dez. 2000. Disponível na Internet: www.aponte.com.br/omeio. Data de acesso: 01 fev. 2001.

CARVALHO, Silvana da Fonseca. **O rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer e modos de fazer literatura**. *Crítica Educativa*. Sorocaba/SP, p. 135-145, 2019.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

CIRINO, Andréa Cristina. **Rap enquanto performance: um evento de comunicação e expressão musical**. *Educ. temat. Digit.* Campinas, SP, p. 126139, 2012.

CONCEIÇÃO, Felipe Ramos. **Perspectiva acerca de uma estratégia de enfrentamento ao genocídio no interior da Bahia: o movimento hip hop de Cachoeira no contexto da antinegitude**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais), Centro de Artes, Humanidades e Letras – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, 2018.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000. CUCHE, Dens. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAYRELL, J. T. **Juventude, grupos de estilo e identidade**. Educação em Revista, 30, 25- 39, 1999.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, São Paulo, V.8, n.1, p. 117-136, jan/jun. 2002.

DAYRELL, Juarez. **A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. **Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 2016, p.183-200.

FONSECA, Ana Silvia A. da. **Versos violentamente pacíficos: o rap no currículo escolar**. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

FREITAS, Matheus Silva. **A compreensão e denúncia das violências raciais como genocídio da população negra**. Simbiótica, Vitória, v.7, n.3 (jul.dez./2019)

GOMES, Francimária Ribeiro. **Trânsitos musicais e comunicação popular: experiências de protagonismo de mulheres negras em Cachoeira/BA**. Salvador, 2019.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópoles, Vozes, 2017.

GOMES, Nilma L; LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra**. Educ.rev. Vol34, 2018.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Rap: transpondo as fronteiras da periferia**. In: ANDRADE, Elaine Nunes (org). Rap e educação, rap é educação. São Paulo, Summus, 1999.

GROPPO, L. Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e histórias da juventude moderna**, Rio de Janeiro, DIFEL, 2000.

HILTON, Jorge. **Bahia com H de Hip Hop**. 1ª ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.

JESUS, Wallace Felipe Cardozo de. **Podcast reg de rap: a história do rap em Salvador e região metropolitana**. Salvador, 2020. P. 1-91.

LANGDON, Jean. 2006. **Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs**. Revista Ilha. Vol.8, núms 1-2. Pp.162-183.

LOURENÇO, Mariane Lemos. **Arte, cultura e política: o movimento hip hop e a constituição dos narradores urbanos.** *Psicol.Am.Lat.*[online]. 2010, n.19. INSS 1870-350X.

MACEDO, Iolanda. **A linguagem musical Rap: expressão local de um fenômeno mundial.** *Tempos Históricos.* Marechal Cândido Rondon, v. 15, p. 261-288, 2011.

MACHADO, Elisa Campos; PRADO, Geraldo Moreira. **O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento.** *João Pessoa*, v.20, p-51-60, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como práticas e experiências.** *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, RS. n.32.pg. 129-156, 2009.

MANNHEIM, Karl. **O problema da juventude na sociedade moderna.** In: BRITO, S. (org.). *Sociologia da Juventude I.* Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. FONSCECA, Ricardo Lopes. **A representação das mulheres no rap: instituindo espacialidade, quebrando barreiras.** *Revista USP*, São Paulo. p 25-37, 2020.

MARTINS, Maria Luisa Barbosa; JUNIOR, Neurivaldo Campos Pedroso. **Mulheres no rap nacional: as lutas do feminismo negro.** Setembro, 2020, p.118)

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, Salvador, 2008.

MOREIRA, D. O. **Cês acharam que eu iria morrer cedo? Narrativas e projetos de vida de jovens homens negros em contexto de antinegitude: uma análise no bairro da rua da feira, em Cachoeira-BA.** (Trabalho de conclusão de curso no bacharelado em Ciências Sociais). Cachoeira: UFRB, 2021.

MOREIRA, D. O. **Pixos da morte: narrativas visuais e subjetividades negras nas “quebradas” da cidade “heroica”.** (Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Cachoeira: UFRB, 2022.

NAVA, Mirela Cecília Rocha; LIMA, Rodrigo da Costa. **A influência e a representatividade do hip hop como ferramenta de expressão na moda e no comportamento da população Afro Estadunidense.** Santa Catarina, 2020, p. 1-17.

NETO, Manoel Alves de Araújo. **Experiências e educação: percepções acerca da formação intelectual de MC's negros/as do Recôncavo da Bahia.** Salvador, 2019.

PAULA, Benjamin Xavier. **O movimento hip hop e a construção da identidade negra juvenil**. Revista da ABPN, 2011 v. 2, n. 5, p.63-73.

Pele alvo: a cor que a polícia apaga / Silvia Ramos... [et al.]; ilustrador Douglas Lopes. – Rio de Janeiro: CESeC, 2022.

PINTO, C, V.; MELLO, C, C. **Linguagem do RAP como Resistência à (s) norma (s)**. Porto das Letras, v.6, n. 1, p. 93-113, 2020.

PIRES, João Rodrigo Xavier. **Da tropicália ao hip hop: contracultura, repressão e alguns diálogos possíveis**. (trabalho de conclusão de curso) – Departamento de História. Rio: PUC, 2007.

RAMOS, G. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip-hop: a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 130.

ROSA, Érica Paiva. **Tem lugar para o rap na “Cidade Canção”?**. Revista Entrelances. V.13. Nº25. Jul.-set, 2021.

SAMPAIO, Carolina; VERMES, Mônica. **Domínio do Corpo: Representações femininas no Rap**. Intercom. XXVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vitória - ES, 2019, p 1- 13.

SANTANA, Luís Ricardo Soares; GUMES, Nadja Vladi. **Rap Feminino no Recôncavo Baiano: Olhar sensível para as obras de MC Jayne de Cachoeira**. Intercom. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUCMinas – 2023, p.1-12.

SANTANA, Cileide Batista de; LIMA, Daiana de Medeiros e MAIA, Andréa Karina Albuquerque. **Mulheres e Resistência: a utilização do rap como instrumento de empoderamento e manifestação folkcomunicacional**. Intercom. Fortaleza, 2017, p. 1-15.

SANTOS, Alice Cristina Silva dos; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira e MUNIZ, Aila Souza. **Possibilidades e potencialidades do rap ára adolescentes e jovens cumprindo medida socioeducativa**. Estudos de Psicologia, 2020, p. 8090.

SANTOS, Joel Rufino. **O que é racismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SILVA, Márcia Francisca de Oliveira. **Os gêneros da rima: um estudo com vídeos do youtube**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. Florianópolis, 2017.

SOUZA, A. M. de. **A caminhada é longa... e o chão ta liso: o movimento Hip Hop em Florianópolis**. São Leopoldo: Trajeto Editorial, 2016.

STOPPA, Edmur Antônio; MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Hip hop, lazer e participação sociocultural**. Licere, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.34-52, 2006.

TELLA, Marco Aurélio Paz. **Atitude, Arte, Cultura e autoconhecimento: o rap como a voz da periferia**. São Paulo: PUC\CS\DA, 2000. (Dissertação de Mestrado)

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. Dossiê: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. Revista Sociedade e Estado. Vol.25, nº 2, Brasília Maio/Ago. 2010, p. 205- 224.